



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM LETRAS/ESTUDOS LITERÁRIOS
LEITURA E RECEPÇÃO DA LITERATURA NO BRASIL

REGINA BARBOSA DA COSTA

IMAGENS DE LEITURAS EM *CHOVE NOS CAMPOS DE CACHOEIRA*, DE
DALCÍDIO JURANDIR

Belém - PA
2014

REGINA BARBOSA DA COSTA

IMAGENS DE LEITURAS EM *CHOVE NOS CAMPOS DE CACHOEIRA*, DE
DALCÍDIO JURANDIR

Dissertação apresentada ao Curso de
Mestrado em Letras/Estudos Literários do
Instituto de Letras e Comunicação da
Universidade Federal do Pará, para
obtenção do título de Mestre em Estudos
Literários.

Orientação: Prof.^a Dr.^a Marli Tereza Furtado.

Belém - PA
2014

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

Costa, Regina Barbosa, 1965 -
Imagens de leituras em chuva nos campos de
cachoeira, de Dalcídio Jurandir / Regina
Barbosa Costa. - 2014.

Orientador: Marlí Tereza Furtado.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal
do Pará, Instituto de Letras e Comunicação,
Programa de Pós-Graduação em Letras, Belém,
2014.

1. Jurandir, Dalcídio, 1909-1979. Chuva nos
campos de Cachoeira- Crítica e interpretação. 2.
Ficção brasileira - Pará - Séc. XX. I. Título.

CDD 23. ed. 869.934

REGINA BARBOSA DA COSTA

IMAGENS DE LEITURAS EM *CHOVE NOS CAMPOS DE CACHOEIRA*, DE
DALCÍDIO JURANDIR

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Letras/Estudos Literários do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará, para obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Data de aprovação: 13 / 08 / 2014

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Marlí Tereza Furtado - Orientadora

Prof.^a Dr.^a Simone Cristina Mendonça - Membro

Prof.^a Dr.^a Germana Maria Araújo Sales - Membro

Ao Ricardo Costa

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado a força necessária para superar os muitos obstáculos que surgiram no decorrer das etapas deste trabalho.

À orientadora, Prof.^a Dr.^a Marli Tereza Furtado pela dedicação, compreensão, seriedade e competência com que conduziu a orientação desta pesquisa e também pela valiosa contribuição para meu amadurecimento intelectual e pessoal.

A coordenadora do Mestrado (PPGL/UFPA) Professora Dr.^a Germana Sales, com quem tive a oportunidade de conviver como coordenadora, professora e também como examinadora de banca de qualificação, pelas acertadas observações que muito contribuíram para o amadurecimento da minha pesquisa.

A professora Dr.^a Marília Ferreira, que com sua peculiar gentileza soube sempre oferecer uma orientação adequada para a efetivação das tarefas no PPGL.

Aos professores: Dr.^a Lilia Chaves, que com sua simplicidade, conhecimento e poesia faz a vida sorrir; Dr.^a Socorro Simões, que me mostrou os saberes literários fora dos muros universitários pelo espelho do IFNOPAP, Dr.^a Valéria Augusti, que me apresentou Chartier; Dr. Silvio Holanda, que me mostrou as faces de Guimarães Rosa; Dr. Luís Heleno Montoril, pelas longas reflexões a cerca da literatura e suas vertentes.

Aos secretários do PPGL pela atenção e respeito que sempre dispensaram aos alunos do mestrado.

Aos funcionários da biblioteca, pela excelência no atendimento aos discentes.

Aos amigos Edvaldo Pereira, pela valiosa interlocução em conversas sobre literatura e Suelen Batista pela amizade, companheirismo e auxílio na pesquisa em Cachoeira do Arari e Ponta de Pedras e também pelas aventuras inenarráveis.

Aos amigos de estudos rosianos Suellen Cordovil e Leonardo.

Aos companheiros do mestrado que me fizeram ter uma visão holística da academia: Edimara Ferreira, Joseane, Rosalina, Neila, Lilian Lobato,

Tayana, Alinie, Alan, Alan Flor, Shirley, Jairo Vanzler, Thiago de Melo Thiago Veríssimo, Harley Dolzane, Veridiana e Vivianne Vulcão.

As amigas professoras de longa data Maria de Nazaré, Rejane Garcez, Idalina Pingarilho, Eliana Costa.

A professora Júlia Maria Nogueira pela amizade e leitura dos meus textos.

Ao grupo de oração do Guamá: Rosangela Barbosa, Cacilda, Cláudia, Dulce, Eliene e Carlos.

Ao Professor Franco Avelar, pela interlocução na língua inglesa.

Ao Marcelo Oliveira, pelo auxílio na área de informática.

Aos gestores da Secretaria de Estado de Educação, que me concederam licença-estudo.

Aos gestores do HPSM-MP, em especial ao Coordenador do Centro de Estudos, Dr. Marcus Vinícius Henriques Brito, à Coordenadora dos Recursos Humanos do HPSM-MP, Silvia Simone Portilho e à Nilma Pacheco pela compreensão e gentileza ao tratar das minhas dispensas, licenças, férias, trocas e substituições.

À equipe de trabalho do Centro de Estudos do HPSM-MP, pela compreensão e apoio: Eurides Cardoso, Rômulo Diógenes, Suely Bastos, Nely Cals, Fernando Reis, Raimunda Reis, Rosilene Santos.

Aos colegas, gestores, professores e alunos da Escola Estadual Ulysses Guimarães, pela fraterna amizade.

Aos colegas, gestores, professores e alunos da Escola Superior Madre Celeste, em especial a equipe de Letras Espanhol/Inglês, Educação Física e Enfermagem.

Ao meu pai, Manoel Costa, um lutador por excelência, que me ensinou como vencer as mais difíceis batalhas; a minha mãe, Joana Costa, que sempre me mostrou que os sonhos são ilimitados; aos meus irmãos Isac e Tiago que sempre acreditaram em mim; as minhas irmãs Luzia e Rute, pelo apoio e incentivo constante; aos meus cunhados Roberto e Fabrício pelo apoio; aos meus sobrinhos Lílian, Laís, Adenilson, Samuel, Andréa, Suellen, Rodrigo e a Tamirys, leitora dos meus abstracts e extensão de conversas acadêmicas.

E a todos que contribuíram na construção desta pesquisa; uns de forma direta e outros de forma indireta.

Um livro não tem autor, mas um número infinito de autores. Pois, aquele que o escreveu acrescenta-se de pleno direito no ato criador o conjunto daqueles que o leram, o leem ou o lerão. Um livro escrito, mas não lido, não existe plenamente. Não possui senão uma semi-existência. É uma virtualidade, um ser exangue, vazio, infeliz que se esgota em um apelo à ajuda para existir. O escritor o sabe, e quando ele publica um livro ele deixa na multidão anônima dos homens e das mulheres, uma nuvem de pássaros de papel, vampiros secos, sedentos de sangue, que se espalham em busca de leitores. Apenas um livro se abate sobre o leitor, enche-se com seu calor e com seus sonhos. Floresce, desabrocha, torna-se enfim o que ele é: um mundo imaginário *foisonnant*, em que se misturam indistintamente - como no rosto de uma criança, os traços de seu pai e de sua mãe - as intenções do escritor e os fantasmas do leitor.

(M. Picard)

RESUMO

Este estudo tem por finalidade apresentar as imagens de leituras praticadas por personagens-leitores, no livro *Chove nos campos de Cachoeira* (1941), de Dalcídio Jurandir (1909-1979). O intuito da pesquisa é trazer um novo olhar sobre a produção ficcional do escritor, a partir das leituras de personagens e conhecer, por meio da ficção, o complexo cultural existente na região marajoara. A obra que abre o ciclo do *Extremo Norte* apresenta vários personagens que representam diferentes tipos de leitores: desde o leitor de obras eruditas ao leitor intensivo de folhetins. Dessa forma, o escritor paraense, ao lado da denúncia social, própria desse romance e de todo o ciclo, figura no complexo processo de aquisição da cultura letrada na região. Assim, a pesquisa foi dividida em cinco capítulos: o primeiro capítulo compreende a parte introdutória da pesquisa; o segundo, aborda *A ficção dalcidiana no espaço amazônico*, composto pelos tópicos *Dalcídio: o leitor da Amazônia* e *O espaço amazônico redimensionado*, que tratam da leitura do escritor e da projeção do cenário marajoara de maneira real e imaginária, apontando os problemas sociais, comuns ao Brasil e ao resto do mundo. No terceiro, será focalizada a teoria sobre leitura, leitor e personagem, apontando os principais teóricos utilizados na pesquisa. O quarto capítulo tratará dos leitores da família do Major Alberto, com os tópicos *O gabinete de leitura do Major Alberto*, *Eutanázio: a falência do ser e a eternização da palavra* e *Alfredo: um menino leitor*. O quinto e último capítulo abordará as diferenças paradoxais entre leituras e leitores, mostrando um leitor comum ao lado de um erudito, nos tópicos *Os contrassensos do Dr. Campos* e *Salu, leitor e contador de histórias*.

Palavras-chave: Personagem. Leitura. Literatura.

ABSTRACT

This study aims to present the readings sketches practiced by characters-readers in the book *Chove nos campos de Cachoeira* (1941) of Dalcídio Jurandir (1909-1979). The research aims at raising a new sight over the fictional production of the writer, from the readings of characters and get to know, throughout the fiction, the existing cultural complex in the Marajoara region. The work opens up the cycle up of the *Far North* and has got several characters that represent different types of readers: from the reader of scholar to the intensive of serials. Thus, the writer of Pará by the social denunciation, peculiar of this novel itself and the whole cycle, perform into the complex process of acquisition of literacy in the region. In this manner, the study is divided into 5 chapters. The first, forewording the research. The second, which deals with The dalcidiana fiction in the *Amazon space* composed by the Dalcídio heading: *the reader from Amazon* and *The Amazon space resized* address the lecturer readings and the projection of marajoara scenario on real manner and imaginary pointing out the social problems, ordinary in Brazil and worldwide. In the third, the theory will be focused on reading, reader and character, indicating the main theorists used in the research. The fourth chapter will address the readers of the Major Alberto family, with the topics *The Major Alberto*, *Eutanázio: collapse of the creature and perpetuation of the word* and *Alfredo: an infant reader*. The fifth and final chapter will address the paradoxical differences between readings and readers, showing an ordinary reader to the side of a scholar, in the topics *The Incongruities of the Dr. Campos* and *Salu* reader and storyteller.

Key words: Characters. Reading. Reader.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - ASPELPP-DJ na casa onde nasceu Dalcídio Jurandir, em Ponta de Pedras-PA.....	30
Figura 2 - Casa onde morou o escritor Dalcídio Jurandir em Cachoeira do Arari-PA.....	31
Figura 3 - Placa de tombamento da casa de Dalcídio Jurandir em Cachoeira do Arari-PA.....	32
Figura 4 - Universidade Aberta do Brasil Dalcídio Jurandir, em Cachoeira do Arari-PA.....	33
Figura 5 - Praça Dalcídio Jurandir (Belém-PA).....	35
Figura 6 - Jornal <i>Gazetinha</i> (ano 2, 1922)	54
Figura 7 - Revista <i>La Hacienda</i>	57
Figura 8 - <i>Almanaque Agrícola Brasileiro</i>	57
Figura 9 - Revista <i>Chácaras e Quintais</i>	58
Figura 10 - Livro <i>O manuscrito materno</i> , v. I	86
Figura 11 - <i>A mulher adúltera</i> -Enrique Escrich	86
Figura 12 - Livro <i>Rainha e Mendiga</i> -Antonio Contreras	88
Figura 13 - Livro <i>A dor de Amar</i> (Le mal d'aimer)-Henri Ardel	89

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Preferência de leituras - Textos Literários.....	46
Tabela 2 - Preferência de leituras - Textos não-Literários.....	49

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 A FICÇÃO DALCIDIANA NO ESPAÇO AMAZÔNICO	21
1.1 Dalcídio Jurandir: o leitor da Amazônia	21
1.2 O espaço amazônico redimensionado	26
2 O UNIVERSO TEÓRICO DE LEITURAS, LEITORES E PERSONAGENS	36
2.1 A leitura e o leitor	36
2.2 O personagem.....	42
3 UMA FAMÍLIA DE LEITORES	52
3.1 O gabinete de leitura do Major Alberto	52
3.2 Eutanázio: a falência do ser e a eternização da palavra	62
3.3 Alfredo: um menino leitor	71
4 DIFERENTES LEITORES, DIFERENTES LEITURAS	79
4.1 Os contrassensos do Dr. Campos.....	79
4.2 Salu, o contador de histórias	84
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
REFERÊNCIAS	96
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	99
ANEXOS	102
ANEXO 1 - Dissertações sobre o escritor Dalcídio Jurandir na UFPA.....	103
ANEXO 2 – Se se morre de amor	104
ANEXO 3 - Ouvir estrelas	105
ANEXO 4 - As pombas	106
ANEXO 5 - O amor e o medo.....	107

INTRODUÇÃO

“A maior parte do tempo de um escritor é passado na leitura, para depois escrever; uma pessoa revira metade de uma biblioteca para fazer um só livro”

(Samuel Johnson)

Dalcídio Jurandir (1909-1979)¹ despontou como escritor no cenário literário nacional, após vencer, em 1940, um concurso de romances promovido pelo jornal literário *Dom Casmurro*, em parceria com a Vecchi-Editora. O idealizador do concurso foi o escritor Jorge Amado, um dos colaboradores do periódico, que era dirigido por Brício de Abreu e Álvaro Moreyra e contava, ainda, com importantes nomes da literatura como Murilo Mendes, Oswald de Andrade, Raquel de Queiroz, Cecília Meireles, Graciliano Ramos, Carlos Lacerda, Franklin de Oliveira, entre outras personalidades.

O romance vencedor do primeiro lugar no concurso foi *Chove nos campos de Cachoeira*, de Dalcídio Jurandir², que teve divulgação anunciada no próprio jornal promotor do evento, com a seguinte nota de Brício de Abreu: “Chegamos ao fim, premiando um rapaz desconhecido completamente, que vive em Belém do Pará, que nunca veio ao Rio³ e que, segundo me dizem é muito jovem e índio-marajoara, natural da ilha do Marajó” (DOM CASMURRO, 1940, p. 01). Vale destacar que Dalcídio Jurandir concorreu ainda com outro livro seu no referido concurso, o *Marinatambalo* que depois recebeu o nome de *Marajó*⁴.

O escritor marajoara recebeu outras premiações como: o prêmio *Paula Brito*, da Biblioteca do Estado da Guanabara e o *Luíza Cláudio de Souza*, do

¹ Dalcídio Jurandir nasceu na Ilha do Marajó (PA), no município de Ponta de Pedras em 1909 e morreu no Rio de Janeiro (RJ), 1979. Morou em Cachoeira do Arari até 1922 e foi para Belém estudar, mas não concluiu os estudos. Além de escritor, foi também jornalista, tendo intensa atuação como redator e colaborador, no Pará em: *O Imparcial*, *Crítica Estado do Pará*, *Revista Escola*, *Revista Guajarina*, revista *Novidade* e *Revista A Semana*; no Rio de Janeiro em: *O Radical*, *Diretrizes*, *Diário de Notícias*, *Correio da Manhã*, *Tribuna Popular*, *O Jornal*, *Imprensa Popular*, revista *Literatura*, revista *O Cruzeiro*, semanário *Classe Operária*, *Para Todos e Problemas*.

² O pseudônimo adotado por Dalcídio Jurandir para o concurso foi Jagarajó.

³ Os dados biográficos de Jurandir apontam que ele viajou para o Rio de Janeiro em 1928, e que trabalhou como lavador de pratos no café e Restaurante São Silvestre e em seguida foi admitido como revisor da Revista *Fon-Fon*, sem receber remuneração.

⁴ Consta na 3ª edição do livro *Marajó* (1992), que seus amigos Maciel Filho e Abguar Bastos enviaram o *Marinatambalo*, ao concurso, sem o conhecimento do escritor.

Pen Clube do Brasil, pelo livro *Belém do Grão-Pará* (1960), além do prêmio Machado de Assis, pelo conjunto de sua obra, dado pela Academia Brasileira de Letras (ABL). Em 2007, foi homenageado com a criação do Prêmio Dalcídio Jurandir de Literatura, implantado pela Fundação Cultural Tancredo Neves em colaboração com a Secretaria de Cultura do Pará.

É importante ressaltar a força com que desponta Dalcídio Jurandir para o panorama literário nacional, estreando com reconhecimento de grandes escritores do Brasil desta época. Este impulso foi primordial para sua trajetória de escritor, pois assim o público pode conhecer o premiado *Chove nos campos de Cachoeira*, que teve publicação em 1941, e os outros romances que o seguiram para constituir o ciclo do *Extremo Norte*, composto de dez romances: *Chove nos campos de Cachoeira*, (1941), *Marajó* (1948), *Três casas e um rio* (1958), *Belém do Grão-Pará* (1960), *Passagem dos Inocentes* (1963), *Primeira manhã* (1967), *Ponte do Galo* (1971), *Os habitantes* (1976), *Chão dos Lobos* (1976) e *Ribanceira* (1978). O escritor também publicou *Linha do parque*, em 1959, livro que não pertence ao *Extremo Norte*, por ser um romance encomendado pelo Partido Comunista e apontar para outra realidade social vivenciada pelo autor no Rio Grande do Sul, quando era repórter da *Imprensa popular*.

Sobre a produção literária de Dalcídio Jurandir vários estudiosos da literatura já fizeram referências, como: Afrânio Coutinho, Antonio Olinto, Benedito Nunes, Alfredo Bosi, Jorge Amado, Carlos Drummond de Andrade, Massaud Moisés, Willi Bole, além da realização de importantes projetos desenvolvidos por professores da Universidade Federal do Pará (UFPA), Universidade do Estado do Pará (UEPA) e Universidade da Amazônia (UNAMA), como os professores Marli Furtado, Gunter Karl Pressler, Josebel Akel Fares, Rosa Assis e Paulo Nunes.

No que concerne ao espaço da pesquisa *Strictu Sensu*, dados apontam que só na UFPA, foram produzidas vinte e duas dissertações de mestrado sobre a obra do escritor⁵, entre os anos de 1998 e 2013, representando uma evolução expressiva para os estudos literários e um progresso no campo da literatura na região, que teve a contribuição significativa da pesquisadora Dr.^a

⁵ Ver tabela de dissertações nos anexos.

Marlí Furtado na orientação de quatorze projetos literários sobre a produção literária do escritor marajoara, contabilizando apenas os trabalhos no âmbito de mestrado.

Convém assinalar que a Amazônia, concebida por Dalcídio Jurandir, difere daquela que era conhecida e mostrada até então pelos escritores da região Norte, em cujas obras eram expostas as belezas naturais da terra e explorada a mitologia regional, ou mesmo as que resultaram de uma “tradição literária sobre a Amazônia timbrada pela reverberação do Verbo, na tentativa de desvelar uma Natureza opulenta e vitoriosa” (FURTADO, 2010, p.15-16). Este espaço ilusório será destituído por Jurandir para o surgimento de outra visão do local, que contrasta drasticamente com a que era até então registrada.

Jurandir verbaliza uma Amazônia que sofre com problemas sociais e econômicos comuns em outras regiões do país e do mundo, porém essa Amazônia é representada de forma singular na ficção do escritor, “derruída, sem perspectivas, atônita, após a derrocada de um ciclo econômico⁶ que ergueu palácios, teatros, palacetes; que deu ares europeus às altas temperaturas locais” (FURTADO, 2010, p.19). O escritor introjeta na obra sensibilidade e consciência social, desvelando a região sem idealização, com todas as suas mazelas.

Cabe observar que Dalcídio Jurandir apresenta a imagem de uma sociedade miserável e sem perspectiva, num quadro de analfabetismo grave, mas de um modo quase paradoxal, ao focalizar uma série de personagens-leitores em sua obra, retratando, inclusive, os efeitos da leitura de alguns desses personagens.

Desse modo, as condições de vida na sociedade marajoara são também evidenciadas a partir da leitura dos personagens que protagonizam o ato de ler na obra, já que neste romance “o ato de ler é discutido em suas múltiplas possibilidades e funções, estando relacionado a atividades e atitudes, tais como recitação, fuga, educação e transformação” (HOLANDA, 2010, p. 178), de acordo com o desenho de cada personagem na narrativa.

⁶ O ciclo econômico referido no texto é o *ciclo da Borracha* que aconteceu na região Amazônica entre o final do século XIX e início do século XX. Este ciclo trouxe para o cenário belenense grandes transformações sociais, culturais, arquitetônicas, que influenciaram nos costumes e valores locais de uma classe em ascensão nesse momento, a burguesia belenense.

Em virtude desse viés amazônida, traçado por Dalcídio Jurandir, optamos por analisar, nesta pesquisa, as imagens de leitura presentes em *Chove nos campos de Cachoeira*. O estudo em questão, além de apontar para uma variedade de leitores que se apropriam de textos tais como jornais, revistas, romances, poesias, biografias, livros religiosos, dentre outros, permite também conhecer o acervo de livros e o universo da cultura letrada representada na Amazônia, especialmente no Marajó, maior ilha flúvio-marinha do mundo, localizada no nordeste do estado do Pará, na embocadura do rio Amazonas, próxima à linha do Equador, que ocupa uma área de 49.606 Km², e onde se localiza o enredo da obra analisada e de outras do ciclo.

A verificação da representação da leitura por personagens, em uma obra, pode ser uma aliada dos estudos culturais para entender os costumes, os valores, os hábitos e modos de leituras trabalhados na literatura, uma vez que inúmeros são os registros de personagem-leitor na literatura ocidental. Servem como exemplo as obras: *D. Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes; *Hamlet*, de William Shakespeare; *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *A mão e a luva*, de Machado de Assis; *O primo Basílio*, de Eça de Queirós; *Felicidade clandestina*, de Clarice Lispector, dentre outras obras que apresentam acentuada relevância para a pesquisa sobre a tematização da leitura e do leitor.

Para o amadurecimento dessas imagens que circundam o leitor, a leitura e todo o vasto complexo teórico da literatura, nos utilizamos do conhecimento de estudiosos do assunto como Roger Chartier, Robert Darnton, Steven Roger Fischer, Michel de Certeau, Mariza Lajolo, Regina Zilberman e Márcia Abreu, autores de expressivas pesquisas sobre a leitura, leitor e ficcionalização do leitor e da leitura.

Dentre as pesquisas produzidas sobre a obra dalcidiana, foram selecionados alguns estudos de maior relevância para o desenvolvimento da presente pesquisa. São eles: o livro *“Universo derruído e corrosão do herói em Dalcídio Jurandir”*, de Marlí Tereza Furtado (2010); as dissertações: *“Representação de educação na Amazônia em Dalcídio Jurandir: (des) caminhos do personagem Alfredo em busca da educação escolar”*, de Fernando Jorge Santos Farias (2009); *“Morte, desamparo, niilismo e liberdade: abalo e entusiasmo ante Chove nos campos de Cachoeira, de Dalcídio*

Jurandir”, de Edilson Pantoja (2006); e os artigos “Leitores e práticas de leitura em *Ponte do galo*, de Dalcídio Jurandir”, de Alcir de Vasconcelos Rodrigues (s/d) e “A tematização do ato de ler em Dalcídio Jurandir: anotações em torno de *Chove nos campos de Cachoeira*”, de Sílvia Holanda (2010).

Após as pesquisas sobre o universo teórico do leitor, da leitura e do personagem, buscamos avaliar a edição em que o estudo pudesse ser melhor desenvolvido. E assim, iniciamos a análise sobre as edições do livro *Chove nos campos de Cachoeira*, obtendo os seguintes resultados: o romance foi revisado pelo autor, tanto na linguagem, quanto na estrutura, na segunda edição, de 1976, publicada pela editora Cátedra e, após sua morte, foram publicadas mais cinco edições do livro, sendo que a Editora Cejup/Belém publicou a terceira, a quarta e quinta edições em 1991, 1995 e 1997, respectivamente. Esta última, uma edição especial, consorciada com a Secult/Pará e com o jornal A Província do Pará. Em 1998 saiu a 6ª edição, como edição crítica realizada pela professora Rosa Assis e publicada pela Editora da Unama. Em 2011, saiu a sétima edição pela editora 7 Letras, do Rio de Janeiro e considerada pela revisora, Rosa Assis, como a edição de texto definitivo.

Para a publicação de 2011, Rosa Assis explicou que o livro foi reelaborado a partir do momento em que teve conhecimento de um “exemplar da primeira edição inteiramente ‘emendado’ pelo autor [...] e que alcançou em torno de 95% das páginas” (JURANDIR, 2011, p. 9). As alterações efetuadas na versão de 2011, de *Chove nos campos de Cachoeira*, foram significativas e resumidamente resultaram na retirada de um dos vinte capítulos da obra inaugural. Desta forma, o capítulo XIX, que deu nome ao livro “*Chove nos campos de Cachoeira*”, passou a não existir. Houve, também, modificações de títulos de alguns capítulos, alterações de formas verbais e até de nome de personagens.

Escolhemos para análise e referências a edição de 1941 pela possível proximidade do escritor com esse seu primeiro universo literário em que ele engendra um universo de leituras, pois as demais edições revisadas, por ele ou não, já representariam uma certa distância daquele mundo e daquele modo de ver o mundo.

A dissertação está dividida da seguinte forma: uma introdução que faz uma apresentação resumida da pesquisa, seguida do primeiro capítulo que

aborda “A ficção dalcidiana no espaço amazônico”, contendo dois tópicos: o primeiro apresenta as leituras realizadas pelo escritor e as possibilidades de utilização desses textos na sua ficção, que foi denominada de “Dalcídio: o leitor da Amazônia”. O segundo tópico, “O espaço amazônico redimensionado”, tratará da relação do escritor com o cenário marajoara apontando os problemas sociais comuns ao Brasil e ao resto do mundo.

No segundo capítulo, será focalizado “O universo teórico das leituras, leitores e personagens”, arrazoado em dois tópicos: “A leitura e o leitor” e “O personagem”, vistos em diferentes óticas, além de apresentar duas tabelas com as leituras realizadas pelos leitores.

No terceiro capítulo, deu-se destaque para “Uma família de leitores”, disposta em três tópicos: o primeiro discorrerá sobre “O gabinete de leitura do Major Alberto”. Este personagem é possuidor de duas estantes cheias de livros, localizadas na saleta do chalé, que é o seu local preferido. O personagem se destaca na narrativa como ícone na transmissão do gosto pela leitura para seus filhos Eutanázio e Alfredo e também para sua esposa D. Amélia, uma leitora pacífica que só ouvia os textos lidos pelo marido.

O segundo tópico do terceiro capítulo abordará o personagem-leitor Eutanázio, filho do Major Alberto com a primeira esposa. A imagem registrada pelo escritor é de um personagem que se mostra extremamente crítico na observação dos fatos que ocorrem no seu lugarejo e também na escolha de suas leituras. Além de ler, ele produz textos para ser musicado e cantado nas festas populares de Cachoeira e também desempenha a função de escritor de cartas para os analfabetos da região.

No terceiro tópico do terceiro capítulo, será focalizado o personagem Alfredo, filho mais novo de Major Alberto com a segunda esposa. Apesar do personagem ainda ser um menino que está ingressando no mundo da leitura, a imagem que se obtém é de um ser crítico, com enorme desejo de transformar sua vida por meio do estudo, por isso sente um imenso desejo de estudar numa boa escola, longe de Cachoeira.

No quarto e último capítulo, dar-se-á enfoque a “Diferentes leitores, diferentes leituras”. Este capítulo foi dividido em dois tópicos: o primeiro, apontando para “Os contrassensos do Dr. Campos”, que é um leitor erudito e excêntrico, que demonstra ser conhecedor de escritores do cânone literário

nacional e estrangeiro e também é escritor de artigos para um periódico religioso, no entanto só consegue inspiração quando mergulha na bebida e na prostituição.

O segundo tópico do quarto capítulo abordará “Salu: leitor e contador de histórias”. Este personagem representará um modelo de leitor que lê repetidas vezes as mesmas histórias e as reproduz de forma performática para os outros personagens do romance. Ele aparece, em boa parte da ficção dalcidiana, lendo romances folhetinescos.

Essa observação do movimento de leitura praticado pelo autor e pelos personagens no romance estimula no leitor de *Chove nos Campos de Cacheira* o desejo de estudá-los, por perceber o esboçar de uma pergunta de grande dimensão: o que move as leituras desse autor? Por que os personagens leem grandes autores em local que não disponibiliza essas leituras? Foram essas as perguntas que motivaram o meu desejo de conhecer e pesquisar sobre a literatura amazônica de Jurandir.

Assim, com o objetivo deste trabalho somar com os dos demais pesquisadores que trabalham a cultura e literatura amazônica e também com os daqueles que se debruçam sobre a questão da leitura, leitor, personagem e ficcionalização da leitura, é que apresento este estudo, no desejo também de despertar em algum leitor a vontade de conhecer a obra deste escritor marajoara que tanto contribuiu para despertar uma consciência social utilizando a arte literária.

1 A FICÇÃO DALCÍDIA NA NO ESPAÇO AMAZÔNICO

Livros que terei lido até o fim da vida... [...] Versos, personagens, conceitos, teses e antíteses formando uma espécie de música difusa, fundo geral de consonâncias e dissonâncias, sumo e resumo de páginas desfeitas, matéria de um único livro, delido

(Benedito Nunes)

1.1 Dalcídio Jurandir: o leitor na Amazônia

O acervo de leituras de Dalcídio Jurandir é logo percebido na obra inaugural do ciclo do *Extremo Norte*, composta, como já dissemos, de dez romances, também já arrolados por nós na introdução deste trabalho. Percebe-se que a leitura do escritor não é ingênua, mas que alinha a vivência de leitor à situação enfrentada pelo homem da Amazônia, evidenciando, desta forma, que o “texto nunca é transparente, pois tem uma família, um DNA, dissemina-se por vários escritos e os recolhe em suas páginas” (BRANDÃO; OLIVEIRA, 2011, p. 17). Além disso, legitima-se a ideia de que este autor paraense vive suas leituras e as imortaliza em seus textos.

O escritor Dalcídio Jurandir seguiu um percurso que iniciou com leituras, conforme veremos a seguir, para depois as consolidar em textos, por isso a afirmação de que “os escritores são, antes de tudo, leitores” (BRANDÃO; OLIVEIRA, 2011, p. 17), por conseguirem nas linhas do texto o material necessário para seu trabalho de escritor. Desta forma, se duplicam e “escrevem suas leituras, que são também seus fantasmas; por isso a escrita guarda, mesmo sem saber, a memória do outro, nunca coincidindo exatamente com o que lê, que são releituras, recriações” (BRANDÃO; OLIVEIRA, 2011, p. 17), recriações estas que fazem parte do universo da arte e que demonstram a habilidade do artista.

As leituras praticadas por Dalcídio Jurandir podem ser estudadas de três formas: a primeira, por meio de seus textos engendrados para a ficção, e a segunda, conhecendo sua participação social em jornais e revistas ou, ainda, consultando seus acervos e documentos pessoais, como as cartas enviadas por ele à esposa, em 1937, quando esteve preso pela segunda vez em decorrência de sua atividade na política. Escreveu ele:

[...] Manda-me o 2º *Fausto* de Goethe, em francês - capa verde. Se puderes me mandar 2 ovos que sejam frescos. (...). Parei, estes dias de escrever. Há três dias que não escrevo [...] A carta está mercantil hoje. Muito prosaica. Mas são as coisas reais... Não se esqueça do 2º volume do *Fausto* - de Goethe. Beijos a Sergio e a você.

[...]

[...] Vai *Mundos mortos* – que consegui ler por alto e *Mixungos* que não li (...). Vê se achas o *Comedor de ópio*, deve estar na estante velha. Manda dizer ao Flaviano procurar com Gentil Puget os livros *Negro brasileiro* e *Religiões negras* que preciso estudar aqui. Não sei onde está *Os Corumbas*. Parece que tenho aí.

[...]

Guiomarina - Os livros que recebi um é de Nicolau Gogol – e outro do nosso Dostoiewsky. Deste já lemos na *A novela* – as etapas da loucura - no livro tem o título *Nietótchka* - o nome da filha do músico louco. Quando te mandar creio que deves ler. Acabei de ler a novela de Gogol que achei magnífica. Gogol é da mesma linhagem dos Tolstói, Gorki, Dostoiewsky. [...] (NUNES; PEREIRA; PEREIRA, 2006, p. 33-34).⁷

Nesta pequena amostragem de trechos de três cartas de Dalcídio Jurandir, à esposa Guiomarina, é possível extrairmos alguns dados sobre o escritor marajoara: o primeiro é que ele, na condição de preso político, não deixou de alavancar sua produção intelectual, haja vista que se mostra ativo na produção textual e nas leituras, assinalando sua preferência pelas obras da literatura alemã, francesa, russa e brasileira. O segundo dado diz respeito a sua habilidade de ler em mais de um idioma, já que ele solicita à esposa o clássico da literatura alemã, *Fausto (Faust)*, de Johann Wolfgang Von Goethe (1806) em francês, além de mostrar conhecimento sobre a literatura do escritor francês Charles Baudelaire pela referência que faz ao texto *O comedor de ópio* inscrito em *Paraísos Artificiais* (1860).⁸

Nas cartas, Jurandir demonstra também estar informado sobre a produção literária de escritores pertencentes à Literatura Russa do Século XIX, especialmente Nikolai Gógol, autor de *Almas Mortas (1842)* e um dos precursores da moderna Literatura Russa. Ele cita, ainda, os escritores do

⁷ A carta transcrita apresenta o nome de alguns escritores Russos conforme grafia nas cartas de Dalcídio Jurandir, porém alguns críticos, como Carpeaux, fazem uso de outras grafias: *Corumbás (Corumbas)*, Nicolau Gogol (Nicolai Gógol), Dostoiewsky (Dostoiévski), *Nietótchka (Niétotchka Niezvânova)*.

⁸ O *Comedor de ópio* é parte integrante do livro *Paraísos artificiais (1860)*, de Charles Baudelaire.

século de ouro na Rússia⁹, especialmente Leon Tolstói, autor de *Guerra e Paz* (1869), *A morte de Ivan Ilitch* (1886) e *Ana Karenina* (1877), seguido de Fiódor Dostoiévski, criador de *Niétotchka Niezvânova* (1849), *Crime e Castigo* (1866), *O idiota* (1869) e *Os Irmãos Karamazov* (1880).

Dalcídio Jurandir explica em uma das cartas que recebe os livros soviéticos apenas para leitura, mas observa-se que esta leitura não é unicamente de deleite; ela é seletiva e crítica. Um exemplo é o comentário que ele realiza sobre a ascendência desses escritores russos, quando demonstra um interesse especial pelas ideias propostas no livro, a ponto de alinhar Nikolai Gógol, Tolstói, Dostoiévski e Gorki¹⁰ em uma classe específica na sua prioridade de leitura.

Jurandir faz menções à produção literária no Brasil, especialmente as que abordavam temática social, dentre os quais referencia o livro *Os Corumbas* (1933), de Amando Fontes, que tem como assunto o deslocamento da família dos Corumbas da zona rural de Sergipe para a capital Aracaju. Vale ressaltar que Fontes não era seguidor de ideologias políticas¹¹, seu romance expressa uma crítica aos diversos grupos da sociedade brasileira, sem que ele, enquanto escritor, estivesse defendendo segmentos ou partidos políticos.

Outro livro referenciado por Dalcídio Jurandir foi *Mixuangos* (1937), de Valdomiro Silveira, porém o escritor deixa claro que ainda não leu este texto, fato que nos permite inferir que ele reunia livros sobre temáticas do contexto brasileiro para, numa oportunidade, poder conhecê-los e assim escrever com mais propriedade sobre o assunto. *Mixuangos* é um livro que aborda os costumes e a linguagem do caboclo brasileiro. Nele, Silveira indicia que quer preservar a cultura caipira tradicional, para não fragmentá-la e perder as raízes desta cultura ante a presença de imigrantes europeus vindos para trabalhar nas lavouras brasileiras.

⁹Período de intensa produção literária na Rússia, ocorrido no século XIX, em que o romance, o conto e o teatro foram as formas preferidas. Além disso, temáticas que envolvem o homem confuso do período da modernização foram apresentadas nos romances dessa época.

¹⁰Máximo Gorki foi o criador da literatura proletária e autor de *A confissão* (1908), porém Jurandir não menciona livros deste autor.

¹¹FARIA, Otávio de "Dois Romancistas: Jorge Amado e Amando Fontes". In: *Boletim de Ariel*. Rio de Janeiro, (I, 18) 1933. p. 7- 8.

Jurandir cita, ainda, nas cartas, o livro *Mundos mortos* (1937)¹², de Otávio de Faria que é o primeiro romance do ciclo *Tragédia Burguesa*: romances que comportariam vinte volumes, dos quais foram publicados apenas treze livros. Faria traça, na obra, um cenário da vida fluminense e os problemas sociais decorrentes da classe burguesa, que atingem não só o indivíduo carioca, mas que alcança pessoas de outras partes do mundo.

O escritor Dalcídio Jurandir finaliza sua listagem de leituras, nestas cartas de 1937, citando os livros *Religiões Negras* (1936), de Edison Carneiro e *Negro Brasileiro* (1934)¹³, de Arthur Ramos de Araújo Pereira. Com essa indicação de leitura ele demonstra, mais uma vez, que sua preocupação com os problemas sociais não eram superficiais, pois procurava pesquisar para então explorar tais assuntos nos seus artigos e romances.

No terceiro fragmento de uma das cartas de 1937, Jurandir explica essa necessidade de estudar os livros que abordassem assuntos de sua época, especialmente os que se referiam às questões sociais, deixando claro que ele procurou fazer da cadeia um gabinete de estudo para os seus textos literários, uma vez que a obra desses escritores, contemporâneos a ele, de certa forma fomentaram ideias sobre a sociedade brasileira e contribuíram decisivamente para a produção literária do escritor.

O escritor marajoara reafirma em seus manuscritos suas observações sobre as questões sociais e a exploração do tema nacional no romance brasileiro:

Experimentemos todas as técnicas ou concepções de romance mas, sobretudo, experimentemos em nossos romances este tema virgem, vasto e múltiplo que é o Brasil, a sociedade brasileira, isso que nos dá o nosso povo, essa sua verdade para que possam lhe retribuir com a nossa literatura - sermos dignos de uma vocação de nosso

¹² *Mundos mortos* (1937), de Otávio de Faria é o primeiro romance do ciclo *Tragédia Burguesa*, que publicou treze livros: I *Mundos mortos* (1937); II *Os caminhos da vida* (1939); III *O lodo das ruas* (1942); IV *O anjo de pedra* (1944); V *Os renegados* (1947); VI *Os loucos* (1952); VII *O senhor do mundo* (1957); VIII *O retrato da morte* (1961); IX *Ângela ou Areias do mundo* (1964); X *A sombra de Deus* (1966); XI *O cavaleiro da Virgem* (1972); XII *O indigno* (1976); XIII *O pássaro oculto* (1979).

¹³ Nas correspondências de Dalcídio Jurandir observamos que ele cita o livro *Negro Brasileiro*, no entanto, o título original da obra é *Negro Brasileiro: etnografia religiosa e psicanálise*, de Arthur Ramos de Araújo Pereira. Além disso, Arthur Ramos trocava cartas com Edison Carneiro, com Sigmund Freud e com escritores brasileiros, compondo um acervo em que predominava a temática do negro da Amazônia.

tempo e dos demais tempos (NUNES; PEREIRA; PEREIRA, 2006, p. 182).¹⁴

Neste manuscrito, ele ressalta que o escritor brasileiro deve deixar a marca de seu tempo e para isso é fundamental conhecer a realidade brasileira e explorá-la nos romances que produz, pois considera que no Brasil há uma vastidão de assuntos que estão disponíveis para serem estudados, mas que ainda não foram pesquisados pelos escritores brasileiros.

Além das cartas e manuscritos consta ainda, nos dados biográficos da quarta edição de *Chove nos campos de Cachoeira*, que Dalcídio Jurandir recebeu alguns livros emprestados pelo Doutor Raynero Maroja, em 1928, quando o escritor regressava do Rio de Janeiro para Belém. Dos livros referidos no empréstimo incluem-se os seguintes títulos: Fialho, Castilho, Augusto dos Anjos, Guerra Junqueira, Cruz e Souza, Balzac.

Consta, também, nesta quarta edição do livro de Jurandir, que ele conseguiu levar consigo o livro *Dom Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes para a cadeia, quando esteve preso pela primeira vez em 1935, e o leu durante os dois meses em que ele esteve preso por seus ideais políticos. Ele, mais tarde, expressa sua admiração pela genialidade de Cervantes:

Se Cervantes anuncia com o seu humor o fim de uma classe e faz a caricatura da cavalaria, põe em ridículo as velhas instituições medievais que constituíam a força e o espírito do regime, agora ele contribui para despedir outra classe, a mesma classe que troçou do feudalismo através das páginas de D. Quixote, a mesma classe que, hoje, em vez de lutar contra os moinhos, quer lançar bombas atômicas sobre os povos na tentativa de sustentar o seu poder em plena decomposição. O gênio de Cervantes vem precisamente, como há trezentos anos, ajudar a enterrar uma classe que a história condenou e nos oferece o seu Quixote e o seu Sancho como indispensáveis a nossa jornada ideológica (NUNES; PEREIRA; PEREIRA, 2006, p. 80).

Este é um fragmento de artigo que Jurandir fez para a revista *Literatura*¹⁵ por ocasião do quarto centenário de Cervantes. No artigo “Nota sobre o centenário de Cervantes”, o escritor fala sobre Quixote, herói de um de

¹⁴Texto manuscrito encontrado no acervo de Dalcídio Jurandir, que constituem um ensaio sobre o papel do escritor.

¹⁵ Cf. Jurandir, Dalcídio. Nota sobre o centenário de Cervantes. *Literatura*, ano 2, n. 5, jul/set. 1947, apud NUNES, Benedito; PEREIRA, Ruy; PEREIRA, Soraia Reolon (Org.). *Dalcídio Jurandir: romancista da Amazônia: literatura & memória*. Belém: SECULT, [Rio de Janeiro]: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2006, p. 80.

seus livros preferidos, e também critica o franquismo, regime político aplicado pelo ditador Francisco Franco na Espanha, no período de 1939 a 1975.

Conhecer a trilha cultural deixada por Dalcídio Jurandir nos seus livros, vestígios de suas leituras e de experiências enquanto homem amazônida e do mundo, é perceber o quanto de universal existe em seus escritos, frutos de um longo processo de leituras, de vivências e de observações da realidade amazônica efetivadas por ele, que vê nessa realidade uma parte do mundo que comunga dos mesmos dilemas sociais.

1.2 O espaço amazônico redimensionado

O Modernismo na Amazônia é singular e seguiu uma trajetória com sua própria legenda, porque “reside aqui uma história autônoma, em nada subsequente, reflexo ou eco de qualquer outra história forjada em um pretense centro da nação” (FIGUEIREDO, 2012, p. 20). Esta estética trilhou caminhos que não refletem os moldes do sul do país, por existir na região um grupo de intelectuais que acompanhavam os movimentos artísticos e os intelectuais da Europa de maneira mais próxima.

Um dos motivos para essa autonomia literária ocorreu em virtude de ter acontecido na região amazônica uma intensa comercialização do látex, conhecido como *ciclo da Borracha*, que promoveu transformações sociais, econômicas, intelectuais, urbanísticas e políticas, a partir do século XIX, e que ocasionou a difusão de hábitos europeus que, por sua vez, se refletiram na literatura que circulava na capital:

Belém vai sofrer alterações que se operaram nas estruturas sociais, ocasionando uma intensificação da vida social e intelectual da cidade, aumento demográfico, maior complexidade das relações sociais e a concentração de fortunas entre os novos setores dominantes (SARGES, 2000, p.17).

Porém, este passado de riquezas não foi contínuo e, após este período, restaram memórias e ilusões, conforme afirmam alguns pesquisadores, como o pesquisador Fábio Fonseca que vê este ciclo como “um devaneio sobre o passado” (CASTRO, 2010, p. 28) à medida que se configura numa “saúde do desconhecido [...] do que poderia ter sido mesmo sem ter acontecido”

(CASTRO, 2010, p. 29). Esse pensamento fáustico sobre a Amazônia não ocorreu apenas com a exploração da borracha, mas pode ser evidenciado por uma gama de escritores regionais que cantam a Amazônia apenas como paraíso perdido.

Outro aspecto evidenciado na obra de Dalcídio Jurandir que ganha dimensão é a focalização da língua cabocla da Amazônia, configurada como uma fala despojada, mas que ao contato com o escritor ganha formato artístico. O professor Luís Bueno, em rápido cotejo a Guimarães Rosa, comenta que “a língua do pobre pode ser tomada com liberdade reinventada no contato com uma tradição intelectual [...], porque o artista é mesmo o único lugar em que essa fusão pode se dar” (BUENO, 2006, p. 25). O escritor paraense encontra na língua marajoara elementos que possibilitam ampliar seu significado, assim como fez Guimarães Rosa, sem, contudo, depreciá-la, mas agregando a ela possibilidades de usos que não ferem o intelectual que se propõe a ler, posto que o artista da palavra trabalha a língua dando a ela novos significados, reinventando-a.

Além do mais, segundo Vicente Salles, é impossível escrever a história social paraense sem o conhecimento da obra de Dalcídio Jurandir, pela “soma considerável de informações folclóricas, com interesse etnográfico e antropológico” (SALLES, 2011, p. 19). Isso ocorre por ser o escritor, antes de tudo, um pesquisador que recolhe as informações e as condensa na literatura.

Nos romances do ciclo dalcidianiano são impressas cenas da vida regional, segundo confirmou o próprio escritor, em 1976, em entrevista a Antônio Torres, Haroldo Maranhão e Pedro Galvão:

[...] uma das coisas que considero válidas na minha obra é a caracterização cultural da região. Acumulei experiências, pesquisei a linguagem, o falar paraense, memória, imaginação, indagações [...]. [Foi uma] tentativa de transmitir, em termos de ficção, o que vive, sente e sonha o homem marajoara (TORRES; MARANHÃO; GALVÃO, 1976, p. 4-5).¹⁶

Para essa caracterização cultural da região, o escritor precisou ficar atento aos movimentos sociais que aconteciam no Brasil e também no mundo

¹⁶ JURANDIR, Dalcídio. Um Escritor no Purgatório. Revista *Escrita*. São Paulo, e, ano 1 n. 6, 1976, p.4. Entrevista a Antônio Torres, Haroldo Maranhão e Pedro Galvão. Disponível em: <<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/memoria/verevistas.php>>. Acesso em: 08 maio 2014.

e, para tanto, se empenhou em fazer sondagens para que ele pudesse expressar nos romances o ser amazônica universal:

O romancista brasileiro nesta fase histórica em que a nação de forma tão desigual e tumultuosa se elabora e vai definindo os seus mais gerais aspectos psicológicos e sociais não pode inclinar-se demasiado a puras experiências estéticas no seu campo. A realidade brasileira e a sua própria vida pessoal de romancista - homem, cidadão, participante, partidário, elemento de sua classe, ser humano, enfim - levam o romancista a ficar mais voltado aos temas, às indagações, à torrente densa e difícil da vida brasileira na paixão de captar a sua essência, trazê-la para a obra de arte e com isto apresentar um romance brasileiro, tão profundamente brasileiro que se orne universal (NUNES, PEREIRA; PEREIRA, 2006, p. 183)¹⁷

Nesse sentido, o pesquisador Gunter Pressler comenta que “sua narrativa, complexa e moderna estava além do horizonte de expectativa da crítica em meados do século XX, ainda presa a um determinado tipo de regionalismo do romance social” (PRESSLER, 2010, p. 238). Os resultados desta tímida repercussão de Dalcídio Jurandir no cenário literário nacional ainda hoje são sentidos, especialmente por aqueles que o reconhecem como grande escritor que ultrapassa as fronteiras do regional.

Sobre essa questão de limites da obra de Jurandir na transição entre regional/universal, a professora Marlí Furtado (2010) vê na crítica do filósofo e crítico literário Benedito Nunes um caráter diferenciado das demais críticas que o consideram regionalista. Segundo ela, Nunes vê “os aspectos genuínos da obra dalcídiana, sem cair nas classificações rápidas e generalizantes em que, parece, caíram alguns historiadores de nossa literatura” (FURTADO, 2010, p. 174-175). Nunes em entrevista a José Castello para o Jornal de Poesia [n.d.] observou que em Dalcídio existe “uma interiorização muito grande, cada vez mais densa [formando] uma espécie de *À La recherche...*”. O crítico efetiva, desta forma, uma comparação entre os dez volumes do ciclo do *Extremo Norte*, de Dalcídio Jurandir, e os sete volumes de *La recherche du temps perdu*, de Marcel Proust.

A comparação do ciclo dalcídiano à série de Proust realiza-se por meio da observação de que natureza artística e experiência de vida encontram-se

¹⁷ Texto manuscrito encontrado no acervo de Dalcídio Jurandir, que constituem um ensaio sobre o papel do escritor.

para constituírem um texto de valor artístico, e que da mesma forma as paisagens do campo e da cidade são utilizadas como cenário para representação dos dramas familiares, além do papel da memória, que é tratado de forma especial por Benedito Nunes em *O Tempo na Narrativa* (2003). Desta forma, Nunes compara as obras tanto na idealização do tipo de produção quanto na intensidade de significação.

O escritor vanguardista, que divulgou a região amazônica e que também se preocupava com a questão educacional na região, não possui, hoje, o devido reconhecimento na cidade onde nasceu e viveu que é Ponta de Pedras (Marajó - PA) e a casa onde nasceu não é tombada pelo patrimônio estatal, até porque já foi descaracterizada e encontra-se sob propriedade de terceiros.

Com relação à educação¹⁸, Ponta de Pedras conta com cinco escolas públicas mantidas pelo Governo do Estado do Pará, uma na sede do Município, Escola Estadual Dr.^a Ester Mouta, e quatro espalhadas no entorno da cidade: Escola Estadual Dalcídio Jurandir, inaugurada por ocasião do centenário do escritor marajoara; Escola Estadual Dr. Souza de Castro; Escola Estadual José de Anchieta e Escola Estadual Aureliana Monteiro. Na Biblioteca Municipal não existe nenhum livro do escritor, conforme constatamos em visita realizada em julho de 2013.

Existe em Ponta de Pedras uma associação que foi fundada em 2004, conhecida como Associação de Professores para Estudos Literários de Ponta de Pedras Dalcídio Jurandir (ASPELPP-DJ), que congrega professores, pedagogos, alunos e admiradores do escritor e dispõe de alguns exemplares de livros do escritor, por iniciativa particular, mas que não alcança a totalidade, sendo alguns uma reprodução em cópia xérox.

¹⁸ Segundo informações da Secretaria de Estado de Educação do Pará, Coordenação de apoio às ilhas - 20ª URE em maio/2014.

Figura 1 - ASPELPP-DJ sediada na casa onde nasceu Dalcídio Jurandir, em Ponta de Pedras-PA



Fonte: Arquivo particular de COSTA, R. B., julho/2013.

Na Associação, são desenvolvidos alguns trabalhos em datas específicas, com alunos e professores sobre a produção do escritor. Desta associação fazem parte cerca de trinta professores de Ponta de Pedras e de Cachoeira do Arari. Segundo o coordenador da Associação, professor Ló Martins Andrade, atualmente a sede funciona na casa em que nasceu o escritor; entretanto, esta casa foi inteiramente transformada e hoje pertence a terceiros mas, devido a dificuldades com aluguel, a sede da ASPELPP-DJ passou a funcionar, a partir de agosto de 2013, no Centro Cultural Bertino Boulhosa.

Em Cachoeira do Arari (Marajó - PA), o prestígio do escritor não é muito diferente se comparado ao de Ponta de Pedras, uma vez que o famoso chalé que o escritor imortalizou imageticamente em *Chove nos Campos de Cachoeira* não é reconhecido como patrimônio cultural. Em 2009, houve uma tentativa de torná-lo patrimônio público pela Secretaria de Cultura e, na ocasião, ele foi totalmente reformado e se buscou manter a linha do chalé original, porém a ação foi infrutífera e, após alguns meses do tombamento, o

patrimônio passou novamente a pertencer a terceiros, por motivos financeiros dos órgãos governamentais.

Figura 2 - Casa onde morou o escritor Dalcídio Jurandir em Cachoeira do Arari-PA



Fonte: Arquivo particular de COSTA, R. B., julho/2013.

Comentário: O chalé que representava um tipo de moradia melhor, ainda hoje se mostra imponente se comparada com algumas casas vizinhas.

O chalé, após reforma, recebeu a árvore de “Folha Miúda”, referida por Jurandir em um de seus cadernos de anotações, quando tinha 23 anos (1932). Neste caderno, ele expõe seu desejo de querer permanecer para sempre naquele lugar em que nasciam seus primeiros sonhos. O chalé, a saleta e a árvore são elementos presentes no livro *Chove nos campos de Cachoeira*.

Quando eu morrer leve-me para Cachoeira, enterrem-me debaixo da Folha Miúda (a minha árvore, defronte do chalé, toda a minha infância). Quero ficar ali, perto do rio e perto da casa, debaixo daquela sombra, entre os ninhos e as estrelas. [...] Parece que todos os meus sonhos ficaram pendurados naqueles ramos, todo o meu primeiro deslumbramento. Eis porque minha saudade me faz ter esse desejo romântico... (NUNES; PEREIRA; PEREIRA, 2006, p 180).¹⁹

¹⁹Anotações em caderno (diário), aos 23 anos, em setembro de 1932.

Os sonhos do adolescente escritor foram esquecidos pelas autoridades que preservam a memória e a cultura da região. Naquela época, as ilusões que regiam a mocidade de Dalcídio Jurandir ainda ficavam penduradas nos ramos da Folha Miúda. Hoje, uma simples placa de homenagem não consegue se fixar na parede do chalé.

Figura 3 - Placa de tombamento da casa de Dalcídio Jurandir em Cachoeira do Arari-PA



Fonte: Arquivo particular de COSTA, R. B., julho/2013.

Comentário: A placa de homenagem e tombamento ficou acomodada atrás da porta de entrada, no chão da saleta.

Na Biblioteca Municipal de Cachoeira do Arari apenas dois exemplares da obra do escritor foram encontrados, o que demonstra um total desinteresse por parte dos gestores municipais de promover a cultura e a memória dos grandes ícones do município. Isto se aplica ao escritor Dalcídio Jurandir e ao Padre Giovanni Gallo que construiu, por iniciativa própria, o Museu do Marajó, que está hoje²⁰ abandonado. Esta situação de desrespeito à educação e à cultura já era enfatizado pelo escritor, desde seu primeiro livro.

Segundo informações em maio de 2014, da Secretaria de Estado de Educação do Pará, Coordenação de apoio às ilhas em maio de 2014,

²⁰ Visita realizada ao Museu do Marajó em Cachoeira do Arari-PA em Julho/2013.

Cachoeira do Arari possui sete escolas públicas mantidas pelo Governo do Estado do Pará, uma localizada na sede do Município – Escola Estadual Delegado Leão – e seis na zona rural, que compreende as vilas e povoados distantes do centro: Escola Estadual Umarizal, Escola Estadual Camará, Escola Estadual Jauaca, Escola Estadual Aranai, Escola Estadual Chipaia e Escola Estadual Retiro Grande.

Na Universidade Aberta do Brasil Dalcídio Jurandir (UAB), em Cachoeira do Arari, as produções do escritor não ficam expostas para apreciação do público universitário. Apesar de o espaço ter recebido o nome do escritor, conforme registro abaixo, suas obras, que deveriam fomentar a pesquisa de universitários, não são encontradas nas prateleiras da biblioteca do campus.

Figura 4 - Universidade Aberta do Brasil Dalcídio Jurandir (UAB), em Cachoeira do Arari-PA



Fonte: Arquivo particular de COSTA, R. B., julho/2013

Em Cachoeira do Arari, algumas iniciativas particulares tentam prestigiar o escritor, porém não há um incentivo governamental. No entanto, em Belém, foram criadas linhas de pesquisas nas universidades Federal, Estadual e em algumas universidades particulares, que apontam para um estudo mais aprofundado sobre a produção literária do escritor, na graduação, pós-graduação, mestrado e doutorado, este último aprovado em 2013.

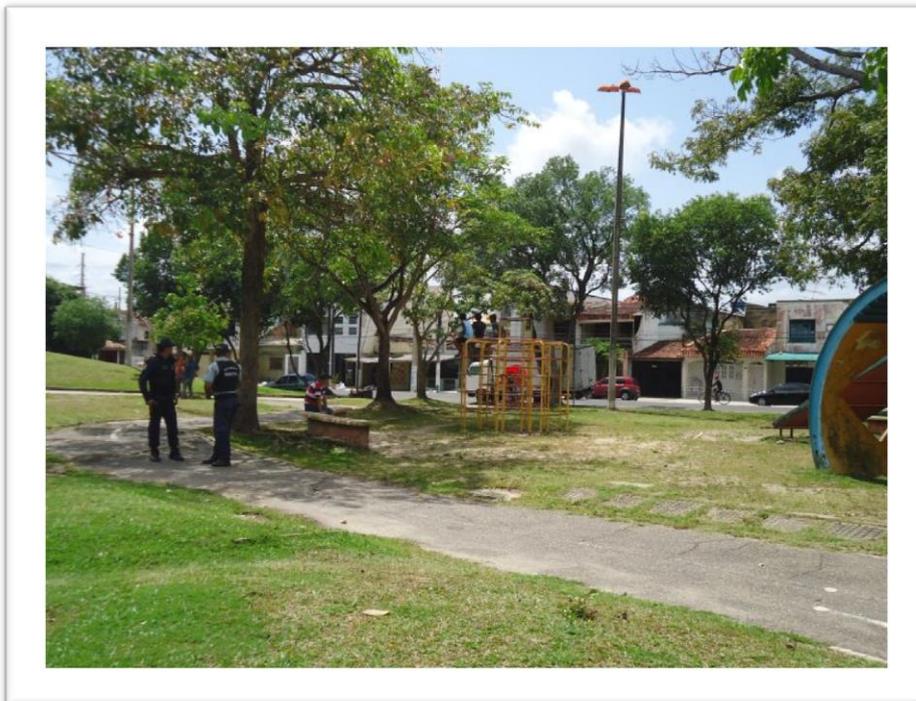
A UFPA conta, hoje, com pesquisas no âmbito de mestrado e apresenta estudos significativos sobre o escritor, conforme já foi referido em páginas anteriores. Existe também, no Rio de Janeiro, a Fundação Casa de Rui Barbosa, com vasto material sobre Dalcídio Jurandir e que colabora para o desenvolvimento da pesquisa sobre o mesmo, pelo fato de o escritor ter residido naquela cidade.

Apesar da disposição de pesquisadores das universidades em estudar e promover a obra deste grande escritor, que trouxe reconhecimento literário para o estado do Pará, por meio de uma literatura de qualidade, é lamentável a falta de iniciativa por parte dos órgãos governamentais quanto à preservação e memória de seu ícone cultural.

É certo que algumas ações ocorreram, de forma particular, como a criação de espaços cibernéticos que tratam da produção literária do escritor. Dentre estes espaços disponíveis temos: sites, blogs e até face book: www.dalcidiojurandir.com.br/; <https://ptbr.facebook.com/casadalcidiojurandir.ccdj> e <http://academiaveropeso.blogspot.com/>. O blog Academia Ver-o-Peso é uma tentativa de reativar o grupo de intelectuais a que pertenceu Dalcídio Jurandir, o chamado Grupo do Peixe Frito, formalizado hoje com o nome de Sociedade dos Amigos da Academia do Peixe Frito, em espaço cibernético, que faz algumas publicações em respeito à memória do escritor paraense.

O reconhecimento por parte do governo municipal é lastimável, visto que em 2011 havia uma proposta para homenagear o escritor com a Avenida Dalcídio Jurandir, porém a tentativa foi infrutífera, posto que os arranjos políticos fizeram os vereadores de Belém não laurearem o escritor, de modo que a avenida passou a se chamar Centenário, uma tributo prestado pela Câmara Municipal de Belém e sancionado pelo Prefeito, ao centenário da Assembleia de Deus, já que o número de fiéis que votam é bem maior que o de leitores literários.

Figura 5 - Praça Dalcídio Jurandir (Belém-PA)



Fonte: <http://ww3.belem.pa.gov.br/www/?p=15529>

Em Belém, existe apenas a Praça Dalcídio Jurandir, construída no ano de 2000, no local onde funcionava a antiga Usina de Cremação de Lixo de Belém. Este fato é vergonhoso, se considerarmos que o escritor da Amazônia foi lembrado no Rio de Janeiro, no bairro da Tijuca, com uma rua de nome Dalcídio Jurandir. O mesmo ocorreu em São Paulo, no bairro Antônio Zanaga, em Americana, onde as ruas homenageiam os grandes escritores brasileiros. Também em Manaus, o nosso escritor foi laureado com uma rua no bairro Cidade Nova.

Reconhecer o talento literário e o cidadão Dalcídio Jurandir que lutou em favor de uma sociedade justa, por meio da obra literária, deveria ser um dever de todo paraense, para que no futuro esse registro de reconhecimento seja entendido como marca de luta de uma sociedade inteligente.

2 O UNIVERSO TEÓRICO DE LEITURAS, LEITORES E PERSONAGENS

Tornar-se leitor, é também chegar, para a criança, à última iniciação: ele deve enfim admitir que a letra não é um desenho de coisa, que a significação não é mágica, mas se constrói, às avessas, ao fim da frase, que é preciso trabalhar com o material da escrita para poder um dia, rejeitar o alfabeto para não ver senão o sentido

(A. M. Picard)

No livro *Chove nos campos de Cachoeira*, as imagens de leitura surgem a partir de um número significativo de personagens que praticam a leitura e, neste universo de leitores fictícios, os textos lidos também são numerosos, assim como a maneira de ler e de interpretar o texto lido. Para entender esse circuito de personagens, leitores e leituras, precisa-se mergulhar no mundo teórico que os envolve, para compreender certas nuances que muitas vezes não se percebe.

2.1 A leitura e o leitor

A palavra leitura deriva do latim “*lectura*”, originalmente com o significado de “eleição/escolha” e, a princípio, “consistia na mera capacidade de obtenção de informações visuais, com base em algum sistema codificado, bem como na compreensão de seu significado” (FISCHER, 2006, p. 11). Ao longo do tempo, este conceito foi se modificando e ganhando novos significados pela soma de contribuições feitas por estudiosos de diversas áreas que passaram a estudá-la, especificamente dentro do seu campo de atuação.

Na área de linguística, a pesquisadora Ângela Kleiman (2008), por exemplo, considera que a leitura de um texto é construída a partir de diversos conhecimentos como o linguístico, o textual e o conhecimento do mundo “porque o leitor utiliza justamente [esses] diversos níveis de conhecimento que interagem entre si” (KLEIMAN, 2008, p.13), para construir um processo interativo. Para as pesquisadoras de linguística Koch e Elias (2011), a leitura exige do leitor uma série de estratégias que lhe possibilitam participar do

processo de construção de sentido do texto, “tais como seleção, antecipação, inferência e verificação” (KOCH; ELIAS, 2011, p.13) e essas estratégias reforçam o papel do leitor como construtor de sentidos.

O linguista Vincente Jouve, do Centro de Pesquisas para Leitura Literária, da Universidade de Reims, na França, considera que para o estudo da leitura é preciso ter cautela e não adotar um foco de estudo muito vasto ou muito restrito. Pondera que a “leitura, de fato, longe de ser uma recepção passiva, apresenta-se como uma interação produtiva entre o texto e o leitor” (JOUVE, 2004, p. 61). Destaca, desse modo, o papel interativo do leitor como receptor do texto.

As concepções linguísticas sobre leitura informam a necessidade de interação do leitor com o texto para a construção da ideia que ele veicula. Por outro lado, para esta pesquisa que trabalha as imagens de leitores fictícios, também é relevante entender a leitura, vista sob a perspectiva linguística na área da análise do discurso, já que alguns personagens darão sentido ao texto por meio do silêncio.

A estudiosa da análise do discurso Eni Puccinelli Orlandi (2011) explica que, nos sentidos do silêncio, existe uma relação entre o dizível e o indizível e mostra que “há um processo de sentidos silenciados que nos faz entender a dimensão do não-dito, distinta daquela que se tem estudado sob a rubrica do ‘implícito’” (ORLANDI, 2011, p. 12). Esses sentidos silenciados podem ser percebidos, por exemplo, a partir de fragmentos de leituras apresentadas pelos personagens-leitores no romance.

Na área da pedagogia, é relevante o papel do pesquisador Paulo Freire (1988), que se destacou no Brasil por seu trabalho com a educação popular para a formação da consciência política. Para ele, ler não significa caminhar entre as letras, mas interpretar o mundo e poder lançar sua palavra sobre ele, interferir no mundo pela ação. Ele afirma: “[da] leitura result[a] a percepção crítica do que é cultura, pela compreensão da prática ou do trabalho humano, transformador do mundo” (FREIRE, 1988, p. 13), conferindo, assim, à leitura, um poder interpretativo e transformador.

Para o filósofo e crítico literário paraense Benedito Nunes, a leitura se configura em “adestramento reflexivo, um exercício de conhecimento do mundo, de nós mesmos e dos outros” (NUNES, 1999, p. 175). Para ele, a

leitura é atividade de conhecimento pessoal e social, mas pode ser entendida como prática dialética:

Quem lê isola-se por momentos do mundo [...] e recolhe-se na companhia do livro, a escuta de sua silenciosa conversa. Mas nesse recolhimento, provocado por outra voz que não a nossa e a daqueles que nos rodeiam, trava-se uma singular dialética entre nós mesmos e o texto. A experiência da leitura, particular e momentânea, reverte a favor da experiência da vida, geral e cumulativa (NUNES, 1999, p. 175).

Benedito Nunes considera a existência de uma dialética entre leitor e texto que favorece a experiência de vida de forma geral e é também cumulativa para os novos processos da vida na sociedade.

A abordagem sobre leitura pelo pedagogo e pelo filósofo contempla, em parte, algumas imagens de leitura analisadas nesta pesquisa, especialmente a do personagem-leitor Eutanázio, conforme será visto na seção seguinte, se observados os enfoques de leitura como interpretação e transformação de mundo e de leitura como exercício dialético entre leitor e texto.

Há um recorte sobre a questão da leitura, feita pelo escritor argentino Ricardo Piglia, no livro *O Último leitor* (2006). Nele, o escritor identifica várias situações de leitura encenadas em livros literários a que pertence a tradição literária ocidental. Estas figurações de leituras tangenciam as amostras de leitores fictícios apresentados nesta pesquisa. Inicialmente, o escritor ressalta os conceitos de Leitura de Ezra Pound e de Claude Lévi-Strauss, como “arte da réplica” e “arte como modelo reduzido”, respectivamente, para depois formular que a arte da leitura é vista como “uma forma sintética do universo, um microcosmo que reproduz a especificidade do mundo” (PIGLIA, 2006, p.13), mundos que para ele são pessoais e que produzem uma interpretação própria.

O estudo da leitura como processo complexo e dinâmico é analisado por pesquisadores pertencentes à História Cultural, a qual está vinculada à História da Leitura. Os pesquisadores Michel de Certeau, Carlo Ginzburg, Robert Darnton e Roger Chartier elaboraram estudos que contribuem para compreender a prática de leitura no contexto social.

Michel de Certeau é importante figura da historiografia que, com formação em letras clássicas, colaborou para a consolidação de novos estudos no campo da História Cultural e História da Leitura, com pesquisas como a da

“apropriação cultural”. Disse ele: “os leitores são viajantes: eles circulam sobre as terras de outrem, caçam furtivamente, como nômades através de campos que não escreveram” (CHARTIER, 1988, p. 123). Portanto, ele transmite a ideia de busca, de procura incessante do leitor por textos escritos por outras pessoas, e, assim materializa uma primeira ideia de apropriação, que também será tratada por Chartier.

Carlo Ginzburg e Robert Darnton fornecem dados de suas pesquisas sobre leitores comuns para com a história da leitura: o caso de Menocchio (século XVI) e Jean Ranson (século XVIII), concebidos pelos pesquisadores como leitores, que apresentavam visões e interpretações muito particulares, divergentes da interpretação aristocrática da época enfatizando, assim, a leitura como produtora de significados.

Para compreender melhor esses estudos sobre a leitura, é preciso conhecer o trabalho de Roger Chartier, que explica como funciona sua pesquisa:

Toda reflexão metodológica enraíza-se, com efeito, numa prática histórica particular, num espaço de trabalho específico. O meu organiza-se em torno de três pólos, geralmente separados pelas tradições acadêmicas: de um lado, o estudo crítico dos textos, literários ou não, canônicos ou esquecidos, decifrados nos seus agenciamentos e estratégias; de outro lado, a história dos livros e, para além, de todos os objetos que contêm a comunicação do escrito; por fim, a análise das práticas que, diversamente, se apreendem dos bens simbólicos, produzindo assim usos e significações diferenciadas (CHARTIER, 1988, p. 178).

Para ele, a comunicação do escrito adquire especial importância, pois guarda inúmeras significações. Considera a leitura como propiciadora de uma verdadeira revolução, e que ocasiona “apropriação, invenção, produção de significados” (CHARTIER, 1999, p. 77). Desta forma, lança a defesa da liberdade do leitor, mesmo que esta liberdade seja relativa, visto que o pesquisador propõe também a análise dos modos de ler, assunto que será trabalhado nas seções seguintes desta pesquisa. O objetivo do estudioso é uma melhor investigação para que se faça uma verdadeira história de leitura:

Uma história da leitura não se pode limitar unicamente à genealogia de nossos modos de ler, em silêncio e com os olhos, mas tem a tarefa de redescobrir os gestos esquecidos, os hábitos desaparecidos. A questão é de importância, pois não revela somente

a distante estranheza de práticas por longo tempo comuns, mas também os agenciamentos específicos de textos compostos para os usos que não são os de seus leitores de hoje (CHARTIER, 1991, p.181).

Para Chartier, é necessário entender todo o processo que circunda a leitura, inclusive gestos e hábitos. Ao discorrer sobre a leitura ele vai lançando alguns conceitos relacionados com a história cultural e, conseqüentemente, com a leitura, que são as noções de *práticas* e *representações* correspondentes aos modos de fazer e de ver, como também o conceito de *apropriação*.

A ideia de *representação* é entendida por Chartier como “[...] esquemas intelectuais, que criam as figuras graças as quais o presente pode adquirir sentido, o outro torna-se inteligível e o espaço pode ser decifrado” (CHARTIER, 1990, p. 17). É necessário esclarecer a ideia de representação nos estudos de Chartier, para que não ocorra confusão com os conceitos que a palavra carrega em outros campos de estudos. Quanto à ideia de *apropriação*, Chartier entende-a como prática de produção de sentido, dependente da relação entre texto, impressão e modalidades de leitura, sempre diferenciadas por determinações sociais.

A leitura abordada por Chartier faz elo com a pesquisa sobre as imagens de leituras encontradas no livro *Chove nos campos de Cachoeira*, de Dalcídio Jurandir, especialmente quando o pesquisador categoriza as leituras em intensivas e extensivas:

A primeira categoria [intensiva] se refere ao início do século XVIII, quando o leitor se confrontava com um número limitado de textos, que eram lidos, relidos e memorizados. A leitura extensiva passa a ser praticada no final do século XVIII, em oposição à leitura intensiva, o leitor lia variados impressos e raramente retomava a leitura desses textos (CHARTIER, 2002, p. 60).

As maneiras de ler, categorizadas por Chartier em intensiva e extensiva, serão relacionadas, nesta pesquisa, em que a leitura do personagem Salu é a intensiva e do personagem Eutanázio é a extensiva. No entanto, estas duas maneiras de ver a leitura, podem ser complementadas, segundo o historiador francês, com o emprego de “protocolos de leitura adequados aos diferentes

grupos de leitores e, [...] os traços de representações de suas práticas” (CHARTIER, 1996, p. 89).

O historiador francês compreende, também, que o conceito de leitura pode ser apresentado em diferentes suportes, e destaca a fotografia, a pintura e o cinema, como outros formatos de leitura. É o que será visto na pesquisa com o personagem Alfredo que fará a leitura de imagens dos catálogos do pai. É por isso que Chartier define a leitura como “prática criadora, atividade produtora de sentidos singulares” (CHARTIER, 1994, p. 11), que só podem ser gerados a partir do conhecimento de cada um, ganhando assim múltiplos significados.

Essas diferentes visões sobre leitura, elencadas de diferentes campos de estudo, resultam em propostas para conhecer, de forma livre, experiências de vida, posto que elas trazem consigo inúmeros relatos de vidas particulares, além de permitir também o exercício diário de viver, por meio da ficção, novas vidas, de pensar e de tomar atitude ou julgar o outro sem merecer punição. É esta prática tão secular e tão saudável que a leitura nos oferece.

Por outro lado, a leitura exige a presença de um leitor, aquele que irá ler e interpretar as observações visuais e/ou auditivas, da matéria lida, que pode ser um texto, quadro, figura, fotografia, ou mesmo uma audição. A partir das interpretações do material lido e das experiências e expectativas do leitor, novos conceitos podem surgir.

Na pesquisa que ora se apresenta, o leitor aparecerá de forma fictícia e será mostrado por meio de personagens-leitores que atuarão de maneira diversificada, ora como um leitor erudito e ora como um leitor popular, de maneira que cada um apresentará a sua maneira de ler o texto.

Segundo o pensamento chartierniano, a leitura não é feita da mesma forma pelos leitores, pois guardam entre si grande diferença, “os grandes leitores (...), têm dificuldade em aceitar que existem outras leituras além da sua, ou ainda em conceber que entre sua leitura de douto e as da maioria existem outras diferenças” (CHARTIER, 1996, p. 19). A intenção do pesquisador é mostrar que existem diferenças entre leitores que vão além das simples diferenças sociais, fato que será demonstrado, nesta pesquisa, na seção “Diferentes leitores, diferentes leituras”.

Outra observação de Chartier que contribui com esta pesquisa se refere à existência de um leitor singular que age, pensa e pratica a leitura de forma diferente:

os que podem ler os textos, não os leem de maneira semelhante, e a distância é grande entre os letrados de talento e os leitores menos hábeis, obrigados a oralizar o que leem para poder compreender, só se sentindo à vontade frente a determinadas formas textuais ou tipográficas (CHARTIER, 1996, p. 179).

Esse leitor, que necessita oralizar o texto, será demonstrado nesta pesquisa pelo personagem Major Alberto, que lerá textos fazendo performances. Esta ocorrência exemplifica a pesquisa chartierna quanto à distinção entre leitores.

O leitor, elemento ativo, é, portanto, um ser que possui liberdade para dar significado ao texto e, dependendo de seu perfil bio-socio-cultural e sua capacidade de análise, tem o poder de gerar novos significados a partir da matéria escrita e, a partir daí, apresentar resultados positivos ou negativos para promoção ou não de avanços que irão nortear sua vida social.

2.2 O personagem

O personagem é definido no Dicionário de Narratologia, como elemento “fundamental da narrativa [e] evidencia a sua relevância em relatos de diversa inserção sociocultural e de variados suportes expressivos [...] é o eixo em torno do qual gira a ação e em função do qual se organiza a economia da narrativa” (REIS; LOPES, 2002, p. 314). Esse importante papel desempenhado pelo personagem na estrutura narrativa é que vai nortear esta pesquisa que envolve leitores, leituras e personagens.

Desta forma, o personagem é, neste estudo, o elemento ativo que vai promover as ações de leitura e será estudado durante as ocorrências dessa prática. Assim, procurou-se refletir sobre o seu papel na narrativa dalcidiana e, para isso, buscou-se um conhecimento sobre seu significado, manifestações e transformações ao longo dos séculos.

De acordo com a tradição crítica, é Aristóteles quem propõe uma primeira discussão sobre esse problema da personagem quando expõe a

respeito da identidade entre pessoa e personagem “na tragédia os poetas recorrem a nomes de personagens que existiram, pela razão de que o possível inspira confiança” (ARISTÓTELES, [19--], p. 252). A relação entre personagem e seres reais era, para o pensador, indispensável, pois focalizava a confiança dos leitores.

Os estudos sobre a personagem caminharam sob o comando de Aristóteles, seguido depois por Horácio, até que essa ideia começa a entrar em declínio a partir do século XIX, quando as personagens começaram a ficar mais complexas. É de relevância citar a obra *Aspectos do Romance* (1927), de Edward Morgan Forster, romancista e crítico inglês, que classifica as personagens em planas e redondas.

No Brasil, um importante estudo foi feito por Antonio Candido, em colaboração com outros estudiosos como Anatol Rosenfeld, Décio de Almeida Prado, Paulo Emílio Salles Gomes da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, para conhecer o personagem. Desse estudo, nasceu o livro “*A personagem de ficção*” e dele destacamos as considerações feitas por Antonio Candido quando observa que é na ficção “o único lugar [...] em que os seres humanos se tornam transparentes à nossa visão, por se tratar de seres puramente intencionais sem referências a seres autônomos” (CANDIDO, 2000, p. 35), diferentes das pessoas reais que não se pode observar como elas realmente se apresentam, por não serem transparentes.

Antonio Candido, neste estudo sobre personagens (*Homo Fictus*), ressalta a importância das mesmas para o leitor. Destaca que “ao leitor importa a possibilidade de ser ele [o *Homo Fictus*] conhecido muito mais cabalmente, pois enquanto só conhecemos o nosso próximo do exterior, o romancista nos leva para dentro da personagem” (CANDIDO, 2000, p. 63). Desta forma, é possível entender mais intimamente a personagem.

O personagem é também um elemento da narrativa que pode provocar no leitor sentimentos contraditórios como a empatia ou a aversão, conforme sua representação. Este duplo sentimento, provocado pelo personagem, é possível ser fruído pela leitura de um texto literário, como a aversão pela leitora Emma Bovary e risos com o leitor Brás Cubas, personagens resultantes de um processo artístico, frutos de uma representação da leitura que promove o entendimento da necessidade de conhecer este tipo de mecanismo para,

então, redimensionar determinados aspectos que ocorrem na vida real, mas que às vezes não julgamos importantes.

Esta modalidade de personagem, que lê na ficção, pode motivar críticas à sociedade, sem receber sanções, que geralmente sofre quem critica determinados segmentos da sociedade. Exemplos de personagens-leitores são comuns, tanto na literatura nacional como na estrangeira. Assim, o livro que marca este tipo de leitura fictícia é *D. Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes y Saavedra (1547-1616).

O leitor D. Quixote perdeu a razão pela leitura constante de romances de cavalaria e pretendia imitar seus heróis dos livros, mas acaba envolvendo-se em aventuras com seu fiel escudeiro Sancho Pança, que tinha melhor consciência da realidade, visto que “este fidalgo, nos intervalos que tinha de ócio [...] se dava a ler livros de cavalarias, com tanta afeição e gosto, [...] que vendeu muitos trechos de terra de semeadura para comprar livros de cavalaria” (CERVANTE Y SAAVEDRA, 2002, p. 12). Conforme se percebe, há uma crítica na representação do personagem-leitor D. Quixote e, conforme já foi historiado, outros livros também apresentarão imagens de leituras e, por conseguinte, discursos dos personagens que leem.

Os estudos sobre o complexo literário que envolve a leitura e o leitor estão avançando. No Brasil, as pesquisadoras Marisa Lajolo e Regina Zilberman se dedicam a este tipo de investigação, atrelado ao trabalho das representações na literatura e justificam a presença das mesmas, no texto literário, afirmando que “[é no texto literário] o lugar privilegiado para o início do desenho de uma história social da leitura” (LAJOLO; ZILBERMAN, 1998, p. 17). Elas enfatizam, sobretudo, que o assunto pode ser tematizado na literatura, por ser o espaço privilegiado para discuti-lo.

Seguindo este percurso de leituras, leitores e personagens, é que na análise do livro *Chove nos campos de Cachoeira*, de Dalcídio Jurandir encontrou-se um universo de leituras feitas por personagens-leitores. Essas imagens de leitura serão praticadas por cinco leitores no primeiro livro de Jurandir por: Major Alberto, Eutanázio, Alfredo, Dr. Campos e Salu. Estas figurações serão mostradas, a seguir, em tabelas para depois serem analisadas nas seções referentes aos respectivos leitores.

A seleção destes personagens se deu por conta do volume de leituras que eles praticam no romance, porém é relevante informar que estes cinco personagens leitores não são os únicos, existem ainda outros personagens leitores que não foram tratados nesta pesquisa por serem de menor relevância na narrativa ou por estarem agregados a outros personagens-leitores mais expressivos.

Para examinar as preferências de leituras dos personagens, optou-se em demonstrá-las em duas tabelas: uma que mostra as imagens de leituras literárias e outra com as leituras não-literárias, incluindo neste segmento as leituras ouvidas e/ou representadas.

A opção por apresentar os dados em tabela foi para proporcionar a observação de certos detalhes que, às vezes, podem escapar da observação do leitor, pois somente a leitura do texto não oportuniza a visualização de dados quantitativos e cruzamento de informações.

A seguir, apresentaremos no primeiro momento a Tabela 1 - Textos Literários, com apontamentos sobre a atividade dos personagens leitores, seguida de comentário sobre a mesma. Na sequência seguinte, será apresentada a Tabela 2 - Textos não-Literários, apontando a ação leitora de cada personagem, seguida também de comentário sobre a mesma.

Tabela 1 - Preferência de leitura - Textos Literários

TEXTOS LITERÁRIOS	PERSONAGENS-LEITORES				
	MAJOR ALBERTO	EUTANÁZIO	ALFREDO	DR. CAMPOS	SALU
POEMAS					
<i>Se se morre de amor</i> , de Gonçalves Dias		X			
<i>I-Juca Pirama</i> , de Gonçalves Dias	X				
<i>Amor e medo</i> , de Casimiro de Abreu		X			
<i>Ouvir Estrelas</i> , de Olavo Bilac		X			
<i>Via Láctea</i> , de Olavo Bilac	X				
O pássaro Cativo, de Olavo Bilac			X		
<i>As pombas</i> , de Raimundo Correa		X			
<i>O Caçador de Esmeraldas</i> , de Olavo Bilac	X				
<i>Jesuítas</i> , de Castro Alves	X				
(?), de Castro Alves				X	
O Estudante Alsaciano, de Acácio Antunes			X		
(?), de Tobias Barreto				X	
ROMANCES					
<i>Paulo e Virginia</i> , de B. Saint-Pierre		X			
<i>O Conde de Monte Cristo</i> , de A. Dumas		X			
Inocência, de Visconde de Taunay				X	
Amor de Perdição, de Camilo Castelo Branco				X	
(?), de Wolfgang von Goethe				X	
A vingança do Judeu, de J. W. Rochester ²¹		X			
<i>A mulher adúltera</i> , de H. Escrich (I, II, III e IV)					X
<i>O manuscrito materno</i> , de H. Escrich (I, II e III)					X
<i>Rainha e Mendiga</i> , de Antonio Contreras (I, II e III)					X
<i>A dor de Amar</i> , de Henri Ardel					X

Fonte: Organizado por COSTA, R. B. em maio/2014

²¹É um livro espírita psicografado por WeraKrijanowski/Médium: WeraKrijanowski Espírito: Conde J. W. Rochester.

A Tabela 1 apresenta a preferência de cinco personagens-leitores, que são: Major Alberto, Eutanázio, Alfredo, Dr. Campos e Salu. Nela, é possível perceber a ocorrência de leitura por personagem, gênero e título lido. Também é possível perceber, nesta tabela, que os títulos de leituras não coincidem entre personagens, uma vez que cada personagem lê um título diferente do outro; no entanto, há coincidência de preferência por poetas. Desta forma, o poeta Gonçalves Dias era preferência de Major Alberto e Eutanázio; Olavo Bilac, preferência de Major Alberto, Eutanázio e Alfredo; Castro Alves, preferência de Major Alberto; e Dr. Campos e Tobias Barreto, preferência de Dr. Campos.

Os poetas mais lidos foram os do Romantismo Brasileiro: Gonçalves Dias, Castro Alves, Casimiro de Abreu e Tobias Barreto, seguidos dos poetas do Parnasianismo: Olavo Bilac e Raimundo Correa. Quanto ao poeta português Acácio Antunes²², provavelmente pertencia ao Realismo/Naturalismo Português que iniciou em 1865, visto que o poeta nasceu em 1853 e morreu em 1927.

As preferências de poemas citados em *Chove nos campos de Cachoeira*, escritas em Língua Portuguesa, totalizaram doze, sendo que onze são de poetas brasileiros e uma de poeta português. Os poemas brasileiros citados foram os seguintes: *Se se morre de amor* e *I-Juca Pirama*, de Gonçalves Dias; *Amor e medo*, de Casimiro de Abreu; *Ouvir Estrelas*, *Via Láctea*, *O pássaro Cativo*, *O Caçador de Esmeraldas*, de Olavo Bilac; *As pombas*, de Raimundo Correa; *Jesuítas* e uma poesia não denominada, de Castro Alves; e outra não denominada, de Tobias Barreto. A única poesia de poeta português referenciada no texto dalcidiano foi *O Estudante Alsaciano*, de Acácio Antunes.

Os romances lidos são de seis nacionalidades e totalizam dez títulos: um brasileiro, *Inocência*, de Visconde, de Taunay; um português, *Amor de Perdição*, de Camilo Castelo Branco; três franceses: *Paulo e Virginia*, de Bernadim de Saint-Pierre, *O Conde de Monte Cristo*, de Alexandre Dumas; *A dor de amar*, *Henri Ardel*; três espanhóis: *Rainha e Mendiga*, de António Contreras, *O manuscrito materno* e *A mulher adúltera*, de Henrique Escrich; um

²²Sobre o poeta Acácio Antunes os dados são raros, desta forma não foi possível dar mais informações sobre sua poética.

alemão, cujo título não é citado, de Wolfgang von Goethe e *A vingança do Judeu*, de J. W. Rochester²³.

Da amostragem de textos literários, lidos por personagem, segue o seguinte resultado: Major Alberto não lia romance, somente lia poesias. Eutanázio lia poesias e romances; Alfredo lia apenas poesias; Dr. Campos lia poesias e romances; e Salu lia somente romances do tipo folhetim.

As imagens e referências que se tem de Salu, no primeiro romance de Dalcídio Jurandir, são que, na maioria das vezes, ele figura como leitor d'*O manuscrito materno*, de Henrique Perez Escrich. Essa preferência de Salu pelo romance folhetim é atestada pela leitura de outros títulos além d'*O manuscrito materno*, que estão sob a mesma classificação de romance folhetim, como *A mulher adúltera*, de Escrich, *A Rainha e Mendiga*, de António Contreras, *A dor de amar*²⁴ de Henri Ardel.

As observações sobre a leitura do personagem Salu foram realizadas na análise da Tabela 1, posto que na Tabela 2 o personagem não irá figurar como leitor; desta forma, não será possível analisá-lo.

²³ Verificar nota 21

²⁴ A obra foi traduzida para o português, no original francês o título é *Le mal d'aimer*.

Tabela 2 - Preferência de leitura - Textos não-Literários

TEXTOS NÃO LITERÁRIOS (LIDOS, OUVIDOS/ REPRESENTADOS)	PERSONAGENS-LEITORES			
	MAJOR ALBERTO	EUTANÁZIO	ALFREDO	DR. CAMPOS
CARTAS				
Para Ângela		X		
Para João Galinha		X		
DICIONÁRIO				
<i>Dicionário Prático Ilustrado</i> , de Jaime Séguir		X		
FILOSOFIA				
<i>Dores do Mundo</i> , de Arthur Schopenhauer ²⁵		X		
(?), Georges Bataille				X
HISTÓRIA				
(?)	X		X	X
Otto von Bismarck				X
História da Roma antiga				X
Mitologia Grega				X
LIVRO RELIGIOSO				
Bíblia		X		X
Nicolau II				X
O gênio do cristianismo, de Chateaubriand				X
LIVRO SOBRE CIÊNCIA				
Charles Darwin				X
LIVRO DE VERSIFICAÇÃO				
(?)		X		
ORATÓRIA				
Mont'Alverne	X			
Antônio Cândido	X			
Demóstenes	X			
PERIÓDICOS				
CATÁLOGOS/REVISTAS ²⁶				
<i>Brasil Agrícola</i> ,	X	X	X	
<i>Chácara e quintais</i>	X	X	X	
<i>La Hacienda</i>	X	X	X	
<i>Revista Verdade</i>				X
ALMANAQUE				
Almanaque Agrícola Brasileiro	X	X		
JORNAL				
<i>O Cachoeira</i>	X			
ARTE				
DANÇA				
Isadora Duncan				
Margaretha Geertruida Zelle				X
TEATRO				
Eleonora Duse				X
Le Tartuffe (comédia Francesa)				X

Fonte: Organizado por COSTA, R. B. em maio/2014.

²⁵Este livro é citado no romance várias vezes e a leitura aparece como soma de um grande desejo de conseguir ler o livro.

²⁶As revistas estão na mesma coluna que os catálogos, pois ora são tratados como revista e ora como catálogos.

Na Tabela 2, são exibidos os textos não-literários. Nesta abordagem, serão consideradas como leituras as modalidades pertencentes ao teatro e à dança. Desta forma, serão apresentadas as preferências de quatro personagens: Major Alberto, Eutanázio, Alfredo e Dr. Campos, sobre dez tipos de leituras apresentadas.

Nesta tabela, a apresentação do objeto lido é bem variada, onde constam os seguintes tipos: cartas, dicionário, Filosofia, História, livros religiosos, livro sobre ciência, livro de versificação, oratória, periódico (almanaque, catálogos/revistas e jornal) e arte (dança e teatro).

A maior incidência de leitura é de Periódicos (almanaque, catálogos/revistas e jornal²⁷), seguidos de Filosofia, Livros de História e de Livros Religiosos. Os tipos menos lidos, que apresentam apenas um registro de leitor para cada modalidade, são: cartas, dicionário, livro sobre ciência, livro de versificação, oratória e arte (dança e teatro).

O personagem Major Alberto era apaixonado por dois tipos de leitura apresentados nesta tabela: os periódicos e a oratória. Os periódicos compreendiam o *Almanaque Agrícola Brasileiro*, os catálogos/revistas: *Revista Brasil Agrícola*, *Chácara e Quintais* e *La Hacienda* e o jornal *O Cachoeira*, que era o editor. Quanto à oratória, ele era um estudioso dos discursos de Mont'Alverne, Antônio Cândido e Demóstenes. Os livros de História também figuram como preferência do Major Alberto.

Eutanázio figura na narrativa apresentando a leitura dos seguintes textos: cartas (para Ângela e João Galinha), dicionário (*Dicionário Prático Ilustrado*, de Jaime Séguir), filosofia (*Dores do Mundo*, Arthur Schopenhauer²⁸), livro religioso (Bíblia/Apocalipse), livro de versificação (não denominado) e quatro ocorrências para periódicos: uma para almanaque (*Almanaque Agrícola Brasileiro*), e outra para catálogos/revistas (*Revista Brasil Agrícola*, *Chácara e Quintais* e *La Hacienda*). Observa-se maior afinco na leitura de periódicos, especialmente as revistas que continham como suplemento o Almanaque e os catálogos que apresentavam informações sobre poesias e também

²⁷ Sobre o a leitura de jornal apenas um leitor se diz leitor, os demais personagens aparecem com o jornal, porém não se afirma ou não se mostra leitor deste texto.

²⁸ Verificar nota 25

apresentavam algumas leituras literárias, conforme será visto na seção referente a este personagem.

O personagem Alfredo tinha como preferência os periódicos, que funcionavam para ele como um primeiro contato com o mundo da leitura. Ele figura manuseando os catálogos/revistas (*Revista Brasil Agrícola, Chácara e Quintais* e *La Hacienda*). Também tem preferência por livros de história, especialmente os de História do Brasil, porém o livro que ele lê não é denominado na narrativa, mas sabemos que lê pelos comentários que faz e pela recriação da história com seu interlocutor, o “caroço” de tucumã.

Dr. Campos é um personagem erudito, seu gosto é bem diversificado e apresenta algumas particularidades na demonstração de sua preferência de leituras, por figurar algumas leituras que não são escritas, mas representadas ou cantadas como as da Arte da dança, de Isadora Duncan e Margaretha Geertruida Zelle²⁹, ou o teatro, assistindo a comédia francesa *Le Tartuffe* e as apresentações da atriz Eleonora Duse. Outra paixão de Dr. Campos, além das artes, eram os fatos da História e, dentre as leituras que ele mais gostava, figuram os livros sobre História da Roma antiga, Mitologia Grega e do estadista Otto von Bismarck.

Paralelo à paixão de Dr. Campos pelas artes e pela História, ele demonstrava o gosto pelas leituras sobre religião, uma vez que ela era para ele um escudo; desta forma, lia a Bíblia, a hagiografia de *Nicolau II* (da Igreja Ortodoxa) e *O gênio do Cristianismo*, de René de Chateaubriand (traduzido por Camilo Castelo Branco), conforme ele mesmo referencia. Lia, também, com menos intensidade, livro de filosofia de Georges Bataille, Livro sobre ciência de Charles Darwin e apenas um tipo de periódico que era a *Revista Verdade*, para a qual escrevia.

Nesta seção, as imagens de leituras dos personagens foram apenas demonstradas para que se pudesse conhecer o material a ser trabalhado nas seções posteriores destinadas a cada personagem. É nestas seções que será feito um apanhado sobre a ocorrência de cada uma e o contexto em que elas ocorrem, de forma que serão melhor exploradas.

²⁹Margaretha Geertruida Zelle era conhecida como Mata Hari.

3 UMA FAMÍLIA DE LEITORES

Por isso na impaciência
 Desta sede de saber,
 Como as aves do deserto –
 As almas buscam beber...
 Oh! Bendito o que semeia
 Livros... livros à mão cheia...
 E manda o povo pensar!
 O livro caindo n'alma
 É germe – que faz a palma,
 É chuva que faz o mar

(Castro Alves)

A comunidade de leitores em Cachoeira, visualizada no romance em foco, será apresentada em dois núcleos: o primeiro, será visto neste capítulo por meio de uma família leitora composta por Major Alberto, Eutanázio e Alfredo; o segundo, no quinto capítulo “Diferentes leitores, diferentes leituras”, por meio dos frequentadores da taverna de Salu. O segundo núcleo fará interlocução com o primeiro por serem leitores e por conversarem sobre leituras.

3.1 O gabinete de leitura do Major Alberto

O Major Alberto Coimbra é um personagem que se destaca no livro *Chove nos campos de Cachoeira*, tanto por ser pai dos protagonistas, quanto por protagonizar a leitura. Ele é um colecionador de livros, hábito incomum na ilha onde residia, e é, também, um transmissor da prática de leitura. Com sua peculiar maneira de ler, ele consegue repassar à esposa, aos filhos e aos cidadãos da pequena comunidade onde mora, o gosto pela leitura.

No romance de Dalcídio Jurandir, o personagem Alberto Coimbra é conhecido como Major Alberto, que nasceu em Belém do Pará e depois foi morar na ilha do Marajó, um grande arquipélago composto por pequenas cidades e distante da Capital. Nesta ilha, o personagem inicialmente morou na cidade de Muaná e depois em Cachoeira do Arari. O Major ficou conhecido na ilha por sua bondade e inteligência, atributos conseguidos por saber ler e

escrever, habilidade que contrastava com a maioria das pessoas locais que eram analfabetas.

Os sonhos e os projetos fugazes permearam a vida deste personagem, a começar pela profissão: Major da Guarda Nacional, funcionário na Junta da Saúde, revisor de *A província*, fundou e dirigiu o *Independente de Muaná*³⁰, professor público, político, resolvia algumas questões de advocacia, mestre em pirotecnia, orador oficial nas festas públicas, programador de festa de santos, magnífico narrador de histórias sobre a vida de reis, rainhas do Brasil e guerras; além disso, era um excelente tipógrafo³¹, profissão que o fez conhecer os catálogos e revistas, que lhe apresentaram o mundo e a possibilidade de sonhar mais alto, editando um jornalzinho na ilha do Marajó, de nome *Cachoeira*, que durou pouco tempo e faliu.

O Jornal *Cachoeira* pode fazer uma correspondência com o Jornal *A Gazetinha*, fundado em 1922, pelo Capitão Alfredo Pereira, pai de Dalcídio Jurandir. No jornal do capitão Alfredo há um trecho, citado abaixo, que faz alusão ao fato dos pais encaminharem seus filhos para a escola.

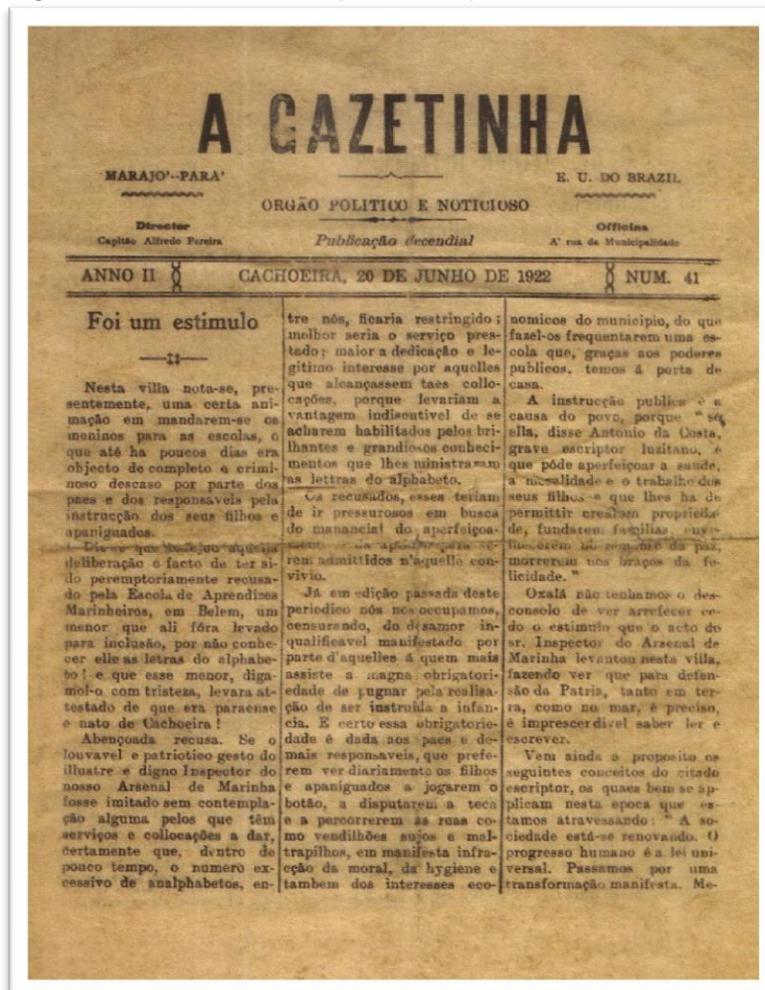
Nesta vila da Cachoeira nota-se, presentemente, uma certa animação em mandarem-se os meninos para as escolas, o que até há poucos dias era objeto de completo e criminoso descaso por parte dos paes e dos responsáveis pela instrução dos seus filhos e apaniguados. (...) Para defesa da Pátria, tanto em terra, como no mar, é preciso, é imprescindível saber ler e escrever. Vem ainda a propósito os seguintes conceitos do citado escritor, os quaes bem se aplicam nesta época que estamos atravessando: A sociedade esta-se renovando. O progresso humano é a lei universal. Passamos por uma transformação manifesta (GAZETINHA, ano 2, 1922).

O excerto aborda sobre a necessidade da leitura e da escrita, para a renovação da sociedade e do crescimento do cidadão e da pátria. No texto de Jurandir, o Major Alberto encaminhará seus filhos Eutanázio e Alfredo à escola, mesmo que esta escola não seja a dos sonhos dos personagens, conforme se observará nos tópicos relativos aos estudantes Eutanázio e Alfredo.

³⁰ *A província* e o *Independente de Muaná* eram periódicos fictícios que apareceram na 1ª narrativa dalcidiana.

³¹ Sobre a importância da tipografia como divulgadora do conhecimento e os tipos existentes no estado do Pará a partir dos anos oitocentos, conferir estudos de (SALES, G. A.; NOBRE. I. G, 2009), exposto no capítulo que trata do personagem Salu.

Figura 6 - Jornal A Gazetinha (ano 2, 1922)



Fonte: NUNES, Benedito; PEREIRA, Ruy; PEREIRA, Soraia Reolon (Org.). 2006, p. 26

A vida profissional não diferenciava muito da vida familiar do Major, que também era cheia de instabilidades. Constituiu sua primeira família em Muaná, no Marajó, herdando deste primeiro relacionamento quatro filhos: Eutanázio, Letícia, Natércia e Marialva, que era cega e filha mais nova do casal, mas gostava de ouvir histórias. Após a morte da esposa, abandonou suas três filhas na cidade de Muaná e seguiu para Cachoeira com Eutanázio e uma segunda esposa, D. Amélia.

Em Cachoeira, os filhos do Major Alberto: Eutanázio, do primeiro casamento e Alfredo, filho de D. Amélia, principiaram suas leituras vendo os folhetos e livros do pai e também ouvindo as leituras que ele fazia em voz alta. Tanto Eutanázio, quanto Alfredo manusearam revistas e fizeram as primeiras experimentações de leituras, a partir das gravuras de livros. Desta forma,

também foram despertados para a cultura escrita. Major Alberto “via Alfredo crescer, ficar mesmo um menino sabido, já de jornal no braço, abrindo as estantes [...] com curiosidade” (JURANDIR, 1941, p. 111). Eutanázio e Alfredo são os personagens que protagonizam a narrativa e, junto com o pai, protagonizam a leitura em *Chove nos campos de Cachoeira* e serão tratados nos tópicos seguintes.

Major Alberto morava num chalé, residência que se diferenciava da dos demais moradores da cidade, que moravam em casas humildes. Era possuidor do único acervo de livros da cidade, que ficava na saleta do chalé: “mandava buscar catálogos do mundo inteiro [e a]s estantes ficavam cheias” (JURANDIR, 1941, p. 68). As estantes que guardavam os livros do Major podem ter resultado da aquisição dos catálogos e/ou revistas, conforme comentário de Martins (2008), que afirma ser comum nestas revistas anúncios publicitários oferecendo estantes, um modelo para cada coleção de revista comprada.

Segundo Roger Chartier, o livro tradicionalmente representava “decoração; e a biblioteca, sinal de um saber ou de um poder” (CHARTIER, 1996, p. 90-91). Infere-se que Major Alberto é representante de uma classe social que tem certo poder econômico, uma vez que ele não demonstra ter grande riqueza, mas o tipo de casa que possui e a quantidade de livros que adquiriu, denotam condições financeiras e poder de articulação político-social pois, de outra forma, como faria para que alguns títulos de livros chegassem até a ilha de Marajó e em Cachoeira?

Os livros do Major eram guardados numa saleta que era, para ele, uma espécie de santuário, de cuja arrumação ele mesmo cuidava.

Pôs na mesinha da saleta o seu retrato junto dos filhos, um retrato de Augusto Comte, uma Santa Rita de Cássia, o relógio redondo, a pasta com papéis municipais. As duas estantes de livros tomam espaço, as quatro cadeiras, a velha chapeleira negra, a janela para os campos. Não tem mesmo um quarto para dormir à vontade. Na saleta seu (...) recebe visitas (JURANDIR, 1941, p. 45).

A saleta do Major era o local que comportava o mundo do chalé e o mundo de leituras em Cachoeira. Era o espaço intocável “que não se varre, não se arruma, não se espana, não se abre ao sol” (JURANDIR, 1941, p. 250). Este espaço funcionava como quarto, como biblioteca, como sala de visitas,

como refúgio, enfim, “*A saleta era o universo*”, conforme capítulo XVII de *Chove nos campos de Cachoeira*. Era lá que o Major Alberto gostava de ler, ou seja, reproduzir em voz alta trechos da literatura canônica, para outros personagens do romance.

A paixão do Major Alberto pelas letras era enorme, pelo fato de possuir uma tipografia que o levou a colecionar todos os tipos de impressos, como cartazes, panfletos, revistas e livros, posto que adquiriu grande e variada quantidade de obras literárias para o consumo pessoal: “[n]o seu tempo de mais moço comprara coleções de livros enciclopédicos e bibliotecas populares portuguesas. Sempre foi um desejo ler, de saber, de ter por alto uma noção do mundo e dos homens” (JURANDIR, 1941, p.192). Observa-se que o objetivo do personagem em ler é para conhecer os fatos dos homens e do mundo.

Seu interesse como leitor se inicia por meio das revistas e catálogos, já que as ilustrações distraíam o personagem: “Major Alberto se esquece nos catálogos. Os catálogos são bonitos e convidam ao sonho” (JURANDIR, 1941, p. 33). O excerto comprova que o Major lia os catálogos para viajar por meio das paisagens que eles apresentavam.

No livro de Jurandir são citados catálogos, porém infere-se que ele lia revistas e não catálogos. Segundo Martins (2008), entre o final do século XIX e início do século XX, os agricultores brasileiros ainda usavam técnicas primitivas, momento em que houve a necessidade de surgimento de revistas que impulsionassem a agricultura. Foi neste período que apareceu a Revista norte-americana *La Hacienda*, produzida especialmente para o mercado latino-americano. A revista era bilíngue (português /espanhol), editada em alto padrão e encantava pelas ilustrações e propagandas que continha.

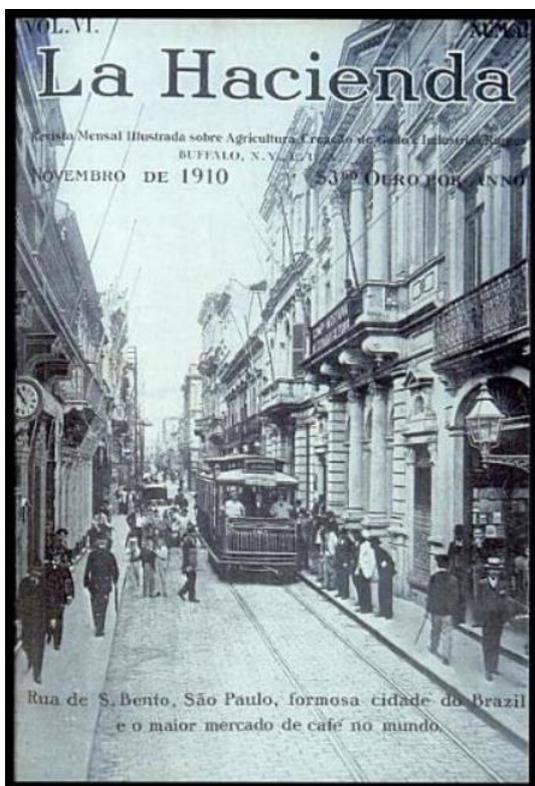
Para exposição da própria revista *La Hacienda*, habilmente, anunciavam a encadernação de luxo, após um ano da coleção completa. E mais: estampavam para venda o modelo de estante concebido para coleção [...] de várias estampas que se encaixavam (MARTINS, 2008, p. 297).

O Major Alberto discursava para a esposa, como um grande orador e não se importava com o trabalho doméstico que ela executava: “lia as Revistas *Chácaras e Quintais*, *Brasil Agrícola*, *La Hacienda*, para D. Amélia que não se interrompia, por isso, em jogar a água suja do alguidar onde lavava os pratos”

(JURANDIR, 1941, p. 192). As revistas citadas por ele surgem no mesmo período em que aparece a *La Hacienda* para o Brasil, conforme referenciado antes. A Revista *Chácaras e Quintais* trazia como brinde um *Almanaque* que era distribuído pelo Jornal *Correio Paulistano*, onde os assuntos eram diversificados, traziam propaganda, técnica agrícola e literatura:

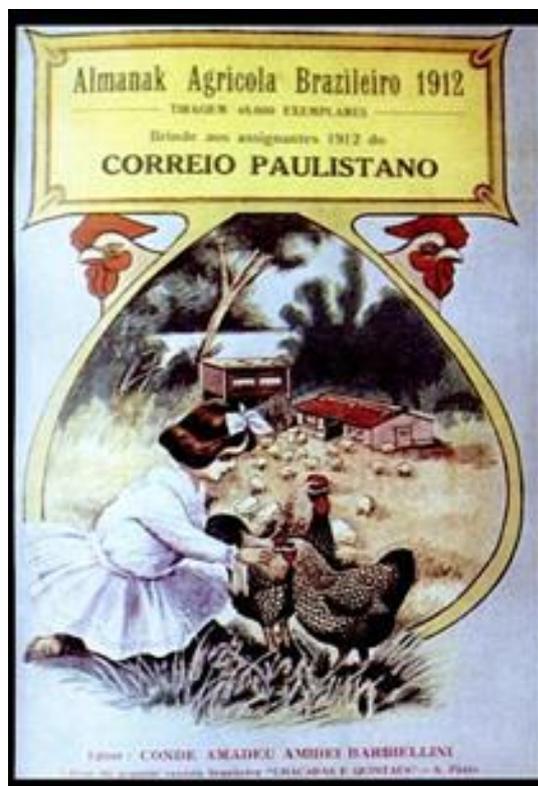
As revistas agrícolas acabam por ampliar o público leitor, habituando-o, pelo menos, à prática da literatura técnica. Em particular o reticente leitor masculino, alcançando até a leitora feminina (MARTINS, 2008, p. 284).

Figura 7 – Revista *La Hacienda*



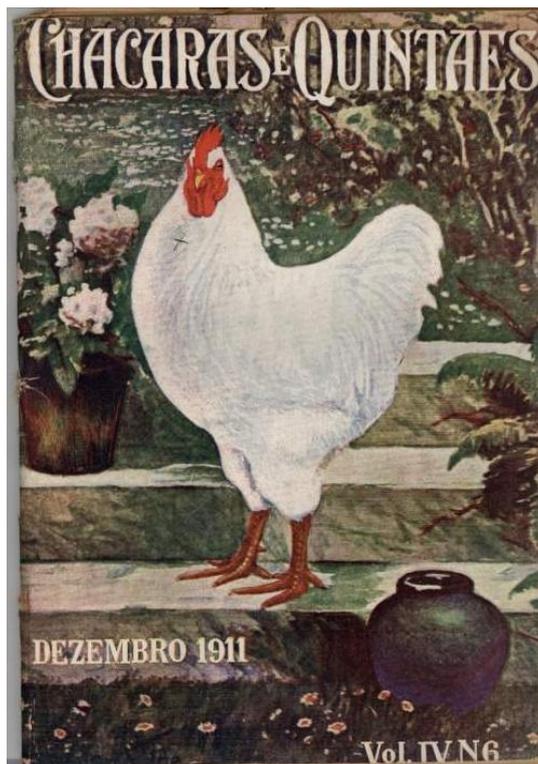
Fonte: Martins, 2008, p. 300

Figura 8 – Almanaque Agrícola Brasileiro



Fonte: Martins, 2008, p. 302

Conforme tese de doutorado de Wanda Weltman (2008), a revista *Chácaras e Quintais* trabalhava com temas diversificados: “a publicação valoriz[ava] também, temas de cunho político, entre eles: a educação rural, a luta contra o analfabetismo, o saneamento rural, a policultura, o cooperativismo e o papel da ciência para o setor agrícola” (WELTMAN, 2008, p. 222).

Figura 9 – Revista *Chácaras e Quintais*

Fonte: WELTMAN, 2008, p. 128
 Comentário: Acervo da Biblioteca de Ciências Biomédicas da FIOCRUZ

Na pesquisa não foi encontrada a Revista *Brasil Agrícola*, citada por Major Alberto, porém essa revista existiu na mesma época em que circulava a *La Hacienda* e a *Chácaras e Quintais*. A revista *Fazendeiro* era uma extensão, e, como tal, tratava de assuntos exclusivos sobre café, já que o Brasil produzia 70% do café mundial neste período. No entanto, Martins (2008) afirma que em 1916, a revista *Fazendeiro* teve a colaboração do escritor Monteiro Lobato, com o artigo “O aproveitamento Integral da Laranja”.

O estímulo da prática de leitura trazido pelas revistas é expressivo, haja vista que os filhos do Major fizeram-se leitores a partir do manuseio de revistas, conforme já referido, e o próprio Major ficou “refém” das revistas, bem como D. Amélia que só as escutava. Além das revistas agrícolas, Major Alberto também lia Revistas religiosas como a *Revista de Santa Rita de Cássia*.

Sua habilidade de leitor era muito apreciada pelos moradores de Cachoeira. Gostava de ler e recitar poesias: “‘O Caçador de Esmeraldas’ e os ‘Jesuítas’ de Castro Alves” (JURANDIR, 1941, p. 66). Ele as recitava com

entusiasmo, já que a poesia era uma das principais preferências de leitura desse personagem-leitor.

Dos poetas que ele admirava, o que mais o entusiasmava era o poeta romântico brasileiro, Gonçalves Dias, e chegava a ponto de defendê-lo veementemente: “Um dia lhe disseram que o maior poeta era Bilac. Major foi a estante e trouxe um retrato de Gonçalves Dias: - Veja! Este que é o nosso poeta”. (JURANDIR, 1941, p. 67). Também nutria admiração pelos grandes oradores e não cansava de falar e recitar: “Falava da gagueira de Demóstenes³² e repetia de Mont’Alverne o *é tarde, muito tarde...*”³³ (JURANDIR, 1941, p. 67).

Além dessas personalidades, o personagem reproduzia também discursos políticos:

Lia para D. Amélia discursos inteiros de Antônio Cândido³⁴ e contava a história de Nabuco, o Nabuco da Abolição³⁵, quando foi a Roma pedir a Leão Treze a bênção para a campanha abolicionista. Repetia a resposta do papa. E com a sua barriguinha de fora, a camisa desabotoada, descalço, tentava imitar diante de D. Amélia o porte de Nabuco (JURANDIR, 1941, p. 67).

O Major Alberto demonstra ser sensível à questão do negro, por viver com uma negra e, constantemente dar destaque a personalidades como Joaquim Nabuco (1849-1910), que defendia a liberdade religiosa e a causa abolicionista. Ele contava a história de Nabuco para D. Amélia numa tentativa de fazê-la conhecer sobre as personalidades que defendiam a causa negra. Alfredo, filho do casal, é que “achava esquisito que seu pai fosse branco e sua mãe preta” (JURANDIR, 1941, p. 20).

³²Demóstenes (384 a.c-322 a.c) foi um grande orador e também político grego de Atenas. Na infância sofria de gagueira, nesta fase se apaixonou pela oratória e venceu o problema da gaguez.

³³A expressão “É Tarde” pertence a Fr. Francisco de Monte Alverne (1784-1858) e foi proferida no Sermão de São Pedro de Alcântara em 1854. Esta expressão consta na epígrafe da poesia de Castro Alves “É tarde”, de 1869.

³⁴Antônio Cândido (1852 – 1922) foi clérigo, orador e político. Foi considerado o maior orador do seu tempo. O seu papel na cena pública do tempo foi diversificado. Como pensador político, assumiu-se como um conservador, descrendo das teorias do chamado *socialismo utópico*, avançadas por filósofos do social como Proudhon, e também do positivismo de Auguste Comte. *Antônio Cândido*. In: Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2013. [Consult. 2013-10-24]. Disponível na www: <URL: [http://www.infopedia.pt/\\$antonio-candido](http://www.infopedia.pt/$antonio-candido)>.

³⁵Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo (1849-1910) foi político, diplomata, historiador jurista e jornalista, defendia a liberdade religiosa e a causa abolicionista. Escreveu o Livro O Abolicionismo em 1883.

A única atividade cultural de D. Amélia era escutar o marido, assim ela acabou ficando habituada a uma vida de servidão. Para escutar o marido, D. Amélia se dividia numa dupla tarefa: a de escutar atentamente a leitura do Major e a de desenvolver as tarefas domésticas:

D. Amélia, cosicando as ceroulas do Major, se banhava de eloquência ouvindo discursos inteiros de Antônio Cândido, todo o “Caçador de Esmeraldas”, de Bilac, a “Via Láctea”, “I-Juca-Pirama”. Desse era de que mais gostava. Major ficava dramático. E psiu, psiu, puxando a manga do vestido de D. Amélia (JURANDIR, 1941, p.193).

D. Amélia se configura como um personagem que pratica a leitura apenas como escuta, já que a experiência social de ouvir histórias difere da leitura individualizada. Ouvir a leitura de alguém é prática antiga e remonta aos tempos da Idade Média: “reunir-se para ouvir alguém ler tornou-se também uma prática necessária e comum no mundo laico da Idade Média” (MANGUEL, 2006, p. 158). Neste momento, o número de pessoas alfabetizadas era pequeno, e só por meio de um leitor é que era possível fazer a divulgação de um trabalho escrito. Assim, o produtor de livros possuía grande chance de ouvir o seu livro lido por várias pessoas. Nesse sentido, o Major Alberto desenvolve, em *Chove nos campos de Cachoeira*, a leitura em voz alta que, segundo Roger Chartier, existe desde a antiguidade e comporta duas finalidades, que é a função pedagógica e a de colocar uma obra em circulação.

De um lado, uma função pedagógica: demonstrar que se é bom leitor, lendo em voz alta, constitui um ritual de passagem obrigatório para os jovens que exibem, assim, seu domínio da retórica e do bem falar em público. Por outro lado, um propósito literário: ler em voz alta é, para um autor, colocar um trabalho em circulação, “publicá-lo”. Esse modo de publicação não foi abandonado no início do período moderno, seja como forma única de para a circulação de um texto, seja antes de seu surgimento na edição impressa (CHARTIER, 1999, p. 21-22).

Esta leitura oral, praticada pelo Major, difere da leitura silenciosa, que é a leitura visualizada com ares mais modernos; no entanto, segundo Chartier (1999), esses dois tipos de leituras coexistem desde a antiguidade, embora a leitura silenciosa só tenha sido conquistada pelos ocidentais a partir da Idade Média. Desta forma, a leitura oralizada do Major Alberto é o registro de que existem modos diferenciados de praticar a leitura: “os textos podem ser lidos, e

lidos diferentemente pelos leitores que não dispõem dos mesmos utensílios intelectuais e que não entretêm uma mesma relação como escrito” (CHARTIER, 1990, p. 178).

Por outro lado, a leitura oralizada desenvolvida por Major Alberto comporta certo ritual, em que o leitor se torna “mais meticuloso, a ler sem pular e sem voltar a um trecho anterior, fixando o texto por meio de certa formalidade ritual” (MANGUEL, 2006, p. 138). Vale ressaltar, ainda, que os livros antigos eram numerosos e elaborados especialmente para leitura em voz alta, como observa Chartier:

Quão numerosos são os textos antigos que não propunham de modo algum, como destinatário, o leitor solitário e silencioso à procura de um sentido. Compostos para serem falados ou para serem lidos em voz alta e compartilhados com um público ouvinte, investidos de funções rituais, pensados como máquinas criadas para produzir efeitos, os textos obedeciam a leis próprias à transmissão oral e comunitária (CHARTIER, 2002, p. 13).

As performances desenvolvidas pelo Major Alberto, durante as leituras que fazia, eram tão habilidosas de forma que D. Amélia, sua interlocutora, ficava imersa no texto reproduzido performativamente por ele: “- Estou ouvindo, homem, diga... E Major exclamava: *Pois choraste em presença da morte?! meu filho não és...*”³⁶ (JURANDIR, 1941, p. 193). A ouvinte, então, exercitava o processo de compreensão e interpretação, resultado de uma ação lógica: “D. Amélia ficava era vendo o velho índio danado com o filho que chorou em presença da morte.” (JURANDIR, 1941, p. 193), conseguindo assim, por meio da leitura ouvida e da *performance*, entender de forma razoável a poesia indianista de Gonçalves Dias.

Vale observar que em *Chove nos campos de Cachoeira*, as leituras não são representadas na instituição escolar, tampouco há referências que sejam feitas em bibliotecas ou gabinetes institucionalizados de leitura. Conclui-se que o ensino, na maioria das vezes, era iniciado no lar e que após esta iniciação o aluno engajava-se no estudo por meio de um professor particular.

No texto dalcidiano, a figura desse profissional da educação é mostrada em sua deformação, já que apresenta uma pedagogia pautada no castigo,

³⁶Trecho de “I-Juca Pirama”, de Gonçalves Dias

torturas e humilhações. Alguns desses professores aparecem na narrativa, como o Sócrates de Aquino, professor de Eutanázio, que tinha como prática de ensino as humilhações; o professor Proença, que tinha ares de louco e foi o carrasco de Alfredo durante o tempo de estudo em Cachoeira; e o Mestre Paiva, que castigava o personagem João Galinha.

As imagens retiradas do texto de Dalcídio Jurandir demonstram que os professores apresentados utilizavam métodos de ensino agressivos e que não permitiam, ao aluno, o gosto pelo estudo na instituição escola. Somente percebe-se referência ao estudo, e, principalmente à leitura³⁷, na saleta do Major Alberto, que é um gabinete de leitura particular, ou na taverna de Salu, um pequeno comércio que conseguia reunir alguns intelectuais da cidade de Cachoeira.

Desta forma, é conferido ao personagem Major Alfredo uma posição diferenciada na sociedade de Cachoeira, haja vista a influência como promotor da leitura e a utilização de sua habilidade nas recitações de poesias ou nas leituras de textos em voz alta, com performances extraordinárias, que o transformaram num exemplo de leitor em Cachoeira.

3.2 Eutanázio: a falência do ser e a eternização da palavra

Eutanázio apresenta um diferencial em relação às personagens que figuram no romance em questão. Ele é ambíguo por representar a miséria e a falência do ser humano e, ao mesmo tempo, ser um dos mais importantes personagens-leitores na narrativa de Dalcídio Jurandir. Ele desperta para a reflexão a partir das situações sociais que percebe na cidade de Cachoeira, não observadas por outros personagens mais eruditos e prestigiados.

O personagem Eutanázio apresenta algumas singularidades: é problemático e frustrado como pessoa e enquanto escritor. Era apaixonado por Irene e por ela sofria, como um personagem de histórias românticas inacessíveis, porém nunca conseguiu consumir tal romance; no entanto, se aventurou a outras tentativas amorosas que não alcançaram sucesso, como a Mundiquinha, a Laurenciana, a Dadá e a Felícia.

³⁷As leituras do Major foram exibidas no gráfico de Preferências de Leitura, no cap. 2.

Ele morava em Cachoeira com o pai, a madrasta, Mariinha e Alfredo, irmãos por parte de pai. Possuía um gênio difícil, “era raquítico, tinha os olhos sombrios, os dedos trêmulos, contínuas dores de dentes” (JURANDIR, 1941, p. 35). Filho da primeira esposa do Major Alberto, tinha três irmãs solteiras, Letícia, Natércia e Marialva, com dezessete anos, que era cega “[e que viviam] sós, numa casa triste e gasta, falando baixo como freiras de avental, os cabelos muito compridos, envelhecendo devagar sem vontade de nada [...] não visitam ninguém.” (JURANDIR, 1941, p. 66). As características das irmãs se comparam às do personagem Eutanázio, ou seja, uma representação de miséria do ser humano.

Eutanázio possuía inclinação para a vida cultural e esta aptidão apareceu na adolescência, quando selecionou as profissões de sua preferência, que era o ofício de general, enfermeiro e encadernador. Destas, selecionou o serviço de encadernador, por “[preferir] lidar com os livros, os bacalhaus, os pobres livros maltratados e doentes. [Desejava ser] enfermeiro dos livros, estes pelo menos seriam mais pacientes, mais resignados, mais agradecidos, mais humanos” (JURANDIR, 1941, p. 38). Observa-se que Eutanázio já começa a ter sentimentos pelos livros como se eles fossem pessoas e não objetos.

As reflexões sobre livros, leitura e produção escrita começam a inundar a cabeça de Eutanázio, fato destacado pelo episódio que denominamos “sujeito bêbado” (JURANDIR, 1941, p. 38), que se apresentou como uma criatura estranha, formada por um misto de realidade e de ilusão, o que estimulou a personagem a iniciar uma inclinação que estava latente, como se fosse outra vida que existisse dentro dele:

Um sujeito muito bêbado, com umas roupas espantosas, atravessara a rua para lhe dizer: Por que os livros ficam à margem? Eutanázio recuara. [...]. Sua mão tentava erguer-se[...] Diga... Por que os... livros ficam... Ficam... A margem? Porque também... o homem... Fica também... Na margem da... da... vida? Da nossa própria da... nossa própria... Consciência? Consciência? Hem? Diga-me! [C]omo que os livros ficam a margem? (JURANDIR, 1941, p. 38).

Foi a partir deste belíssimo episódio, entendido como uma visão crítica do personagem Eutanázio sobre o ser humano e a cultura, que o desejo pela leitura se manifestou. O manuseio de revistas e a experimentação de leituras

surgiram a partir da infância “brigava horas e horas com as irmãs [...] ficava no chão ou na mesa de jantar, armando castelos de canas, construindo navios de papelão e miriti, gaiolas e papagaio, folheando revistas, vendo gravuras de livro” (JURANDIR, 1941, p. 36). Esses atos de experimentação, iniciados na infância, a partir de uma testagem inicial, são ações representativas da leitura.

No começo de sua vida estudantil, sempre estava com mau humor e apatia, via a displicência do pai e da mãe e não se sentia estimulado. Desta forma, a leitura e a escrita não representaram grande importância no momento de sua formação inicial, pois “[a]prendia com aborrecimento ou com indiferença, frieza ou desapontamento. Ninguém se interessava por ele [...]. Eutanázio acabou não adivinhando a utilidade de saber ler e escrever” (JURANDIR, 1941, p. 36).

Contudo, quando Eutanázio resolvia estudar, visava dois motivos: o primeiro, está relacionado com mudanças radicais “[queria] saber ler e escrever para mudar a face das coisas [...] mudar a viagem do sol [e fazer] o sol nascer na meia-noite” (JURANDIR, 1941, p. 37), porém não acreditava muito nesta possibilidade já que via os pobres continuarem sempre pobres. O segundo motivo era o medo de suas reações ante o castigo do professor: “Se apanhasse, seria capaz de matar o mestre com uma pedrada” (JURANDIR, 1941, p. 37). No entanto, mesmo estudando de forma pacífica, ele executava pequenas vinganças como a de desenhar a cabeça do mestre de forma deformada e enterrar no formigueiro para imaginar as formigas devorando a cabeça do monstro professor.

A influência do hábito de leitura veio de seu pai, o Major Alberto, que reproduzia de forma oral suas leituras e de um tio conhecido por Jango, que lia belas passagens da Bíblia para Eutanázio, mas este preferia ouvir do tio o Apocalipse, que combinava mais com seu estilo pessoal. Percebemos, então, que há um maior interesse pela literatura no seio familiar, com pai ou tio, do que na escola.

O ambiente escolar, descrito no romance, não possibilitava um incentivo à leitura, pois as imagens mostradas na narrativa de Jurandir são de professores que utilizam uma única forma de pedagogia que é o castigo e/ou humilhação em público. Os personagens silenciam sobre isso e, então, percebe-se uma pactuação do escritor com os personagens sobre o assunto, o

que ocasiona múltiplas interpretações, provenientes dessa relação escritor x personagem x leitura. Uma delas se refere ao silêncio dos personagens, um apagamento das situações que lhes são adversas no ensino:

[O] silêncio é a própria condição da produção de sentido [...] A escrita permite [...] que se signifique em silêncio. Assim, há uma autorreferência sem que haja intervenções da situação ordinária (a censura) de vida: o autor escreve para significar (a) ele mesmo. É um modo de reação ao automatismo do cotidiano marcado pela censura. [...] Há, nesse caso, uma demanda de completude do sujeito através de apagamentos: ele apaga os limites história/relato/história, ou, em outras palavras, ele apaga o limite entre o “eu-pessoal” e o “eu-político”, entre o “sujeito” e o “cidadão”, ou entre o real e a ficção, entre o “eu-que-conta” e o “eu-contado” etc (ORLANDI, 2011, p. 68-83).

O interdito e a não divulgação da situação de miséria em Cachoeira, em relação ao ensino são significação e/ou ressignificação que trata Orlandi em seu estudo sobre o silêncio, é proposto em *Chove nos Campos de Cachoeira* para possibilitar a retomada pelos leitores da obra sobre esta questão.

A prática de leitura do personagem Eutanázio pode ser considerada como leitura extensiva, termo empregado por Chartier (2007) para designar a modalidade de leitura que abrange variados gêneros e nacionalidades. Sua prática de leitura é desenvolvida em contato com a natureza, [leu] uma tradução de *Paulo e Virgínia* [...] debaixo do cupuaçuzeiro³⁸. (JURANDIR, 1941, p. 139-140).

Gostava de ficar num toco de pau no meio do mato, sem pensamentos, numa inércia. Serões muito calmos na varanda da tia Eponina. Conversava sossegadamente com os conhecidos de sua tia. Lia, lá, foi assim, que leu o *Paulo e Virgínia, A vingança do Judeu, O Conde de Monte Cristo* (JURANDIR, 1941, p. 40).³⁹

As leituras representavam, para Eutanázio, mais que prazer; elas extravazavam alguns anseios, como os desejos de viajar e conhecer mundos novos, como se deu pela ocasião da leitura de *O Conde de Monte Cristo*, obra que suscitou o desejo indefinido por viagens, ou melhor, por evasão de um lugar em que não se ouvisse os queixumes sobre a crise da borracha.

³⁸Árvore do cupuaçu, fruta típica da Amazônia.

³⁹Os livros lidos por Eutanázio provavelmente pertenciam ao pai, o Major Alfredo que por ser Guarda Nacional provavelmente fazia as articulações para que os livros chegassem até Cachoeira.

Percebe-se que, mesmo lendo romances de aventuras, relacionados a outros países, ele consegue fazer relação com o seu mundo amazônica.

No seu roteiro de leitor, manifestou desejo de ler um livro, ao qual se refere como se não tivesse lido; no entanto, o seu comportamento demonstra que ele o leu. O livro, que lhe causou tanto apreço, chamava-se *Dores do Mundo*⁴⁰, que viu certa vez numa livraria em Belém.

Lembra-se bem. *Dores do Mundo*, o título. O autor era um nome difícil. Não queria saber do autor, queria saber do livro. [...] Quis entrar na livraria e folhear o livro. Mas sabia que um caixeiro idiota ia logo perguntando qual o livro que escolhia, se queria comprar o que estava folheando, que tinha livro mais barato, ou se colava nele, rondando, vigiando, até que se resolvesse a comprar o livro ou dar o fora. O nome do autor era complicado (JURANDIR, 1941, p. 21-22).

Esta menção ao livro de Schopenhauer suscita-nos uma reflexão, pois conhecendo a trajetória do filósofo e do personagem, nota-se certa identidade entre eles, apesar da afirmação da personagem de que não o leu, observa-se nele esta figuração. São reveladores, para a afirmação, os temas do livro de aforismos de Schopenhauer. Nele, o filósofo trata do amor, da morte, da arte, da moral, da religião, da política, do homem e da sociedade, assuntos instigados por Eutanázio. Entende-se que esta marca no personagem foi fruto da bagagem cultural do escritor e leitor Dalcídio Jurandir.

Por outro lado, é possível uma aproximação de Eutanázio com o personagem Werther, d'*Os Sofrimentos do jovem Werther*, de Goethe, conforme explica a pesquisadora Marli Furtado: “essa aproximação [...] não se faz apenas pelo sabor da comparação, ela serve de veículo de reflexão de que algumas raízes da modernidade estão no Romantismo” (FURTADO, 2010, p. 33).

O personagem Eutanázio possuía predileção especial pelo gênero poesia “decorava o *Se se morre de amor, O Amor e o Medo e o Ouvir Estrelas*. Tinha paixão pelo *As Pombas*” (JURANDIR, 1941, p. 39). Percebe-se que a leitura de Eutanázio acontece de modo gradual, de acordo com as fases

⁴⁰ Uma referência a Arthur Schopenhauer em seu ensaio filosófico *Dores do mundo*, livro de aforismos. De acordo com NUNES; PEREIRA; PEREIRA (2006), o escritor Dalcídio Jurandir considerava Schopenhauer o mestre do pessimismo e não conseguia ajustar suas ideias às dele.

literárias. No Romantismo, primeira fase, o *Se se morre de amor*, de Gonçalves Dias; Romantismo, segunda fase, *Amor e Medo*, de Casimiro de Abreu; Parnasianismo, com proximidade romântica, *Ouvir Estrelas*, de Olavo Bilac; e *As Pombas*, de Raimundo Correa.

As Pombas era a poesia preferida de Eutanázio, talvez pelo fato de perceber que as pombas seguem o mesmo ritual todos os dias, retornando sempre ao lugar de origem, porém ele possui um tempo irrecuperável, posto que sua vida se dará de forma breve em decorrência de sua enfermidade, não podendo voltar ao tempo e reiniciar seu projeto de vida, assim como faziam as pombas.

O leitor Eutanázio não se conforma apenas com as leituras que faz. Ele alarga o seu campo cultural e inicia fazendo versos, porque o seu grande desejo era ser poeta, desejo que se avolumava todos os dias: “se eu pudesse fazer um soneto, [...] dentro dele se agitava um caos e só a poesia daria ordem”. (JURANDIR, 1941, p. 43). Inicia sua atividade poética fazendo alguns versos, mas recebe críticas de Major Alberto sobre seu fazer poético: “Uma porcaria. Que ele cuide doutra vida. Uma porcaria. Está vagabundando. Nem métrica sabe, nem parece que na estante tem um livro de versificação. Uma porcaria. Mania. Mania.” (JURANDIR, 1941, p. 39). Para a preferência do pai, que era arraigado a um estilo mais tradicional, fazer poesia só era possível se utilizasse a métrica, pois o importante era saber metrificar.

Eutanázio, porém, não desistiu: “animou-se quando leu isso num Almanaque: O VERSO É TUDO” (JURANDIR, 1941, p. 39). Esta observação do Almanaque o fez prosseguir no seu intento de produzir poesias, e até conseguiu publicar um poema intitulado “Ponto Final”, na seção de “Ensaio Literários”, d’O *Cachoeira*, jornalzinho do Major Alberto. A preferência deste leitor pelos assuntos literários, especialmente a poética, fica bem evidente a partir de referências que ele lê informações sobre poesia no almanaque para aprimorar sua técnica e, em seguida, publicar o poema no jornal.

Após esta fase, começou a fazer versos para os folguedos do local. Assim, começou a atuar publicamente e passou a ser admirado na construção de versos para festas tradicionais de bois da região:

Os versos eram feitos por Eutanázio que tinha assim talvez a sua única diversão. Fazer a pedido de Rodolfo e Didico os versos para o boi. Major Alberto criticava duramente esses versos, mas o povo gostava, o boi saía bem ensaiado e original, com as músicas do Miranda e os versos de Eutanázio. Eutanázio achava assim que a sua pobre poesia tinha sempre alguma utilidade. Agradava o pessoal dos bumbás, era cantada pelo povo, falada pelos campos do Arari. E a sua tristeza, o seu desespero, todo o seu aborrecimento da vida enchiam os versos do Pai Francisco, as toadas tristes dos vaqueiros, o canto dos índios que vinham com arcos e flechas de Marabá (JURANDIR, 1941, p. 109).

Da vida sofrível de Eutanázio, restou sua arte em fazer versos para as festas folclóricas de Cachoeira. O momento de representação de seus versos musicados significava, para ele, o ponto máximo de sua arte, por conseguir alegrar um povo tão sofrido, ao vê-lo cantar e representar seus versos que eram encobertos com tristezas. Só assim, era reconhecido e as pessoas podiam usufruir de sua arte:

*“Boi chegou
Morena vem ver
Chega na janela
Para acabar de crer.*

E o topa-topa:

*Vamos vamos companheiro
Com este foi aqui brincar
E o que acontecer
Pode comigo contar.
Vamos ver qual é o primeiro
que o bicho vai tocar.
Topa, topa, tu primeiro
Como vaqueiro geral;
Quero ver fera com fera
cara a cara se topar.*

E o vaqueiro real cantava:

*Topa, topa, o Caprichoso
vaqueiro, fama leal
Pois já vejo que não cumpre
O que me disse o geral.*

E era a hora do Pai Francisco:

*Pula, pula, pai Francisco
Que o Real nada mais faz
Quero ver se ainda te lembra.
Do teu tempo de rapaz...*

E Chico respondia:

*Pai Francisco tá sabido
E o boi não vai topar*

*Os vaqueiros matam o boi
E o Chico velho vai pagar.*

E o padre batizando os caboclos:

*Batizo o caboclo
- Não namora mais...*

E a surra no Chico:

*Chora, Chico chora
Chora que a coisa não está de brincar
Chora porque estás preso
E o remédio que tens é apanhar.
(JURANDIR, 1941, p. 108-109)*

A alegria do povo, contrastada com a tristeza dos versos de Eutanázio, provoca uma reflexão sobre a importância de se compreender e de se poder fruir da arte literária, pois, segundo Antonio Candido, a leitura literária é direito inalienável e “uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, [da mesma forma que] a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis” (CANDIDO, 2004, p. 191). O personagem Eutanázio consegue transmitir o fato literário e, ao mesmo tempo, atender ao seu desejo de ler, de escrever e de sentir o prazer literário.

A exposição do produto literário de Eutanázio representa sua passagem de leitor a produtor de texto, provavelmente motivada pelas leituras que ele fazia. Contudo, além da contribuição às festas tradicionais de Cachoeira, Eutanázio também praticava pequenas ações sociais como a de ler e de escrever cartas para as pessoas analfabetas daquele lugar.

Um episódio que mostra essas pequenas ações sociais praticadas por Eutanázio se deu com os personagens enamorados João Galinha e Ângela. Estes personagens eram analfabetos, portanto precisavam de Eutanázio para trocar confidências amorosas. Era um pedido desesperado de quem precisava demonstrar seu sentimento, mas que era incapaz de fazê-lo:

- Escreva da sua cabeça, seu Eutanázio. Da sua cabeça. Não entendo isso. Faz de conta que é você que está sentindo isso. Eu quero me declarar com uma aí...
- Mas nem disseste o nome dela.
- Ah, sim! A Ângela.
- Eutanázio, sorrindo, começou a escrever
(JURANDIR, 1941, p. 206).

O primeiro pedido partiu de João Galinha, que era conhecido como um vagabundo e ladrão de galinhas, mas que um dia apaixonou-se por Ângela e sentiu a necessidade de saber ler e escrever para fazer o cortejo e concretizar o namoro. A atividade de enviar e receber cartas de amor eram comuns nos namoros da época e Eutanázio era o encarregado de escrever e também de ler as cartas que provavelmente receberia.

Na elaboração das cartas Eutanázio brincava com essas pessoas analfabetas, pois sabia que era ele quem iria escrever e ler as cartas, por ter grande disponibilidade para fazer o trabalho e também por ser um dos poucos que sabia ler e escrever em Cachoeira. Desta forma, tirava proveito para se divertir “daquela felicidade analfabeta e cheia de boa-fé.” (JURANDIR, 1941, p. 233). Recebia dos correspondentes muitos agradecimentos, porém estes não desconfiavam que as cartas produzidas por ele contivessem outro conteúdo:

Tinha de pedir licença ao Salu para, no reservadozinho, escrever a resposta a si mesmo. Releu a carta. Assim ele podia escrever, quando quisesse, os maiores desaforos de um para outro, os maiores insultos. Podia fazer Ângela mandar dizer que não queria, que ele era um João Galinha. Podia escrever as infâmias que entendesse de fazer (JURANDIR, 1941, p. 232).

Os personagens João Galinha e Ângela ficavam dependentes de Eutanázio por serem analfabetos e não possuírem outra forma de se comunicar. Ressalta-se, também, que o episódio das cartas é o que dá destaque para os personagens na narrativa.

Um dado relevante com relação ao personagem João Galinha é que ele também sofreu humilhações de um professor, assim como aconteceu com Eutanázio e acontecerá com Alfredo, conforme excerto a seguir. Foram os castigos do professor que fizeram o personagem João Galinha fugir da escola, pois tinha medo do grito do mestre, que era conhecido como homem terrível:

Sua mãe botou ele com o seu Paiva e depois foi um nunca acabar de castigo, de não sair do A, de passar a tarde inteira amarrado num banco para não fugir da escola. E por fim, quando seu Paiva sumiu para dentro de casa, João quis desamarrar a perna do banco. Não pôde. O nó estava bem feito. Que fazer? Fugiu assim mesmo. E foi rebocando o banco pela calçada, ganhou o campo e ficou acuado uma noite inteira dentro do mato (JURANDIR, 1941, p. 208).

Após essa fuga de João Galinha, da escola, ele não quis mais saber de estudar, mesmo que guardasse o desejo de saber ler e escrever, especialmente no momento em que estava apaixonado e precisava se comunicar com a amada. Era, então, necessária a intermediação de Eutanázio para a comunicação.

A história de vida de Eutanázio é trágica e sua existência sombria se apagou na meia idade, não conseguiu o objetivo de tornar-se um escritor canônico, não conquistou a mulher por quem era apaixonado, não constituiu uma família, não teve filhos. No entanto, ele foi um personagem que contribuiu culturalmente para a comunidade de Cachoeira. A notícia de sua morte não foi narrada em *Chove nos campos de Cachoeira* e só será conhecida a partir da leitura de outro romance, *Ponte do Galo* (1971), sétimo do ciclo do *Extremo Norte*.

O personagem-leitor Eutanázio tem um pré-velório marcado pela narração de muitas histórias pelo personagem Salu. Essas narrações no momento final de sua vida figuram como um agradecimento a quem na vida amava a leitura. Ele expira numa noite em que o personagem Salu está narrando histórias: “agonizante, ver uma pessoa morrendo, morre não morre, expirou, disseram. Expirou? Morreu” (JURANDIR, 1971, p.151).

No romance *Chove nos campos de Cachoeira* o personagem Eutanázio é muito marcante, representa a deteriorização total do ser humano, porém deixa um legado expressivo para a comunidade de Cachoeira, que é a sua arte elaborada na construção da poesia popular, já que mesmo depois de morto poderia ser lembrado a partir das canções por ele produzidas.

3.3 Alfredo: um menino leitor

O personagem-leitor Alfredo é apresentado em *Chove nos campos de Cachoeira* na fase infantil, próximo da adolescência e, por este motivo, as imagens de prática de leitura deste personagem serão escassas. No entanto, será possível perceber uma força própria que o fará protagonista deste e de outros romances do ciclo do *Extremo Norte*.

Alfredo representa um menino afrodescendente, posto que era filho de D. Amélia, da cor negra e Major Alberto, da cor branca. Introspectivo e intuitivo

tinha o desejo de ascender socialmente para mostrar aos meninos de sua cidade que a cor não significava incapacidade e que, por meio do estudo e ensino de qualidade, seria possível vencer.

A escola de Cachoeira, frequentada por Alfredo, era pequena e o professor, conhecido como Proença, possuía perfil de um louco: era cínico, gritava e dava gargalhadas, além de possuir olhos vidrados, ásperos e ferozes. Os métodos de ensino se pautavam em humilhações e castigos, atitudes essas, hoje conhecidas como *bullying*. Desta forma, o professor humilhava seus alunos deixando-os despidos: “uma tarde [...] ele foi posto nu pelo Proença. Flor sorria candidamente e Proença com os seus olhos de louco e o riso canalha gritava: - Mas Flor, Flor, olha o pipi dele. O pipi, Flor!” (JURANDIR, 1941, p. 38). Além deste método, também deixava os alunos de joelhos e batia com palmatória nas mãos deles.

Na narrativa, fica evidente o desânimo de Alfredo pela escola do professor Proença, evidenciando que nele ficou uma marca profunda do “ensino” recebido. Sua apatia por esta escola era imensa que simulava doença para não sofrer humilhações. Um dado observado na narrativa é que as leituras não foram mostradas no ambiente escolar. Essa não representação da leitura na escola é um indício de apagamento daquilo que não deveria ser lembrado e/ou mostrado.

Esse apagamento nas representações de leituras de Alfredo apresenta-se na ficção sob a forma de silêncio, descoberto por meio de pistas, que são as críticas ao método empregado pelo professor e, mais tarde, percebidas na fragmentação de leituras executadas pelo personagem.

Estas pistas que culminaram no silenciamento da leitura na escola, por Alfredo, é a marca do seu protesto “é a própria condição da produção de sentido [...]” (ORLANDI, 2011, p. 68), pois ele cala para dar um maior sentido ao seu silêncio, ou seja, prefere nada dizer para destacar a carência de textos de boa qualidade ou até a inexistência deles, já que não existem em Cachoeira imagens de um professor leitor. É importante salientar que o estudo sobre apagamento/silenciamento está direcionado apenas para uma análise pautada no discurso e que não compreende desdobramentos filosóficos.

As primeiras amostras de leituras do personagem aparecerão na leitura do mundo marajoara, composto por inúmeras adversidades. É neste espaço

que suas leituras vão aflorar de forma crítica; contudo, esta crítica se dará com muita sutileza e será percebida por meio de pequenas situações, que nos remetem ao fato de que ele, enquanto leitor quer assinalar. Ressalta-se, sobretudo, que sua força motriz está no desejo de sair daquele mundo e conseguir a tão sonhada instrução escolar, fato que será obsessivo na obra.

A técnica utilizada pelo narrador possibilita uma melhor observação das leituras de Alfredo, pois se percebe a voz do narrador que pactuará com a da personagem e com o caroço de tucumã, que é personagem mágico e que ganhará vida nas mãos de Alfredo e com ele dialogará nos seus mais densos momentos. A utilização desses recursos permite, ainda, um caráter individual ao romance de Dalcídio, como forma de dar singularidade à ficção amazônica.

Os campos o levaram para longe. O caroço de tucumã o levava também [...] [O]s campos não voltaram com ele, nem as nuvens nem os passarinhos e os desejos de Alfredo caíram pelo campo como borboletas mortas. Mais para longe já eram os campos queimados, a terra preta do fogo e os gaviões caçavam no ar os passarinhos tontos. E a tarde parecia inocente, diluída num sossego humilde e descia sobre os campos queimados como se os consolasse. Voltava donde começavam os campos escuros. *Indagava* por que os campos de Cachoeira não eram campos cheios de flores, como aqueles campos de uma fotografia de revista (JURANDIR, 1941, p. 15, grifo nosso).

No excerto acima, a interação natureza x personagem acontece poeticamente, visto que o personagem é mais um elemento entre os diversos existentes no painel, como as borboletas mortas, os passarinhos tontos, os gaviões caçadores, a tarde inocente e os campos queimados, escuros em contraste com os floridos. Nota-se que a observação do narrador se mistura aos sentimentos do menino que não fica passivo: ele indaga, compara e conclui suas observações. Sua percepção da natureza surge paralela à sensibilidade de um caboclo nativo da Amazônia.

Os campos queimados, apresentados no parágrafo inicial, correspondem aos campos em fase de preparação para pastos das grandes fazendas que estavam sendo instaladas em Cachoeira, representando diferença em relação aos campos que a personagem “lia” nas revistas de seu pai; assim, podia fazer a distinção de dois universos: um que cultua a natureza e outro que a destrói.

As primeiras experimentações de leitura de Alfredo acontecem na saleta

do chalé. Esta saleta representa uma das únicas fontes de cultura escrita da cidade de Cachoeira, por comportar as duas estantes de livros, conforme já referido no tópico do personagem Major Alberto e também por não existir na cidade narrada outra de igual porte. Assim, ela é para Alfredo, o espaço de leitura e, ao mesmo tempo, um porto seguro.

As representações do ato de ler, em Alfredo, acontecem de forma um pouco confusa. Certa vez, foi escolhido para recitar *O estudante Alsaciano*⁴¹, uma longa poesia que era ensaiada na casa da professora Lucinda, para os festejos da região:

O Estudante Alsaciano

Antigamente, a escola era risonha e franca.
Do velho professor as cans, a barba branca,
Infundiam respeito, impunham sympathia,
Modelando as feições do velho, que sorria
E era como creança em meio das creanças.
Como ao pombal correndo em bando as pombas mansas,
Corriam para a escola; e nem sequer assomo
De aversão ou desgosto, ao ir para ali como
Quem vae para uma festa. Ao começar o estudo,
Elles, sem um pesar, abandonavam tudo,
E submissos, joviaes, nos bancos em fileiras,
Iam todos sentar-se em frente das carteiras,
Attenta, gravemente — uns pequeninos sabios.
Uma phrase a animar aquelle bando imbelle,
Ia ensinando a este, ia emendando áquelle,
De manso, com carinho e paternal amor.
Por fim, tudo mudou. Agora o professor,
Um grave pedagogo, é austero e conciso;
Nunca os labios lhe abriu a sombra d'um sorriso
E aos pequenos mudou em calabouço a escola
Pobres aves, sem dó metidas na gaiola!
Lá dentro, hoje, o francez é lingua morta e muda:
Unicamente o allemão ali se falla e estuda,
São allemães o mestre, os livros e a lição;
A Alsacia é allemã; o povo é alemão.
Como na propriapatria é triste ser proscripto!
Frequentava tambem a escola um rapazito
De severo perfil, energico, expressivo,
Pallido, magro, o olhar intelligente e vivo
- Mas de intima tristeza aquelle olhar velado
Modesto no trajar, de lucto carregado...
- Pela patria talvez! - Doze annos só teria.
O mestre, d'uma vez, chamou-o á geographia:
- "Dize-me cá, rapaz... Que é isso? estás de lucto?
Quem te morreu?"
- "Meu pae, no último reduto,
Em defeza da patria!"

⁴¹ Poesia composta na época da segunda guerra, pelo poeta português Acácio Antunes (1853 - 1927). A poesia não foi transcrita no livro *Chove nos Campos de Cachoeira*.

- "Ah! sim, bem sei, adeante...
 Tu tens assim um ar de ser bom estudante.
 Quaes são as principaes nações da Europa? Vá!"
 A mais nobre na paz, a mais forte na guerra,
 D'onde irradia a sciencia a illuminar a terra,
 A maior, a mais bella, a que das mais desdenha,
 Fica-o sabendo tu, rapaz, é a Allemanha!"
 Elle sorriu com ar desprezador e altivo,
 A cabeça agitou n'um gesto negativo,
 E tornou com voz firme:
 - "A França é a primeira!"
 O mestre, furioso, ergue-se da cadeira,
 Bate o pé, e uma praga enérgica lhe escapa.
 - "Sabes onde está a França? Aponta-m'a no mappa!"
 O alumno ergue-se então, os olhos fulgurantes,
 O rosto afogueado; e enquanto os estudantes
 Olham cheios de assombro aquelle destemido,
 Ante o mestre, nervoso, audaz e commovido,
 Timido feito heróe, pygmeu tornado athleta,
 Desaperta, febril, a sua blusa preta,
 E batendo no peito, impavida, a creança
 Exclama:
 - "É aqui dentro! aqui é que está a França!"

Na ocasião, ele não conseguiu recitar a poesia de Acácio Antunes, gaguejou e, enfim, foi um fracasso total. Porém, conseguiu êxito quando recitou, na Intendência, a poesia *O pássaro cativo*⁴²:

O Pássaro Cativo

Armas, num galho de árvore, o alçapão;
 E, em breve, uma avezinha descuidada,
 Batendo as asas cai na escravidão.

Dás-lhe então, por esplêndida morada,
 A gaiola dourada;
 Dás-lhe alpiste, e água fresca, e ovos, e
 tudo:
 Porque é que, tendo tudo, há de ficar
 O passarinho mudo,
 Arrepiado e triste, sem cantar?

É que, crença, os pássaros não falam.
 Só gorjeando a sua dor exalam,
 Sem que os homens os possam
 entender;
 Se os pássaros falassem,
 Talvez os teus ouvidos escutassem
 Este cativo pássaro dizer:

“Não quero o teu alpiste!

⁴² Poesia de Olavo Bilac, pertencente ao livro *Poesias Infantis*.

Gosto mais do alimento que procuro
 Na mata livre em que a voar me viste;
 Tenho água fresca num recanto escuro
 Da selva em que nasci;
 Da mata entre os verdes,
 Tenho frutos e flores,
 Sem precisar de ti!
 Não quero a tua esplêndida gaiola!
 Pois nenhuma riqueza me consola
 De haver perdido aquilo que perdi ...
 Prefiro o ninho humilde, construído
 De folhas secas, plácido, e escondido
 Entre os galhos das árvores amigas ...
 Solta-me ao vento e ao sol!
 Com que direito à escravidão me
 obrigas?
 Quero saudar as pompas do arrebol!
 Quero, ao cair da tarde,
 Entoar minhas tristíssimas cantigas!
 Por que me prendes? Solta-me covarde!
 Deus me deu por gaiola a imensidade:
 Não me roubes a minha liberdade ...
 Quero voar! voar! ... “

Estas cousas o pássaro diria,
 Se pudesse falar.
 E a tua alma, criança, tremeria,
 Vendo tanta aflição:
 E a tua mão tremendo, lhe abriria
 A porta da prisão...

A poesia *Pássaro Cativo* é tão longa quanto a poesia *O Estudante Alsaciano*, porém a poesia de Bilac foi elaborada com direcionamento para o público infantil. O sucesso de Alfredo, a partir deste momento de recitação, foi fundamental para conseguir fama de menino inteligente em Cachoeira, mas o motivo pelo qual ele recitou melhor uma poesia que a outra, se deve ao fato de que seus sentimentos estavam expressos em *O Pássaro Cativo*, isto porque ele se sentia um pássaro cativo na gaiola de Cachoeira e, além disso, a poesia representava sua vivência na natureza amazônica. Já a poesia d'*O estudante Alsaciano*, traduzia justamente a imagem da escola que não desejava e da qual queria fugir, pois os métodos lá utilizados iam de encontro ao seu projeto educacional.

Pela observação das leituras de poesia é possível inferir que ele fazia uma espécie de seleção dos textos poéticos a partir de suas preferências e de seus conteúdos, posto que só conseguia ler a poesia com a qual ele se identificava.

Alfredo visitava continuamente as estantes do pai, mesmo que não conseguisse entender algumas palavras que lia e partilhava essa angústia com a bolinha de tucumã. Na sua imaginação de pequeno leitor ele até recriava, criticamente, a História do Brasil, na companhia de sua bolinha fiel “tinha idade para pensar já que o Brasil andava errado. E sonhava com um presidente da República que fosse o salvador do país. Nilo Peçanha”⁴³ (JURANDIR, 1941, p. 144). Para Alfredo, o presidente era um cidadão que não se corrompia e o fato de gostar de Nilo Peçanha talvez fosse por este ter inaugurado o Ensino Técnico no Brasil, já que parte das preocupações de Alfredo era com a Educação.

Alfredo lia confusamente os livros da estante do pai por conta de ainda não estar familiarizado com o hábito de leitura, além de possuir um segredo que era o de não conseguir terminar a leitura de um texto, ocorrência descoberta pelo padeiro “Menino, você lê as coisas até o fim? Lê nada! Leu isso da Dr.^a Ormindia Bastos até o ponto final? [...] Alfredo ficava zangado porque o padeiro dizia mesmo a verdade” (JURANDIR, 1941, p. 261). O iniciante leitor ficava aborrecido, porém aceitava a crítica, pois reconhecia que sua leitura era seletiva; procurava apenas aquilo que lhe interessava, ou que estivesse relacionado ao seu projeto de vida, longe de Cachoeira.

O desejo insistente de Alfredo de sair de Cachoeira para estudar na capital será concretizado em outro livro do ciclo, intitulado *Belém do Grão-Pará* (1960). As visões de Alfredo sobre a capital Belém, local para onde irá estudar, aparecem de forma meio confusa para ele, pois concebe a cidade de duas maneiras: a primeira, sob o olhar de Siá Rosália, personagem que guarda ainda na memória os reflexos do *ciclo da Borracha* e que mostrou para Alfredo uma cidade com aparência de “reino de história encantada toda calçada de ouro e com casas de cristal, meninos com roupas de seda e museus com muitos bichos bonitos” (JURANDIR, 1941, p. 86). A outra visão da cidade ele conheceu quando esteve em Belém, na casa de mãe Ciana: uma cidade miserável, com barracas distantes do centro, ruas cheias de lama e moleques sujos, portanto, uma cidade distante da idealizada por Siá Rosália.

⁴³ Nilo Peçanha foi Presidente do Brasil (1909 a 1910).

O saldo positivo deste personagem-leitor, em relação aos demais personagens-leitores do romance, é seu projeto de crescer, não ficar estacionado em Cachoeira, mas conhecer as faces de Belém, do Rio de Janeiro, do mundo de fantasias que estava representado não somente pelas leituras que fazia nos catálogos e revistas, mas também, pelas conversas que tinha sobre essas leituras com seu caroço de tucumã.

4 DIFERENTES LEITORES, DIFERENTES LEITURAS

Chega mais perto e contempla as palavras,
Cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
Pobre ou terrível que lhe deres:
Trouxeste a chave?

(Carlos Drummond de Andrade)

As imagens de leituras representadas no livro *Chove nos campos de Cachoeira* não se aplicam apenas à família do Major Alberto, conforme visto no capítulo anterior. Existe, também, um foco de leitura localizado na taverna de Salu. Neste local, os opostos de leitura se encontrarão: de um lado, o Dr. Campos, que é um intelectual e de outro, o comerciante Salu. A distância cultural entre os dois é grande, mas ambos, a sua maneira, praticam a leitura denominada por Chartier de intensiva e extensiva.

4.1 Os contrassensos do Dr. Campos

Dr. Campos é um personagem secundário na narrativa dalcidiana. Tinha uma ampla risada, os cabelos em desalinho, o anel de bacharel no dedo e os olhos azuis enevoados. Ele agrega muitos atributos pessoais, culturais e também muitos cargos. Em Cachoeira, chega sob aplausos como Juiz de Direito, Intendente, tesoureiro e coletor de pastinha e caracteriza-se por ser um erudito, conhecedor da cultura letrada e do teatro.

Ele aparece como um grande leitor, pelos títulos diversificados e a frequência com que dizia ler e se mostrava tanto conhecedor das obras de escritores canônicos nacionais, quanto das obras de escritores estrangeiros. Conhecia a Bíblia, tinha afinidades com a política e conhecia os movimentos sociais que apareciam no mundo, além de interessar-se pelos fatos da história e da ciência:

Você não sabe o que está acontecendo na Rússia. Nicolau? Um santo. O martírio de Nicolau⁴⁴? Se assemelha aos dos mártires

⁴⁴ Nicolau II (1894 - 1917) foi imperador da Rússia, canonizado como neomártir (título dado confessores da fé ortodoxa e àqueles que foram martirizados sob alguns regimes modernos como o comunismo)

cristãos na Roma antiga! Você conhece a história da Roma Antiga? Nunca leu o *Gênio do Cristianismo*⁴⁵ traduzido pelo grande Camilo Castelo Branco, o genial autor do *Amor de Perdição*? (JURANDIR, 1941, p. 74).

Referia-se com veemência ao escritor português Camilo Castelo Branco, como tradutor, para exibir seus conhecimentos às pessoas da cidadezinha. Paralelo a isso, citava também Charles Darwin, para defender sua posição quanto aos furtos nas repartições públicas “o furto nas repartições públicas chama-se defesa” (JURANDIR, 1941, p. 77) e afirmava que existia “a lei da conservação da espécie” (JURANDIR, 1941, p. 77). Fazia a interpretação da teoria de Darwin à sua maneira, para defender o cargo que ocupava como servidor público. Na verdade, ele reutilizava o conceito da Seleção Natural Darwinista para dizer que os mais fortes (ou espertos) sobrevivem. Ele procede desta forma para incitar Major Alberto a praticar atos desonestos como ele, quando este era Tesoureiro da Intendência.

Sobre seus conhecimentos poéticos, mencionava Tobias Barreto e Castro Alves, com certa intimidade de quem tenta mostrar simplicidade disfarçada “conheci ainda Tobias em Recife. Que gênio! Seu Eutanázio, que gênio! E lírico quando tangia a harpa! Acho ele mais lírico que Castro Alves. Do Castro gosto do seu condoreirismo” (JURANDIR, 1941, p. 119). Para ampliar seu discurso, falava sobre o precursor do Romantismo, Johann Wolfgang von Goethe, acrescentando o estadista Otto von Bismarck, sob a afirmação de que “a Alemanha é a pátria de Goethe, de Bismarck” (JURANDIR, 1941, p. 119).

Seus discursos empolados sobre cultura eram longos e não cansava de citar algumas personalidades da literatura e de outras artes, como o escritor e filósofo francês Georges Bataille⁴⁶; a artista e dançarina Margaretha Geertruida Zelle, conhecida como Mata Hari; a bailarina Isadora Duncan; a atriz Eleonora Duse; e até a estátua da sedutora Vênus Calipígia⁴⁷.

⁴⁵ O *Gênio do Cristianismo*, de François René de Chateaubriand foi publicado em 1802 e traduzido em 1860, por Camilo Castelo Branco.

⁴⁶ Georges Bataille (1897 – 1962) foi um escritor francês que atuava nos seguintes campos: literatura, antropologia, filosofia, sociologia e história da arte, abordava temas como erotismo, transgressão e também o sagrado, porém uma marca de sua obra é a experiência política ligada ao radicalismo de esquerda, visto que era influenciado por Karl Marx, dentre outros filósofos e pensadores do seu tempo.

⁴⁷ Vênus Calipígia famosa estátua exibida no Museu Nacional de Nápoles, se destaca pelas nádegas arredondadas.

Ouvi a Duse⁴⁸! Vi Isadora Duncan⁴⁹! A Comédia Francesa⁵⁰! Tive paixão pelos ditos do grande, do inimitável Bataille! Depois foi aquela estação em Nice. A minha aventura com uma corista em Milão. Madame teve que tirar cálculos da bexiga na Suíça e voltei para o Brasil juiz-substituto e bebedor de cerveja. [...] conhecem a história de Mata Hari? Depois eu conto. Pois bem, disse isso a ela. És a Vênus Calipígia (JURANDIR, 1941, p.120).

O Dr. Campos gostava de exhibir seus conhecimentos sobre viagens, teatro, literatura e o fazia para deixar ainda mais diminuídos os seus interlocutores, moradores de Cachoeira, porém ele não era só leitor; também era escritor e, neste ofício, o personagem produzia textos religiosos para a revista *Verdade*, na taverna do personagem conhecido como Salu.

Salu possuía uma pequena venda, chamada algumas vezes, na narrativa, de taverna, que comercializava produtos de pesca, gêneros alimentícios e também bebidas alcoólicas. Era neste local que se reuniam pessoas das mais diversas classes sociais, inclusive algumas mulheres vistas como prostitutas, que inspiravam o Dr. Campos a escrever sobre religião, e dizia que “só em presença do Vício é que se pode escrever sobre a Virtude” (JURANDIR, 1941, p. 120). Ali, sob a inspiração de cerveja e de mulheres que levava para as “festas pagãs”, ele se sentia um verdadeiro deus, numa alusão às festas dionisiacas do deus grego Dionísio⁵¹.

O Dr. Campos se entregava aos desejos carnais, mas não deixava de comentar com o comerciante Salu, um de seus principais interlocutores, sobre a grandiosidade de seus artigos, pois eles seriam os responsáveis por colocar sua alma no céu, ao contrário de seu corpo que era humano, e poderia ser usado da maneira que lhe aprouvesse.

Na condição de escritor, o Dr. Campos conforme seus relatos, produziu onze artigos: cinco artigos referindo-se à política contra o bolchevismo, e seis

⁴⁸Eleonora Duse (1858 – 1924) foi uma atriz italiana, muito conhecida na Europa pelos papéis que representou, especialmente em participação em óperas, como a *Cavalleria Rusticana*, de Giovanni Verga (1895). Apresentou-se no Brasil no Teatro Lírico do Rio de Janeiro e em São Paulo no Teatro Santana.

⁴⁹Isadora Duncan (1877-1927) foi uma bailarina norte-americana que se tornou pioneira da dança moderna por transgredir as normas do balé clássico, usava movimentos improvisados e tinha muita expressividade pessoal. Fez uma apresentação no Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

⁵⁰A Comédia Francesa a que Dr. Campos se refere provavelmente é a *Le Tartuffe*, de Molière que é uma das mais famosas da França. Ela retrata personagens hipócritas e dissimulados. Tartufo significa hipócrita, falso religioso.

⁵¹Dionísio é um deus grego, das festas, do vinho, dos ciclos vitais e da insânia. Possui denominação romana de Baco.

religiosos, que versavam sobre a existência de Deus e sobre a Sagrada Eucaristia, além de receber solicitação para escrever sobre “o teatro e a igreja”. Assim, discursava longamente sobre seus artigos, dizendo que eles “lançava[m] uma advertência [que a] Igreja tem que ser antes de tudo um baluarte da sociedade. Tem que ser o farol da humanidade. Sou pela disciplina religiosa, pela oficialização da Igreja. Sou pelo Estado Teocrático, Salu!” (JURANDIR, 1941, p. 74). Ele acreditava nos princípios religiosos, porém não fazia uso dos mesmos, já que os “bons princípios”, que ressalta, encontram-se em oposição aos atos praticados por ele, justamente por ser ele um homem da justiça e que deveria espelhar boas atitudes para a sociedade.

Ele utilizava a religião para esconder sua moralidade e criticar os movimentos sociais como o bolchevismo na Rússia. Dizia ele:

“Os bolchevistas estupram crianças. Degolam velhos. Dinamitam igrejas. Tomam mulheres. Saqueiam, arrombam tumbas e castelos, vão talando tudo. São como os Bárbaros. São os... os... Hunos⁵². Sim, os hunos!” (JURANDIR, 1941, p. 73).

Com essa posição, ele toma a condição de representante de um pensamento antigo dos dominadores, que não consideravam positivo o movimento de luta por parte dos trabalhadores. Tal pensamento surgiu a partir da Revolução Russa (1917). Seu discurso era utilizado como instrumento de alienação às pessoas mais frágeis, como o vendedor Salu. Dr. Campos procurava reforço para suas ideias nas passagens bíblicas, salientando que o Apocalipse⁵³ tinha profetizado o surgimento do bolchevismo na Rússia.

O personagem que se considerava um erudito em seus inflamados discursos esnobava a população miserável de Cachoeira, em sua maioria representada por analfabetos que não conseguiam entender as palavras eruditas pronunciadas por ele e outros, como o personagem Eutanázio, tinham algumas vezes, de recorrer ao dicionário.

Um dos principais temas de suas conversas incidia em críticas à cidade de Cachoeira, lugar que lhe garantia o cargo de juiz e o dinheiro para beber. Gostava de discursar como um político em defesa da educação e da literatura:

⁵²Os Hunos são bárbaros da antiga Ásia, no século V.

⁵³Livro da bíblia que relata as revelações do final dos tempos.

a poesia é muito infeliz em Cachoeira, meus amigos. A literatura devia ser cultivada aqui para educar esse povo. Mas qual! Aqui é Rua das Palhas, cachaçada e vida alheia. Os poetas são mesmo do passado (JURANDIR, 1941, p. 119).

Discursos como estes eram constantemente proferidos por ele em Cachoeira e desestimulava aqueles que desejavam iniciar uma trajetória cultural, como os personagens Eutanázio, na produção de poesia e Salu, na leitura e representação de livros folhetinescos.

Dr. Campos lançava crítica aos poetas e também aos leitores folhetinistas e se referia ao tipo de romances lidos por Salu como “colossal romance” (JURANDIR, 1941, p. 156) e desdenhava do personagem Salu “[d]esgraçado taverneiro que lê o *Manuscrito Materno!*” (JURANDIR, 1941, p. 158). Justificava suas críticas dizendo que não lia qualquer romance e citava, como exemplo, o do Visconde de Taunay: “o único que li e, note-se gostei, foi o *Inocência!*” (JURANDIR, 1941, p. 158). Assim, Dr. Campos critica os leitores de romances folhetinescos, produções comuns no final do século XIX, o que será abordado na apreciação do personagem Salu, no tópico seguinte.

A avaliação que faz a personagem sobre seus conhecimentos culturais não é criteriosa, posto que se considera um intocável, livre de determinados comentários sociais por ser um religioso, ter um cargo de juiz, conhecer algumas leituras. Segundo ele, sua condição de Juiz Substituto era privilegiada moralmente em relação aos demais habitantes de Cachoeira e o eximia de qualquer acontecimento, que pudesse denegrir sua imagem.

No entanto, o que acontecia em sua gestão como Juiz Substituto era a ocorrência de determinados julgamentos impróprios, conforme comentava: “fiz aquela sentença por camaradagem[...] Pelo direito acabava na cadeia. O resultado foi o canalha ganhar a questão e andar dizendo que me deu dinheiro [...]. É claro que pagou umas cervejas” (JURANDIR, 1941, p. 159). Os atos do Dr. Campos, para as pessoas que conviviam com ele, como Salu e Eutanázio, eram reprováveis, principalmente o fato de ele ser um alcoólatra.

O momento final da sua carreira como Juiz Substituto, em Cachoeira, é quando ele protagoniza uma cena em que sai bêbado de cueca e revólver na

mão, tropeçando e caindo pela cidade. Este ato por ele praticado foi tão reprovável que a resposta de seu superior foi imediata:

Pois embarque esta noite mesmo. O Sr. fez um papel desgraçado, Dr. Campos. Saiu de cueca e foi para a casa do Major Alberto de revólver na mão. Apontou a arma para a janela justamente quando apareceu o Alfredo. Por um milagre que o revólver não disparou. O Sr. fez uma que nunca se deu. Disse desaforos pro Major. Voltou cambaleando. Caiu numa poça de lama no aterro. Depois deu outra queda defronte da padaria. Embarque hoje mesmo. Tem canoa aí. Foi uma coisa tremenda, Dr.!. (JURANDIR, 1941, p. 276).

O evento foi lamentado em Cachoeira por considerarem que ele era um erudito e poderia ter um final diferente: “que pena! Um doutor com tamanha inteligência...” (JURANDIR, 1941, p. 276). É interessante observar que mesmo aqueles que não conhecem a cultura letrada, em dado momento, sabem fazer uma leitura de mundo e dar uma melhor interpretação para os fatos recorrentes do dia-a-dia, do que aqueles que se julgam eruditos, como o Dr. Campos, mas que não conseguem aplicar seu conhecimento em favor de um mundo melhor.

Assim, as constantes oscilações do Dr. Campos contribuíram para um desfecho infeliz na vida do personagem dalcidiano. Sua atitude de servidor da fé, aliado à prática de vida inescrupulosa, foram decisivas para a sua derrocada, diferente da realidade, na qual seres que se alinham ao comportamento deste personagem, na maioria das vezes, não sofrem nenhuma sanção.

Desta forma, o estudo do personagem Dr. Campos permite reviver, pela literatura, seres e situações comuns na nossa sociedade, mas que alcançam uma ressignificação por meio do texto literário, posto que este representa os fatos de forma extensiva e, a partir daí, propicia discussões sobre temas importantes para seres reais de nossa sociedade, mas que só foi possível devido ao olhar diferenciado proporcionado pelo texto literário.

4.2 Salu: o contador de histórias

O personagem Salu, no romance, representa um nordestino, proprietário de uma pequena venda onde algumas pessoas ficavam reunidas para beber cerveja, conversar sobre assuntos diversos ou, simplesmente, para ouvi-lo

narrar histórias. Ele passava horas lendo romances, fato que deixava as pessoas de Cachoeira muito admiradas, especialmente pela disposição em ler os grossos volumes de romances e também pela maneira como ele narrava e dava sentimentos a cada palavra que retirava desses textos.

Salu não só tinha memória como dava um sentimento às palavras, narrava a maneira dele, rudemente, com aquele sotaque nordestino. Salu era um homem fabuloso. Pois de outro modo como contar aqueles vastíssimos romances, ter na cabeça todos os romances que enchem a prateleira onde guardava a linha que vendia aos pescadores? (JURANDIR, 1941, p. 185).

Salu se compara ao tipo de leitor “intensivo” que, segundo Roger Chartier, se apoiou na dicotomia proposta por Rolf Engelsing, quanto à existência de um leitor tradicional ou intensivo e um leitor moderno ou extensivo. Para ele,

O leitor intensivo era confrontado com um corpo limitado de textos, lidos e relidos, memorizados e recitados, ouvidos e sabidos de cor [...] o leitor extensivo que aparece na segunda metade do século XVIII, é totalmente diferente: ele lê numeroso impressos, novos, efêmeros, e os consome com avidez e rapidez. Seu olhar é distanciado e crítico (CHARTIER, 2007, p. 264).

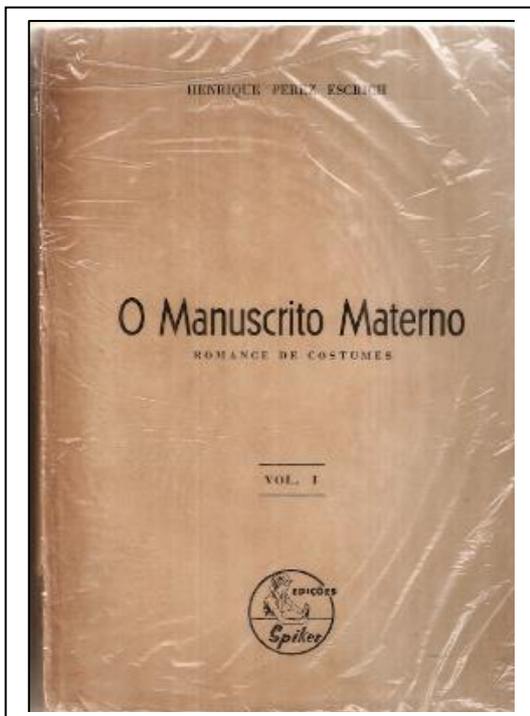
Esta condição de leitor intensivo é atestada na prática de leitura realizada por Salu, que se detém em ler romances de costumes e/ou folhetinescos de origem estrangeira, como os dos espanhóis Henrique Perez Escrich (1829 -1897): *O manuscrito materno*. Vol. I, II e III. *A mulher adúltera*. Vol. I, II, III e IV; António Contreras (século XIX): *Rainha e Mendiga*. Vol. I, II e III; e do francês Henri Hardel (1863-1938): *A dor de amar (Le mal d’aimer)*.

Em *Chove nos campos de Cachoeira*, na abordagem do personagem Salu, a imagem de leitura que mais aparece é do *Manuscrito Materno* de Escrich, escritor que atingiu grande sucesso no século XIX e no primeiro terço do século XX. Segundo Pinheiro Filho⁵⁴, ele foi um escritor popular, romancista e dramaturgo que conseguiu popularidade no Brasil, principalmente como folhetinista. Pinheiro Filho afirma que Escrich era muito consultado na

⁵⁴ PINHEIRO FILHO. José Humberto Carneiro. *Os Romances de Enrique Perez Escrich: Cotidiano de leituras na Biblioteca Provincial do Ceará*. Disponível em: http://www.ccaminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/abralic/romances_enrique.doc. Acessado em 22 de agosto de 2013.

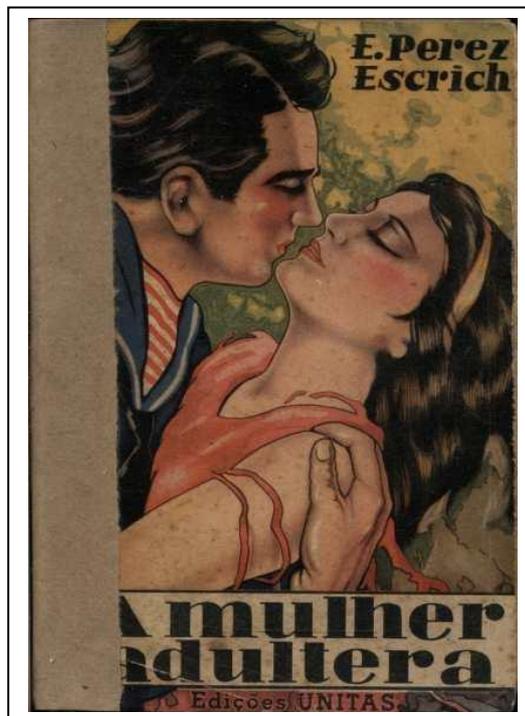
Biblioteca Provincial do Ceará e, durante a segunda metade do século XIX, a leitura de romances estrangeiros ocupou espaço privilegiado naquela província.

Figura 10 - O Manuscrito Materno, v. I



Fonte: Arquivo particular de Costa, R. B., maio/14

Figura 11 - A mulher adúltera-Enrique Escrich⁵⁵



Fonte: <http://www.lista.mercadolivre.com.br/>

A explicação para a veemente leitura de Salu pode ser entendida se somada ao fato narrado e ao fato histórico, em consequência da grande repercussão que teve Escrich no Ceará e a origem nordestina de Salu, ocorrência que provavelmente provocou esta preferência do personagem Salu pelo escritor espanhol.

Além disso, é importante compreender e ressaltar a dinâmica do comércio de livros e a presença dos livreiros em Belém do Pará, no período do século XIX:

Na segunda metade do século XIX a cidade de Belém em decorrência da intensa imigração portuguesa, ocasionada pelo comércio e extração do látex, começava a intensificar seu mercado de livros, [...] a prática de impressão funcionava desde 1821, importava livros diretamente de Portugal e seu mercado livreiro

⁵⁵ A forma como está grafado o nome de Henrique Escrich no *Manuscrito Materno* difere da forma como está grafado nos volumes de *A mulher Adúltera* (Enrique Escrich), também foram encontradas duas edições da obra com volumes diferenciados: os volumes I e II pela Typographia Portugueza, de 1873 e os volumes III e IV pela Livraria e Editora Mattos Moreira & Comp^a, de 1973, ambas em Lisboa.

aparecia representado em grandes catálogos como os de Garraux (SALES; NOBRE, 2009, p. 11-12).

Pelo exposto, é possível um entendimento da dimensão do comércio livreiro no Pará, já que Belém funcionava e ainda funciona como centro difusor de cultura para os outros municípios do estado. Diante disso, é importante salientar a importância das tipografias como transmissoras do conhecimento, como *Tipografia Imprensa Liberal; Tipografia Imprensa Imperial e Nacional; Typ. Nacional e Imperial; Typ. Sagitário; Typ. Philanthropica; Tipografia Santos e Irmãos; Tipografia Commercial; Tipografia do Diário Gram-Pará; Tipografia do Jornal do Amazonas*⁵⁶. Nesse cenário do comércio livreiro, as tipografias tinham importante papel, especialmente por fazer a divulgação de informações sobre uma cultura letrada em Belém do Pará oitocentista, com divulgação de livros, de notícias, bem como de anúncios de livros que vinham de outros países e de outros estados.

Do Espanhol Escrich, circularam no Brasil os seguintes títulos: *O cura da aldeia, A caridade cristã, O mártir do Gólgota, O último beijo, O casamento do Diabo, História de um beijo, Irmã Clemência, A inveja, A mulher adúltera, Cenas de uma vida, O inferno dos céus, A calúnia, Páginas da Desgraça, A esposa mártir, O gênio do bem, O maior dos amores, As redes do amor, e Os que riem e os que choram*. Dos livros acima citados, pertencentes a Escrich, *A mulher adúltera* e o *Manuscrito Materno* são mencionados neste primeiro romance de Dalcídio Jurandir.

⁵⁶ Para mais informações sobre a presença das tipografias em Belém do Pará, na segunda metade do século XIX, conferir a dissertação de mestrado de Izenete Garcia Nobre, intitulada *Leituras a vapor: a cultura letrada em na Belém Oitocentista*. Cf. NOBRE, Izenete Garcia. *Leituras a vapor: a cultura letrada na Belém Oitocentista*. Belém do Pará, 2009. 128 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2009. p. 41-42.

Figura 12: Rainha e mendiga - Antonio Contreras



Fonte: Arquivo do Grêmio Literário Português, maio/2014

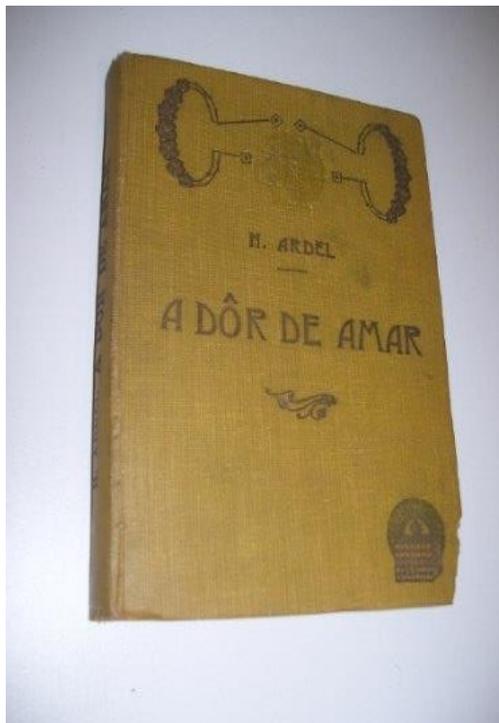
Em relação ao espanhol António Contreras (século XIX), não foram encontradas⁵⁷ informações sobre o mesmo, e a obra produzida por ele é de difícil acesso. Somente na Biblioteca Pública Arthur Vianna, setor de obras raras e na Biblioteca do Grêmio Literário Português, foi possível ver os volumes que constituem os textos de *A rainha e mendiga*. Na observação da obra de Contreras constatou-se que ela apresenta variações na edição dos volumes por apresentarem data de publicação divergentes quanto à sequência destes volumes. O primeiro volume é de 1910, o segundo, de 1907 e o terceiro, de 1908, tanto na Biblioteca Pública Arthur Vianna quanto na Biblioteca do Grêmio Literário Português. De acordo com as edições encontradas, a versão para o português foi feita por César da Silva, em Lisboa, editada por João Romano Torres & Cia, na *Typographia do Recreio*, também em Lisboa.

O francês Henri Hardel é um pseudônimo de Berthe Palmyre Victorine Marie Abraham (1863 -1938), escritora francesa dedicada à produção de romances sentimentais para moças. No Brasil, foi criada a Coleção Biblioteca das Moças (1920-1960), que iniciou no momento em que os livros estrangeiros

⁵⁷Conforme consulta efetuada pelos bibliotecários da Biblioteca Pública Arthur Vianna, no setor de obras raras, nas áreas de bibliotecas conveniadas.

começavam a ser exportados para o Brasil, em especial os franceses e portugueses. *A dor de amar* (*Le mal d'aimer*), de 1920, foi o romance lido por Salu, desta romancista francesa, mas não foi encontrado nas bibliotecas públicas em Belém do Pará.

Figura 13 - A dor de amar (Le mal d'aimer) - Henri Ardel



Fonte: <http://www.lista.mercadolivre.com.br/>

Os romances lidos por Salu são volumosos, conforme referido antes, e o *Manuscrito Materno*, de Escrich, foi a única obra acessível e de possível manuseio para análise de como funcionava a estratégia para prender o leitor aos livros. Constatou-se, por exemplo, que a obra, constituída por três volumes, totalizavam vinte e oito títulos interligados. Assim, os livros seguiam táticas para que o leitor lesse do primeiro ao terceiro volume.

Conforme citado, Escrich faz parte dos escritores estrangeiros que eram muito lidos no Brasil, pelo fato de também ser folhetinista, profissional que ganhava por linha escrita no jornal, de maneira que as histórias se tornavam as mais longas possíveis. Assim, “os escritos (...) apresentavam-se tão “inchados” que no instante da sua transposição para os livros resultaram em coleções de quatro, seis, oito e até doze volumes com páginas quase intermináveis”

(NADAF, 2009, p. 121), conforme foi percebido na análise dos textos lidos por Salu.

Os assuntos abordados nesses romances eram comuns ao público consumidor e giravam em torno de estórias de amores enfiados, paternidades trocadas, filhos ilegítimos, heranças usurpadas, todas elas seguidas de duelos, raptos, traições, assassinatos e prisões, que seduziam ainda mais os leitores, fato este que acontecia com Salu, quando ficava absorto nas leituras e perdia a noção do tempo e do mundo: “[Salu] foi furtado porque estava num pedaço do romance que não era possível deixar” (JURANDIR, 1941, p. 155-156). Sua distração era imensa que não prestava atenção ao seu redor de tão imerso na leitura que ficava.

A fidelização dos leitores nesses romances é absoluta, por existir no final de cada volume d’*O Manuscrito Materno*, por exemplo, perguntas que só poderiam ser respondidas no livro seguinte; além disso, o primeiro volume não apresenta sumário, sendo necessário percorrer todas as páginas do escrito para saber quais as narrativas que estariam disponíveis. Assim, após a leitura do primeiro exemplar⁵⁸, o leitor já estaria, definitivamente, enlaçado às narrativas e, naturalmente, seguiria para o próximo número.

O leitor, ao iniciar a leitura do segundo livro, não conseguia resgatar o título da narrativa que foi indicada no final do primeiro volume, pois um novo título era disponibilizado para este exemplar. O segundo volume já conta com um índice, porém das onze narrativas, somente eram registradas dez⁵⁹, o que constituía uma nova estratégia.

Outra tática encontrada na obra de Escrich, para segurar o leitor, era fazer perguntas para serem respondidas no próximo livro. Na transição do segundo para o terceiro volume d’*O Manuscrito Materno*, encontrou-se o seguinte texto:

⁵⁸ O primeiro volume contempla os seguintes títulos: *O último beijo*; *Um anjo da terra*; *Entre a vida e a morte*; *A chegada do órfão*; *Historia de uma caveira*; *Esclarecimento*; *O princípio dum drama* e *Novos planos*.

⁵⁹ Os títulos das narrativas do segundo volume d’*O Manuscrito Materno* seguem um percurso já apontado no primeiro: *Guerra aberta*; *O pardal*; *Longe de Espanha*; *Sob o céu de Espanha*; *Noite de angústia*; *O manuscrito materno*; *O ramo de oliveira*; *Uma vontade de ferro*; *Segue a leitura*; *A convalescença* e *Em Espanha*.

Qual a forma que tomará a vingança do conde da Fé? Como se desenrolará o choque entre ele e o duque del Rádio? Terá recompensa o amor silencioso de Júlio pela linda Clotilde? E Daniel, casar-se-à com Branca de Monforte? A todas estas perguntas o leitor encontrará resposta no terceiro e último volume do *Manuscrito Materno* (ESCRICH, 1956, p. 316).

Esta chamada, exposta no fim do segundo livro do romance-folhetim de Escrich, é uma estratégia que se assemelhava às dos folhetins de periódicos para prender o leitor. Ela também estará presente em todos os volumes da coleção, fazendo referência às narrativas lidas no volume e seu possível desfecho no próximo número. As formas utilizadas para prender o leitor eram sempre comuns a este tipo de publicação.

No índice do terceiro volume constam oito títulos, mas na realidade, existem nove⁶⁰ narrativas, por ter sido acrescentada ao livro mais uma narrativa. A ampliação do volume pode ser explicada como mais uma forma para prender o leitor, por meio da suposta criação de uma nova narrativa.

As constantes leituras de Salu provocavam incômodo na comunidade local; no entanto, existe um pensamento que é explicitado pelo narrador e que mostra certa criticidade da personagem: “[o] Juiz substituto, de porre [...] Salu não via isso nos seus romances. Nos seus romances as autoridades não pegam porre. Os homens ou são maus ou são bons, ou se apaixonam” (JURANDIR, 1941, p. 276). O trecho demonstra que o personagem que figura na ficção de forma secundária, de início, parece não ter opinião própria e nem voz. Neste excerto, ele realiza comparações entre a vida real do personagem e a dos seres fictícios dos romances de Escrich, para tecer críticas sobre o juiz por seu comportamento inadequado.

Percebe-se que existe no texto um ser crítico que não é exteriorizado e que só é possível conhecê-lo pela voz do narrador. Depreende-se que ele esboça certo caráter de formação moral, conseguida talvez pela leitura dos livros, haja vista que ele relaciona os personagens do livro ao personagem Dr. Campos. Esta informação revela o que a pesquisadora Valéria Augusti afirma quando se refere à “investigação sobre a possível atribuição de um caráter

⁶⁰No terceiro volume constam: *Abnegação*; *O sobrinho do milionário*; *Imposição*; *Um lance de efeito*; *A emboscada*; *Como as borboletas*; *A enfermeira do barão*; *Seis anos depois* e *Pobre cego*.

pedagógico moral ao romance moderno⁶¹ [...] [se deve a] uma crença de que este gênero literário era útil e eficaz instrumento de formação moral do leitor.” (AUGUSTI, 1998, p. 11). O caráter moral é demonstrado na comparação e no comentário velado do personagem, só escutado pelos leitores de Dalcídio Jurandir e comprovado pela influência da leitura que se percebe ter sofrido o personagem.

As intensivas leituras de Salu são comentadas no discurso de outra personagem que observa a maneira de interação deste personagem com a obra:

Mas é incrível o Salu. Pois dá uma surra todos os dias no Baltô e chora lendo o seu *Manuscrito Materno*. Um colossal romance. Não sei quantos volumes. Pois o homem sabe o enredo todo de cor. Passa os dias lendo. Se esquece dos fregueses, de tudo, e se encharca no *Manuscrito*. (JURANDIR, 1941, p. 156).

Desta forma, fica-se conhecendo não só a atividade intensiva de leitura, como também seu relacionamento com este tipo de narrativa: “O homenzinho abandona o calhamaço. Fica doido. Acaba no hospício” (JURANDIR, 1941, p. 156). É interessante notar a crítica das outras personagens pelo fato de Salu ler *O Manuscrito Materno*; no entanto, o narrador abre possibilidade para acrescentar mais títulos a serem vencidos por ele: “Salu, com o seu vagar, vai contando o seu *Manuscrito Materno* como contará, amanhã, a *Dor de Amar* e *A mulher Adúltera*.” (JURANDIR, 1941, p. 98).

Na cidade de Cachoeira, Salu tem a função de distrair as pessoas, inclusive nos momentos difíceis, como no pré-velório do personagem Eutanázio: “Alfredo se aquietou na rede e esperou que seu pai ao menos se levantasse para ouvir Salu, na saleta, contando baixinho a *Dadá* o romance da *Rainha e Mendiga*.” (JURANDIR, 1941, p. 156).

Sobre Salu, existe ainda um comentário feito pelo próprio Dalcídio Jurandir, quando explicava sobre sua perseguição à técnica de “fabricar romances”, de que “a literatura deve fazer o leitor pensar, ao contrário da leva folhetinesca da época, [...] cujos folhetins [aparecem nas leituras] do

⁶¹Inferência fundamentada nos discursos de STAËL, Germaine de. *Essaisurlesfictionsuivi de l'influence des passionssurlebonheurdesindividus et desnations*. Paris: Éditions Ramsay, 1979, p. 27. (ensaio de 1795) e de DIDEROT. *Éloge de Richardson In: Oeuvres Esthétiques*. Paris: Éditions Garnier, 1968.

personagem Salu⁶² (FURTADO, 2008). Notadamente, há uma intencionalidade na criação deste personagem para mostrar a existência de um novo modelo de romance.

⁶²Trabalho apresentado pela professora Marlí Furtado, no XI Congresso Internacional da ABRALIC: Tessituras, Interações e convergências. USP, 2008.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pra mim, livro é vida; desde que eu era muito pequena os livros me deram casa e comida. Foi assim: eu brincava de construtora, livro era tijolo; em pé, fazia parede, deitado, fazia degrau de escada; inclinado, encostava num outro e fazia telhado. E quando a casinha ficava pronta eu me espremia lá dentro pra brincar de morar em livro. [...]

(Lygia Bonjunga Nunes)

A leitura de *Chove nos campos de Cachoeira* proporciona, a cada retomada de releitura, descobrir o quanto se precisa ainda conhecer e entender das palavras que estão, aparentemente, sem nenhuma importância, expostas na narrativa; contudo, carregam uma carga de significação de grande alcance.

O estudo do texto, focalizado nas leituras dos personagens, mostrou, em princípio, que na construção da obra está o empenho de leituras realizadas pelo seu escritor que, como vimos, era um insaciável leitor e que naturalmente deixou suas marcas de leituras neste primeiro texto engendrado por ele.

O excelente leitor de textos também mostrou esta excelência na leitura do espaço social e, por sua atenta observação do ambiente real, criou na narrativa um lugar ficcional para debater com quem, leitor como ele, pudesse ser solidário com a sua angústia que era ver a situação do analfabetismo na região amazônica, um problema social que também era comum no Brasil e no resto do mundo.

Na pesquisa, foram recuperadas algumas leituras feitas pelos personagens e a cada recuperação de leitura conseguida, novo ânimo crescia para nova investida, isso porque alguns textos lidos pelos personagens poderiam ser somente figuração e nunca terem existido e alguns que existiram, poderiam não ser descobertos. Por conseguinte, foi necessário grande empenho para encontrar alguns textos e assim poder constatar algumas afirmações feitas no romance.

A confrontação entre ficcional e real trouxe alguns ganhos para a pesquisa e, o principal deles, é que foi possível saber, por exemplo, que algumas revistas de agricultura que circularam no Brasil, e que foram lidas por

três personagens, na narrativa, traziam em sua edição pequenos dicionários, catálogos e almanaques que, muitas vezes, vinham como brinde ao colecionador de revistas.

As revistas de agricultura não tratavam só de agricultura como as que conhecemos hoje. Elas trabalhavam com outros temas como a literatura, por exemplo, e nelas existia uma espécie de suplemento literário que os estudos de pesquisadores de outras áreas apontaram. No entanto, não foi possível conhecê-las, mas foram recuperadas por meio de estudos feitos por pesquisadores, como a tese de doutorado da pesquisadora Wanda Weltman, da FIOCRUZ, e da pesquisadora Ana Luiza Martins da USP.

Na pesquisa, ficou evidente a presença de dois núcleos de leitores que interagem entre si. O primeiro núcleo, integrado pelos leitores da família de Major Alberto, expõe a questão da necessidade da leitura e a situação das escolas e professores na cidade de Cachoeira. O segundo grupo, localizado na taverna de Salu, apresenta exemplos de leitores paradoxais, posto que eles exemplificam atos dispensáveis no bom uso da leitura.

Estudar a leitura dos personagens proporcionou conhecer as pesquisas que foram e estão sendo realizadas sobre a produção do escritor marajoara, especialmente as realizadas no campus da UFPA, em Belém-PA, desenvolvidas, principalmente, pela pesquisadora Marlí Furtado, além de conhecer a visão de diversos teóricos que trabalham com a questão da leitura em inúmeros campos do saber, como os da área de linguística, pedagógica, filosófica e da literatura e a reconfiguração destes estudos para a história da cultura. Assim, tornou-se possível a aplicação da teoria à pesquisa, com os estudos de leitura de Roger Chartier, Marisa Lajolo e Regina Zilberman, além de outros que forneceram também grande contribuição para este trabalho.

A comunidade de leitores de Cachoeira, pensada por Dalcídio Jurandir, foi construída com tijolos de livros que, lidos por ele, ou por seus personagens, puderam fazer o concreto que fixou o conhecimento nas paredes da saleta do chalé que “era um universo” e que agora se eternizou na construção e/ou reconstrução de outros chalés.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética**. Tradução. Antônio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Ediouro, [19--]

AUGUSTI, Valéria. **O romance como guia de conduta**: a moreninha e os dois amores. 1998. Dissertação (Mestrado)-Universidade de Campinas, Campinas, SP, 1998. Disponível em: <www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br.pdf>. Acesso em: 22 ago 2013.

BUENO, Luís. **Uma história do romance de 30**. São Paulo: EDUSP; Campinas, SP: UNICAMP, 2006.

BRANDÃO, Ruth Silviano; OLIVEIRA, José Marcos Resende. **Machado de Assis leitor**: uma viagem à roda de livros. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004.

_____. Antonio et al. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

CASTRO, Fábio Fonseca. **A cidade Sebastiana**: era da borracha, memória e melancolia numa capital da periferia da modernidade. Belém: Edições do autor, 2010.

CERVANTE Y SAAVEDRA, Miguel de. **D. Quixote de La Mancha**. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**: leitores e bibliotecas na França entre os séculos XIX e XVIII. Brasília: Editora UNB, 1994.

_____. **(org). Práticas da leitura**. São Paulo. Estação Liberdade, 1996.

_____. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 1999.

_____. **Do palco à página**: publicar teatro e ler romances na época moderna (séculos XVI-XVII). Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.

_____. **A História cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: DIFEL: 1988.

_____. **Inscriver e apagar**: cultura escrita e literatura, séculos XI - XVIII. São Paulo: UNESP, 2007.

_____. Por uma Sociologia Histórica das Práticas Culturais. In: _____. **História cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

DOM CASMURRO, ano 4, n. 160, p. 01, 1940.

ESCRICH, Henrique Perez. **O manuscrito materno**: romance de costumes. São Paulo: Edições Spiker, 1956. 3 v.

FIGUEIREDO. Aldrin Moura de. **Os vândalos do apocalipse e outras histórias**: arte e literatura no Pará dos anos 20. Belém: IAP, 2012.

FISCHER, Steven Roger. **História da leitura**. Tradução Claudia Freire. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 22. ed. São Paulo: Cortez, 1988.

FURTADO, Marlí Tereza. Universo derruído e corrosão do herói em Dalcídio Jurandir. Campinas: Mercado das Letras, 2010.

_____. Dalcídio Jurandir e o realismo socialista: primeiras investigações. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC: Tessituras, Interações e convergências, 12., 2008, [São Paulo]. **Anais ...** [São Paulo]: USP, 2008.

GAZETINHA, ano 2, 1922.

HOLANDA, Sílvio. A tematização do ato de ler em Dalcídio Jurandir: anotações em torno de *Chove nos campos de Cachoeira*. In: **Asas da Palavra-Revista de Letras**, Belém, v. 13, n. 26, 2010-2011.

JOUBE, Vincent. **A leitura**. São Paulo: Unesp, 2004.

JURANDIR, Dalcídio. **Chove nos campos de Cachoeira**. 1. ed. Rio de Janeiro: Vecchi: 1941.

_____. **Chove nos campos de Cachoeira**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011.

_____. **Ponte do galo**. São Paulo: Martins: 1971.

KLEIMAN, Ângela. O conhecimento prévio da leitura. In: _____. **Texto e leitor**: aspectos cognitivos da leitura. 11. ed. Campinas, SP: Pontes, 2008. p. 13.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2011.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1998.

MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em revistas**: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922). São Paulo: Editora da USP: Fapesp, 2008.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**, São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

NADAF, Yasmin Jamil. **O romance folhetim francês no Brasil: um percurso histórico**. Letras, Santa Maria, v. 19, n. 2, p. 119-138, jul./dez. 2009 Disponível em: <http://w3.ufsm.br/revistalettras/artigos_r39/artigo39_008.pdf> Acesso em: 22 ago 2013.

NUNES, Benedito. **Crivo de papel**. São Paulo: Ática, 1999.

NUNES, Benedito; PEREIRA, Ruy; PEREIRA, Soraia Reolon (Org.). **Dalcídio Jurandir: romancista da Amazônia**: literatura & memória. Belém: SECULT, [Rio de Janeiro]: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2006.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2011.

PIGLIA, Ricardo. **O último leitor**. São Paulo: Companhia das Letras. 2006.

PRESSLER, Gunter Karl. O maior romancista da Amazônia: Dalcídio Jurandir - e o mundo do arquipélago de Marajó. In: _____. **Amazônia**: região universal e teatro do mundo. São Paulo: Globo, 2010.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina. **Dicionário de narratologia**. 7. ed. Coimbra: Almedina, 2002.

WELTMAN, Wanda Latmann. **A educação do Jeca**: ciência, divulgação científica e agropecuária na Revista Chácaras e Quintais (1909 -1948). Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde)-Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <<http://arca.icit.fiocruz.br/handle/icit/3979>>. Acesso em: 23 maio 2014.

SALES, Germana; NOBRE, Izenete. Mercadorias e livros: entre fumo de rapé e aguardente, na Belém do século XIX. **MOARA**, Belém, n. 31, p. 11-29, jan. Jun., 2009.

SALLES, Vicente. Um quadro de vivências marajoaras. In: ASSIS, Rosa (Org.). **Estudos comemorativos Marajó**: Dalcídio Jurandir, 60 anos. Belém: UNAMA, 2011.

SARGES, Maria de Nazaré. **Belém**: riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912). Belém: Paka-Tatu, 2000.

TORRES, Antônio; MARANHÃO, Haroldo; GALVÃO, Pedro. Um escritor no purgatório. **Revista Escrita**, ano 1, n. 6, 1976.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ABREU, Marcia. **Leitura, história e história da leitura**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1999.

ARDEL, Henri. **A dor de amar (Le mal d'aimer)**. Rio de Janeiro: Livraria Castilho, 1920.

ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Ática, 2012.

_____. **A mão e a luva**. São Paulo: Ática, 2010.

BARTHES, Roland et al. **Análise estrutural da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 2009.

CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. In: _____ **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1987.

CARNEIRO, Edison. **Religiões negras**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.

CARPEAUX, Otto Maria. Introdução. In: DOSTOIÉVSK, Fiódor. **Os irmãos Karamázov**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

CERTEAU, Michel de. Ler: uma operação de caça. In: _____. **A invenção do cotidiano**. Rio de Janeiro: Petrópolis, 2003.

CONTRERAS, António. **Rainha e mendiga**. Tradução César da Silva. Lisboa: João Romano Torres 1910. v.I

_____. **Rainha e mendiga**. Tradução César da Silva. Lisboa: João Romano Torres 1907. v.II

_____. **Rainha e mendiga**. Tradução César da Silva. Lisboa: João Romano Torres 1908. v.III

CRUZ, Miguel Evangelista Miranda da. **Marajó, essa imensidão de ilha**. Guarulhos: Parma, 1987.

DARNTON, Robert. **O Beijo de Lamourette**. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DUMAS, Alexandre. **O conde de Monte Cristo**, [n.d.].

ESCRICH, Henrique Perez. **A mulher adúltera**. Lisboa: Typographia Portuguesa, 1873. v. I, II.

_____. **A mulher adúltera**. Lisboa: Liv. Ed. Mattos Moreira & Comp., 1973. v. III, IV.

FAILLACE, Vera Lúcia Miranda. **Arquivo Arthur Ramos**: inventário analítico. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2004. Disponível em: <<http://www.bn.br/>>. Acesso em: 05 maio 2014.

FARIA, Otávio de. “**Dois romancistas: Jorge Amado e Amando Fontes**”. In: Boletim de Ariel. Rio de Janeiro, (I,18) 1933. p. 7-8.

FARIAS, Fernando Jorge Santos. **Representação de educação na Amazônia em Dalcídio Jurandir**: (des) caminhos do personagem Alfredo em busca da educação escolar. Dissertação (Mestrado)-Belém: Universidade Estadual do Pará, 2009.

FERREIRA, Cássio Dandoro Castilho. **Leitura e literatura no século XIX**: considerações nas cartas e crônicas de Aluísio Azevedo. Disponível em: <www.alb.com.br/anais17/txtcompletos/sem04/COLE-_4320.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2013.

HORELLOU-LAFARGE, Chantal; SEGRÉ, Monique. **Sociologia da leitura**. Cotia: Ateliê, 2010.

IANNACE, Ricardo. **A leitora Clarice Lispector**. São Paulo: EDUSP, 2001.

KRIJANOWSKI, Wera. **A vingança do judeu**. De J. W. Rochester, [n.d].

LAJOLO, Marisa. **A Leitura rarefeita**: leitura e livro no Brasil. São Paulo: Ática, 1991.

LISPECTOR, Clarice. **Felicidade clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco. 1998.

NOBRE, Izenete Garcia. **Leituras a vapor**: a cultura letrada na Belém oitocentista. Belém, 2009. 128 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários)-Universidade Federal do Pará, Belém, 2009.

NUNES, Benedito. **O tempo na narrativa**. São Paulo: Ática, 2003.

PANTOJA, Edilson. **Morte, desamparo, niilismo e liberdade**: abalo e entusiasmo ante Chove nos campos de Cachoeira, de Dalcídio Jurandir, Dissertação (Mestrado)-Universidade Federal do Pará, Belém, 2006.

PEREIRA, Arthur Ramos de Araújo. **Negro brasileiro**: etnografia religiosa e psicanálise. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934.

PINHEIRO FILHO, José Humberto Carneiro. **Os romances de Enrique Perez Escrich**: Cotidiano de leituras na Biblioteca Provincial do Ceará. Disponível em: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/abralic/romances_enrique.doc>. Acesso em: 22 ago. 2013.

RODRIGUES, Alcir de Vasconcelos. **Leitores e práticas de leitura em Ponte do galo, de Dalcídio Jurandir.** Disponível em: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAQs0AI/leitores-praticas-leitura-ponte-galo-dalcidio-jurandir>>. Acesso em: 20 ago. 2013

SAINT-PIERRE, Bernardin de. **Paulo e Virgínia.** Disponível de: <<http://licrisdevaneiosliterarios.blogspot.com/2010/01/paulo-e-virginia-bernardin-de-saint.html>>. Acesso em: 22 ago. 2013

SCHOPENHAUER, Arthur. **Dores do Mundo.** Lisboa: Santos & Vieira, [1913].

SÉGUIR, Jaime. **Dicionário Prático Ilustrado.** Disponível em: <http://img1.mlstatic.com/raridade-1968-dicionario-ilustrado-urups-3-edico_MLB-O-139823613_4010.jpg>. Acesso em: 22 ago. 2013

SHAKESPEARE, William. **Hamlet.** São Paulo: Disal, 2005.

QUEIRÓS, Eça de. **O primo Basílio.** São Paulo: Ática, 1998.

ZILBERMAN, Regina. O leitor moderno no Brasil. In: SÜSSEKIND, Flora; DIAS, Tânia (Org.). **A historiografia literária e as técnicas de escrita.** Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa: Vieira e Lent, 2004.

ANEXOS

Anexo 1 – Dissertações sobre o escritor Dalcídio Jurandir na UFPA

DISSERTAÇÕES	AUTOR	ANO
Aquonarrativa: uma leitura de <i>Chove nos Campos de Cachoeira</i> , de Dalcídio Jurandir	Paulo Jorge Martins Nunes	1998
No entre-lugar do feminino: uma leitura de ' <i>Marajó</i> ' de Dalcídio Jurandir	Alice de Fátima Nogueira de Moura	2003
Tempo e espaço em Belém do Pará, de Dalcídio Jurandir	Paulo Sérgio Ornela	2003
O <i>Bildungsroman</i> na Amazônia: a caracterização do romance de formação na obra literária de Dalcídio Jurandir	Rosanne Cordeiro de Castelo Branco	2004
Identidade e História: " <i>Belém do Grão Pará</i> " como narrativa da nacionalidade	Elielson de Souza Figueiredo	2005
A edição, a divulgação e a crítica da obra de Dalcídio Jurandir. O aspecto do paratexto à recepção	Milena do Socorro Oliveira Albuquerque	2005
Cidade e Antíteses: uma leitura do romance <i>Passagem dos Inocentes</i> de Dalcídio Jurandir	Marcos Monteiro Almeida	2005
Dona Cecé: um feminino singular, em <i>Passagem dos Inocentes</i> , Dalcídio Jurandir	Neilci do Socorro Coelho dos Santos	2005
Entre a Madeleine e o caroço de tucumã: narração e memória em ' <i>Os Habitantes</i> '	Dirce Corrêa do Nascimento	2005
Alberto e Alfredo: vozes de denúncia social em Ferreira de Castro e Dalcídio Jurandir,	Rosa Maria Pinheiro de Sousa	2005
Morte, Desamparo, Niilismo e Liberdade. Abalo e entusiasmo ante <i>Chove nos campos de Cachoeira</i> , de Dalcídio Jurandir	Edilson Pantoja	2006
De fazendas e vaqueiros: literatura, identidade e cultura em <i>Marajó</i> , de Dalcídio Jurandir	Solange Henrique da Silva Chaves	2006
Leituras: literatura e [homo] erotismo	Paulo José Maués de Corrêa	2006
Tra[d]ição e o jogo da diferença em <i>Marajó</i> , de Dalcídio Jurandir	Luiz Guilherme dos Santos Júnior	2006
O pessimismo schopenhauriano na obra <i>Chove nos Campos de Cachoeira</i> , de Dalcídio Jurandir	Patricia Sheyla Bagot de Almeida	2007
<i>Marajó: espaço, sujeito e escrita</i>	Ivone dos Santos Veloso	2007
De Cachoeira a Belém: a inflexão das ilusões de Alfredo	Paulo Jorge de Moraes Ferreira	2008
Identidade e hibridismo em Dalcídio Jurandir: a formação identitária de Alfredo, em <i>Três casas e um rio</i>	Marcilene Pinheiro Leal	2008
Espaço ficcional no romance <i>Ponte do Galo</i> , de Dalcídio Jurandir	Alcir de Vasconcelos Álvares Rodrigues	2008
O grotesco em Dalcídio Jurandir: <i>Chove nos campos de Cachoeira e Três casas e um rio</i>	Viviane Dantas Moraes	2011
<i>Marajó</i> : a representação estética do pensamento de Dalcídio Jurandir	Gerson de Sousa Mendonça	2012
Mito, imaginário e sociedade em " <i>Três casas e um rio</i> ", de Dalcídio Jurandir	Elaine Pastana Valério	2012
Arte, realidade: a construção ficcional e o realismo dalcidianiano em <i>Marajó e Belém do Grão-Pará</i>	Thiago Gonçalves Souza	2012
"Um passeio nos campos seria uma viagem pelo mundo": linguagem e experiência em Dalcídio Jurandir	André Luís Valadares Aquino	2013
A personagem feminina em <i>Linha do Parque</i> , de Dalcídio Jurandir	Alinnie Oliveira Andrade	2013

Anexo 2 - Se se morre de amor, de Gonçalves Dias (JURANDIR, 1941, p. 39). Texto poético citado sem referências de autoria.

Se se morre de amor

<p>Se se morre de amor! – Não, não se morre, Quando é fascinação que nos surpreende De ruidoso sarau entre os festejos; Quando luzes, calor, orquestra e flores Assomos de prazer nos raiam n'alma, Que embelezada e solta em tal ambiente No que ouve e no que vê prazer alcança! Simpáticas feições, cintura breve, Graciosa postura, porte airoso, Uma fita, uma flor entre os cabelos, Um quê mal definido, acaso podem Num engano d'amor arrebentar-nos. Mas isso amor não é; isso é delírio Devaneio, ilusão, que se esvaece Ao som final da orquestra, ao derradeiro Clarão, que as luzes ao morrer despedem: Se outro nome lhe dão, se amor o chamam, D'amor igual ninguém sucumbe à perda. Amor é vida; é ter constantemente Alma, sentidos, coração – abertos Ao grande, ao belo, é ser capaz d'extremos, D'altas virtudes, té capaz de crimes! Compreender o infinito, a imensidade E a natureza e Deus; gostar dos campos,</p>	<p>D'aves, flores, murmúrios solitários; Buscar tristeza, a soledade, o ermo, E ter o coração em riso e festa; E à branda festa, ao riso da nossa alma fontes de pranto intercalar sem custo; Conhecer o prazer e a desventura No mesmo tempo, e ser no mesmo ponto O ditoso, o misérrimo dos entes; Isso é amor, e desse amor se morre! Amar, é não saber, não ter coragem Pra dizer que o amor que em nós sentimos; Temer qu'olhos profanos nos devassem O templo onde a melhor porção da vida Se concentra; onde avaros recatamos Essa fonte de amor, esses tesouros Inesgotáveis d'lusões floridas; Sentir, sem que se veja, a quem se adora, Compreender, sem lhe ouvir, seus pensamentos, Segui-la, sem poder fitar seus olhos, Amá-la, sem ousar dizer que amamos, E, temendo roçar os seus vestidos, Arder por afogá-la em mil abraços: Isso é amor, e desse amor se morre!</p>
--	--

Anexo 3 - Ouvir Estrelas, de Olavo Bilac (JURANDIR, 1941, p. 39).
Texto poético sem referências de autoria.

Ouvir Estrelas

"Ora (dizeis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso!" E eu vos direi, no
entanto,
Que, para ouvi-las muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto...

E conversamos toda noite, enquanto
A Via Láctea, como um pálio aberto,
Cintila. E, ao vir o sol, saudoso e em
pranto,
Inda as procuro pelo céu deserto.

Dizeis agora: "Tresloucado amigo!
Que conversas com elas? Que sentido
Tem o que dizes, quando não estão
contigo?"

E eu vos direi: "Amai para entendê-las!
Pois só quem ama pode ter ouvido Capaz
de ouvir e de entender estrelas".

Anexo 4 - As Pombas, de Raimundo Correa (JURANDIR, 1941, p. 39).
Texto poético sem referências de autoria.

As Pombas

Vai-se a primeira pomba despertada...
Vai-se outra mais... mais outra... enfim
dezenas
De pombas vão-se dos pombais, apenas
Raia sanguínea e fresca a madrugada...

E á tarde, quando a rígida nortada
Sopra, aos pombais de novo elas,
serenas,
Rufando as asas, sacudindo as penas,
Voltam todas em bando e em revoada...

Também dos corações onde abotoam,
Os sonhos, um por um céleres voam,
Como voam as pombas dos pombais;

No azul da adolescência as asas soltam
Fogem... Mas aos pombais as pombas
voltam,
E eles aos corações não voltam mais...

Anexo 5 - O Amor e o medo, de Casimiro de Abreu (JURANDIR, 1941, p. 39).
 Texto poético citado sem referências de autoria.

O Amor e o Medo

Quando eu te vejo e me desvio cauto
 Da luz de fogo que te cerca, ó bela,
 Contigo dizes, suspirando amores:
 - "Meu Deus! que gelo, que frieza aquela!"

Como te enganas! meu amor, é chama
 Que se alimenta no voraz segredo,
 E se te fujo é que te adoro louco...
 És bela - eu moço; tens amor, eu - medo...

Tenho medo de mim, de ti, de tudo,
 Da luz, da sombra, do silêncio ou vozes.
 Das folhas secas, do chorar das fontes,
 Das horas longas a correr velozes.

O véu da noite me atormenta em dores
 A luz da aurora me entenece os seios,
 E ao vento fresco do cair das tardes,
 Eu me estremece de cruéis receios.

É que esse vento que na várzea - ao longe,
 Do colmo o fumo caprichoso ondeia,
 Soprando um dia tornaria incêndio
 A chama viva que teu riso ateia!

Ai! se abrasado crepitasse o cedro,
 Cedendo ao raio que a tormenta envia:
 Diz: - que seria da plantinha humilde,
 Que à sombra dela tão feliz crescia?

A labareda que se enrosca ao tronco
 Torrara a planta qual queimara o galho
 E a pobre nunca reviver pudera.
 Chovesse embora paternal orvalho!

Ai! se te visse no calor da sesta,
 A mão tremente no calor das tuas,
 Amarrotado o teu vestido branco,
 Soltos cabelos nas espáduas nuas! ...

Ai! se eu te visse, Madalena pura,
 Sobre o veludo reclinada a meio,
 Olhos cerrados na volúpia doce,
 Os braços frouxos - palpitante o seio!...

Ai! se eu te visse em languidez sublime,
 Na face as rosas virginais do pejo,
 Trêmula a fala, a protestar baixinho...
 Vermelha a boca, soluçando um beijo!...

Diz: - que seria da pureza de anjo,
 Das vestes alvas, do candor das asas?
 Tu te queimaras, a pisar descalça,
 Criança louca - sobre um chão de brasas!

No fogo vivo eu me abrasara inteiro!
 Ébrio e sedento na fugaz vertigem,
 Vil, machucara com meu dedo impuro
 As pobres flores da grinalda virgem!

Vampiro infame, eu sorveria em beijos
 Toda a inocência que teu lábio encerra,
 E tu serias no lascivo abraço,
 Anjo enlodado nos paus da terra.

Depois... desperta no febril delírio,
 - Olhos pisados - como um vão lamento,
 Tu perguntaras: que é da minha coroa?...
 Eu te diria: desfolhou-a o vento!...

Oh! não me chames coração de gelo!
 Bem vês: trai-me no fatal segredo.
 Se de ti fujo é que te adoro e muito!
 És bela - eu moço; tens amor, eu
 - medo!...